MITSUBISHI MOTORS • C6 BANK

UNQUIET



DELTA DO PARNAÍBA · IBIZA · MADAGASCAR

EDIÇÃO 04 | UNQUIET

CUSTOM | A SUA AGÊNCIA DE CONTEÚDO

Tech and Soul

C6 Invest

A plataforma completa de
investimentos do C6 Bank

Regras claras e produtos
que atendem os seus interesses.
Conheça C6 Invest.

Baixe o app
e abra sua conta.

Baixar na App Store

DISPONÍVEL NO Google Play

C6 BANK
é da sua vida

MIT

assinatura

Contratou, dirigiu.



4 you 4 good deal

AGORA VOCÊ PODE
TER SEU **MITSUBISHI 0 KM POR ASSINATURA.**

Aproveite **mais tecnologia e conforto** com muito **menos burocracia.**

SIMPLES DE CONTRATAR:
- **FRANQUIAS DE 1.000 E 2.000 KM/MÊS**
- **PLANOS DE 12 E 24 MESES**
- **OPÇÃO DE BLINDADO NO PLANO DE 36 MESES**

TUDO INCLUSO:
- Veículo 0 km
- IPVA
- Documentação
- Proteção total
- Revisão programada
- Assistência 24h
- Veículo reserva em caso de sinistro

E MUITO MAIS VANTAGENS E BENEFÍCIOS!

Tech and Soul

NO TRÂNSITO, SUA RESPONSABILIDADE SALVA VIDAS.

SAIBA MAIS EM:
www.mitassinatura.com.br

MITSUBISHI MOTORS
Drive your Ambition



NOVIDADES DIÁRIAS E SEMANAIS PARA VIAJARMOS PELO MUNDO COM DICAS SOBRE VIAGENS GASTRONÔMICAS, CULTURAIS, ESPORTIVAS, ARTE, ARQUITETURA E BEM-ESTAR. E COM BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS PARA NOSSOS LEITORES!

@REVISTAUNQUIET @REVISTAUNQUIET @REVISTAUNQUIET @REVISTAUNQUIET @REVISTAUNQUIET @REVISTAUNQUIET

REVISTAUNQUIET.COM.BR

Sumário

018 **360º** – Jantares, passeios, festivais e lugares incomuns

030 **Check-in** – O que não pode faltar na bagagem da sua próxima viagem

038 **Biblioteca** – As melhores livrarias de Paris

046 **Sustentabilidade** – O artesanato da carnaúba e os bordados do Piauí

050 **Brasil** – A beleza única e a vida selvagem do delta do Parnaíba

064 **Cultura** – Angkor Vat, a cidade dos templos perdidos no Camboja

076 **Arte** – Três museus quase secretos de Paris

086 **Esporte** – Uma cavalgada pela Coxilha Rica, em Santa Catarina

094 **Bem-estar** – Deixe-se cuidar em Ibiza

102 **Proudly** – A semana arco-íris de Aspen

108 **Ensaio** – A religiosidade e o folclore do Brasil, por Andréa Damato

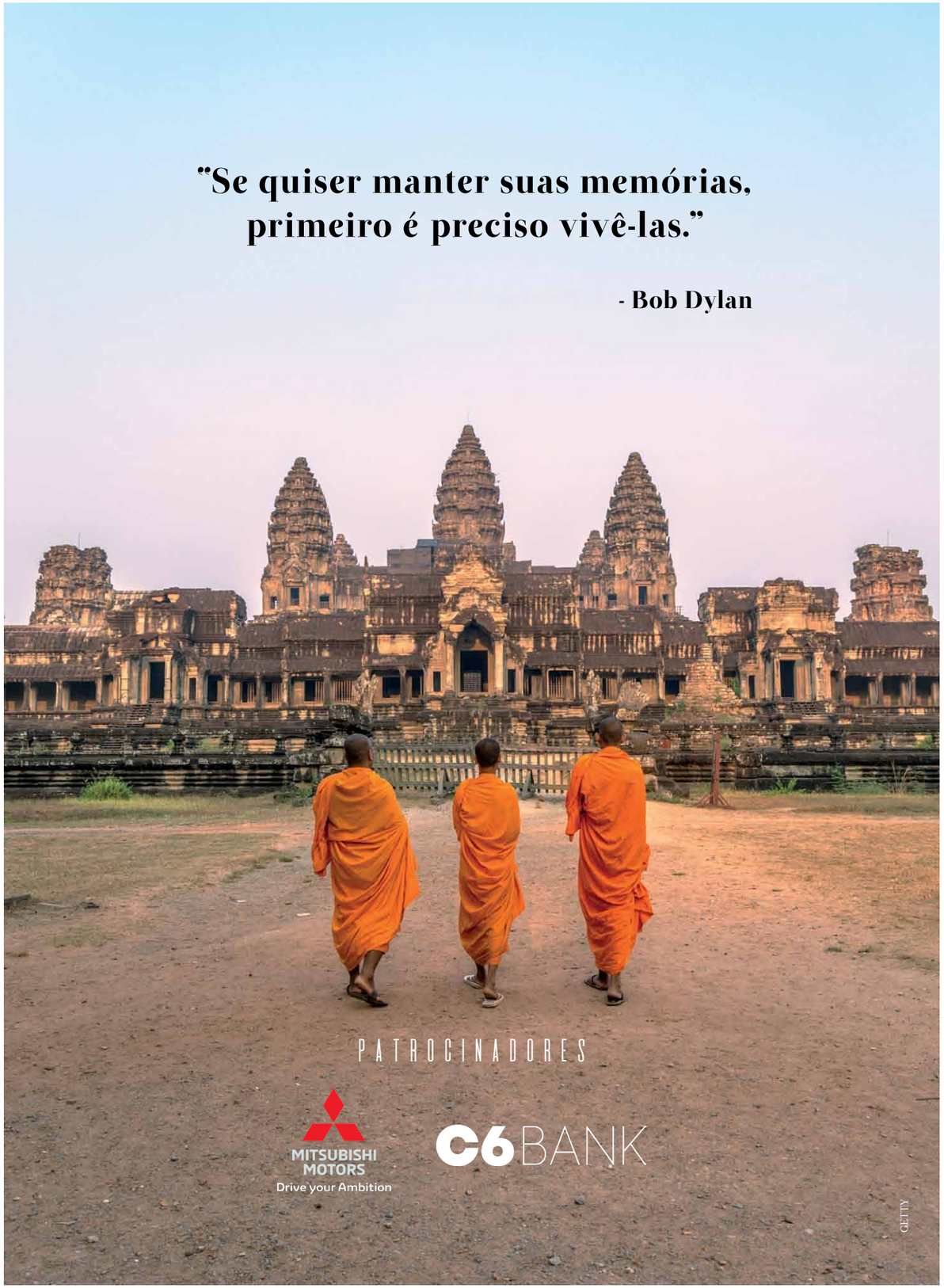
116 **Gastronomia** – Nova Orleans: roteiro culinário na terra do jazz

126 **Aventura** – Madagascar, a terra dos baobás

136 **Entrevista** – Petit Miribel, do hotel Sol y Luna, no Peru, e seu projeto social

144 **Crônica** – Washington Olivetto fala de Istambul

146 **Inspiradores** – Sir Wilfred Thesiger, o desbravador do deserto



UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER
Corinna Sagesser

DIRETOR EDITORIAL
Fernando Paiva

DIRETOR EXECUTIVO
André Cheron

CONSULTOR
Erik Sadao

DIRETOR COMERCIAL
Ricardo Battistini

DIRETOR DE ARTE
Ken Tanaka

EDITOR DE ARTE
Raphael Alves

GERENTE DE MARKETING E CONTEÚDO DIGITAL
Carolina Sagesser Rodrigues

COORDENADORA DIGITAL
Patricia Poli

PRODUTORA DE CONTEÚDO DIGITAL
Marjorie Luz

PROJETO GRÁFICO
Ken Tanaka e Raphael Alves

GERENTES DE CONTAS E NOVOS NEGÓCIOS
Fabiano Fernandes e Mirian Pujol

COLABORARAM NESTE NÚMERO
Texto: André Fischer, Beatriz Yunes Guarita, Carlos Marcondes, Daniel Japiassu, Juliana A. Saad, Luciana Lancellotti, Marc Pottier, Marcello Borges, Naiara Wagner, Walterson Sardenberg Sº, Washington Olivetto e Zeca Camargo
Edição: Ricardo Prado
Fotos: Andréa Damato e João Farkas
Ilustração: Antonio Tavares e Cláudia Proushan
Revisão: Goretti Tenorio

CAPA
João Farkas

CUSTOM EDITORA LTDA.
Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista
São Paulo (SP) – CEP 01407-200
Tel. (11) 3708-9702
revistaunquiet@customeditora.com.br

revistaunquiet.com.br
@revistaunquiet
/revistaunquiet
/revistaunquiet
@revistaunquiet
revista unquiet

MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C044162

Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.

Editorial

Depois de tanto tempo sem viajar, percebo cada vez mais a falta que me faz observar novas paisagens, conhecer novas culturas, degustar novos sabores e rever os amigos feitos em jornadas passadas. Viajar é alimento para a minha alma. É o combustível para que a mente se mantenha em constante transformação para mudanças que me fazem crescer como pessoa. Me enche de alegria esse momento em que pouco a pouco poderemos voltar a viver essas experiências.

A UNQUIET nasceu quando ainda não tínhamos nenhuma previsão do retorno das viagens. Desde o início, nossa plataforma se posicionou como um vetor de inspiração durante tempos de incerteza sobre voltar a viajar. Para contribuir com o movimento de reconstrução do turismo nacional, privilegiamos os destinos ainda pouco conhecidos no Brasil pela maioria dos brasileiros. A Amazônia, os Lençóis Maranhenses e o Jalapão estamparam nossas primeiras capas. E nesta edição chegamos ao delta do Parnaíba, belamente fotografado por João Farkas. Ele captou o entardecer das dunas e o voo dos guarás nesse paraíso que temos no nosso país.

O Brasil aparece ainda numa viagem a cavalo por Santa Catarina, estado de natureza intocada, com muito mais a oferecer do que as praias de fama internacional. Para comemorar a reabertura da França para os brasileiros, estamos dando dois enfoques sobre Paris, cidade do coração de tantos de nós: um giro pelas livrarias mais charmosas e outro por pequenos museus e galerias quase escondidos e que são imperdíveis para quem viaja para essa cidade que tanto amamos.

Em outros tempos, sinônimo de badalação, Ibiza agora se reinventa como um destino de bem-estar. Estivemos lá para acompanhar a abertura de um novo hotel que capitaneia essa transformação. Do outro lado do mundo, o Camboja inspira transformações profundas, a partir da vivência com a cultura budista ancestral do leste asiático. E para reforçar nosso principal pilar, a sustentabilidade, apresentamos duas iniciativas realizadas na América do Sul. No Piauí, a partir do trabalho de duas ONGs que merecem sua atenção; e no Peru, onde celebramos a obra de Petit Miribel, cofundadora da Associação e do hotel Sol y Luna, no Vale Sagrado.

Como sempre, nossos leitores têm acesso a experiências exclusivas nos hotéis que apresentamos. E espero que a UNQUIET continue a inspirar os viajantes de alma inquieta a planejar e sonhar com novas aventuras.

Be UNQUIET e boa leitura!


Tuca Reinés

CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

Um Mitsubishi é mais que um 4x4.
É um mundo de experiências.

Histórias para contar, lugares para conhecer, diversão com os amigos e família. Tudo isso você encontra nos **rallies da Mitsubishi Motors**, que oferecem experiências e momentos marcantes em eventos exclusivos para quem tem um **Mitsubishi 4x4**.

Independente do seu tipo favorito de aventura, tem sempre um rally Mitsubishi **pensado para você**. Encontre qual combina mais com seu perfil e participe.

MIT CUP

O rally cross-country da Mitsubishi chega em sua 22a temporada com sete novas etapas de muita velocidade e adrenalina de sobra. Esse campeonato leva você para acelerar muito em carros 4x4 especiais para corrida e desafiar seus limites em circuitos fechados offroad. E o melhor: a Mitsubishi te ajuda a organizar tudo para você focar em correr e se divertir.

MITSUBISHI MOTORSPORTS 4you4adventure

O rally monomarca de regularidade mais tradicional do Brasil, com 26 anos, onde o objetivo é manter-se dentro do tempo e da velocidade estipulados para cada trecho. Não é necessário ter experiência e nem carros preparados para participar da prova, somente um Mitsubishi 4x4.

MITSUBISHI OUTDOOR 4you4game

Um rally recheado de estratégia e diversão para todo mundo que quer misturar esportes, cultura e aventura em um dia inesquecível. Aqui os participantes vão precisar trabalhar em equipe para resolverem diversas provas em cada etapa, tudo em um ambiente cercado de natureza e com aventura de sobra.

MITSUBISHI EXPERIENCE 4you4discovery

A porta de entrada do mundo 4x4, esse passeio off-road descontraído leva os participantes a desfrutarem belos roteiros fora de estrada pelo Brasil, passando por lugares de muita beleza natural e oferecendo momentos inesquecíveis para famílias e grupos de amigos.

PARA INFORMAÇÕES DE COMO PARTICIPAR, CALENDÁRIO E INSCRIÇÕES, ACESSE **MUNDOMIT.COM.BR**

MITSUBISHI MOTORS
Drive your Ambition

IBAMA PROGRAMA NOVO HUMANO

NO TRÂNSITO, SUA RESPONSABILIDADE SALVA VIDAS.

Colaboradores



João Farkas foi correspondente fotográfico das revistas *Veja* e *IstoÉ*. Cursou em Nova York o ICP (International Center of Photography) e a School of Visual Arts. Participou de mais de 40 exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Seu trabalho faz parte de grandes coleções privadas e dos acervos do Masp, do MAM-SP, MAM-BA, MAR-Museu de Arte do Rio. Ele assina nossa capa e as fotos do delta do Parnaíba.



Autor da crônica *Istambul* deste número, **Washington Olivetto** não é apenas um ícone da publicidade mundial, mas uma figura popular do Brasil. Seu trabalho inspirou duas canções de Jorge Ben Jor: *Alô, Alô, W / Brasil* e *Engenho de Dentro*. No final de 2017, se mudou para Londres com a família. É colunista do jornal *O Globo* e da rádio CBN, e lançou a primeira temporada de seu podcast, o W/Cast, presente nas maiores plataformas do país.



A busca da paz e da serenidade levou **Cláudia Proushan** da Mongólia ao Tibete, de Israel à Indonésia. A artista forjou a sua arte na junção da aquarela e da fotografia. Receptora do Prêmio Mídia da Paz, com viagem ao Japão, concedido pela Peace Media, Cláudia publicou dois livros: *Tibet, no Coração do Himalaia* e *Luzes da Galileia*. Nesta edição, ela ilustrou a crônica de Washington Olivetto sobre Istambul, a principal cidade da Turquia.



Francês que mora entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Paris, **Marc Pottier** trabalha como curador de exposições independentes. Marc também organiza viagens culturais de "alta costura" com a agência Art & Travel de Houston, Texas (artandtravel.net). Para Marc, foi um prazer revelar aos leitores da UNQUIET, ao lado de Beatriz Yunes Guarita, os endereços de instituições pouco conhecidas em Paris.



Eterna apaixonada por viagens, **Naiara Wagner** usa cada dia *off* de seu trabalho como gerente de relações públicas e marketing da marca Dolce&Gabbana para explorar o planeta. Veterana do mundo da moda, já teve passagens em empresas como Louis Vuitton e *Vogue*. A paulistana de 29 anos já carimbou todos os continentes do globo em seu passaporte e assina o texto sobre a misteriosa e deslumbrante Madagascar.



Ex-repórter e apresentadora da Rede Globo, a jornalista **Luciana Lancellotti** também foi diretora de redação da revista *WINE* e crítica de restaurantes da *Playboy*. Já comeu e bebeu de tudo nesta vida. Neste número, a santista Luciana comenta sobre os incríveis contrastes de sabores e aromas em Nova Orleans, berço do jazz e terra de uma das culinárias mais autênticas do mundo.



Beatriz Yunes Guarita vive entre São Paulo e Paris e dirige a coleção Ivani e Jorge Yunes, sediada no icônico casarão conhecido como Casa da Manchete, no Jardim Europa, em São Paulo. É patrona da Pinacoteca, do Masp, do MAM-SP e do Palais de Tokyo parisiense. Integra ainda o conselho administrativo do museu Georges Pompidou em Paris. É coautora do texto sobre os pequenos "museus secretos" de Paris, com Marc Pottier.



Desbravador eclético, cidadão do mundo – e lá se vão 25 anos de jornalismo. **Carlos Marcondes** roda o planeta convidado a desvendar as nuances que envolvem luxo, enogastronomia e pitadas de aventuras. Conheceu 65 países, e já viveu em alguns deles, como Austrália, Espanha, Inglaterra e Itália. Aqui, ele descreve a viagem a cavalo por 200 quilômetros e cinco noites, cortando as belezas da Coxilha Rica, em Santa Catarina.

Faça compras no exterior com menos tarifas.
Conheça a Conta Global do C6 Bank.

A **Conta Global** é nossa conta internacional em dólar e euro.

- Muito menos tarifas que os cartões de crédito internacionais
- USD Cotação em moeda comercial
- Cartão de débito internacional Mastercard® para usar em lojas físicas e on-line
- Saque em moeda local em mais de 2 milhões de caixas eletrônicos
- Câmbio 24h pelo app do C6 Bank
- Integrada com a sua conta no Brasil

Baixe o app e abra sua conta em minutos.

Baixar na App Store

DISPONÍVEL NO Google Play

Tech and Soul

C6 BANK
é da sua vida

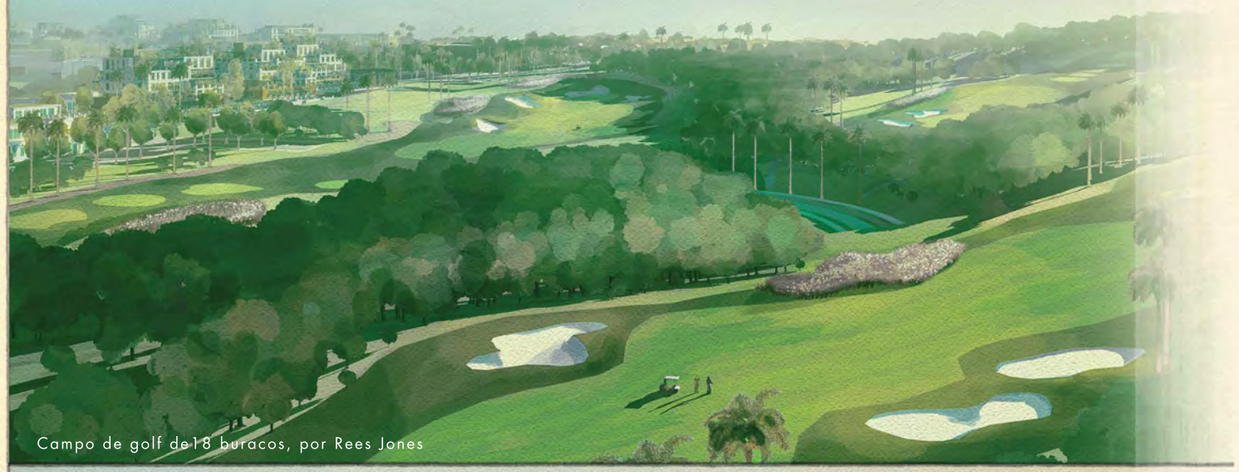
JHSF

apresenta

BOA VISTA

VILLAGE

GOLF · SURF · TÊNIS · EQUESTRE · TOWN CENTER



Campo de golf de 18 buracos, por Rees Jones



Golf Residences

CONHEÇA OS DETALHES E AS OPÇÕES DE PLANTAS, BAIXE O APP: JHSF REAL ESTATE SALES.

Boa Vista Village, com campo de golf de 18 buracos assinado por Rees Jones, um dos 5 melhores arquitetos de campos de golf do mundo.*

Golf Residences de 270 a 500 m², de 2 a 4 suítes, por Sig Bergamin e Pablo Slemenson. E lotes residenciais a partir de 2.500 m².

Um empreendimento único, com arquitetura de Sig Bergamin e Pablo Slemenson e paisagismo de Maria João d'Orey, a Boa Vista Village traz um charmoso Town Center, inspirado em Carmel, integrando lojas, restaurantes, entretenimento e atrações culturais, além de uma completa estrutura de serviços e amenities inéditas, reunindo: campo de golf de 18 buracos assinado por Rees Jones, um dos 5 melhores arquitetos de campos de golf do mundo, segundo a revista Golf Digest, clube de surf, de uso reservado apenas para membros, com a primeira piscina American Wave Machines, com tecnologia PerfectSwell®, da América Latina, centro de tênis, com 15 quadras e arena para torneios internacionais, centro equestre, fazendinha, Kids Center, spa internacional, academia, clube esportivo, centro orgânico e as exclusivas Golf Residences, assinadas por Sig Bergamin e Pablo Slemenson, de frente para o campo de golf.

TUDO O QUE VOCÊ QUER PARA VIVER. TUDO O QUE VOCÊ ESPERA PARA INVESTIR.

É Boa Vista, é igual e é diferente.



Agende sua visita:

Vendas: 11 3702.2121 | 11 97202.3702

atendimento@centraldevendasfbv.com.br

JHSF

CANÁRIAS ADMINISTRADORA DE BENS LTDA., inscrita no CNPJ sob nº 12.989.780/0001-23, com sede na Avenida Magalhães de Castro, 4.800 – 27º andar – São Paulo/SP. A incorporação do empreendimento BOA VISTA SURF LODGE encontra-se registrada em R.01 de 30/12/2019 na matrícula 64.506 do Registro de Imóveis de Porto Feliz/SP. Em conformidade com a legislação vigente, as ilustrações, fotos, perspectivas e plantas deste material são meramente ilustrativas e poderão sofrer modificações a critério da incorporadora. Material integrante de estudo e divulgação para corretores, sujeito a alterações. Intermediação comercial pela Conceito Gestão e Comercialização Imobiliária Ltda. CRECI 029841-J. *De acordo com a Golf Digest.

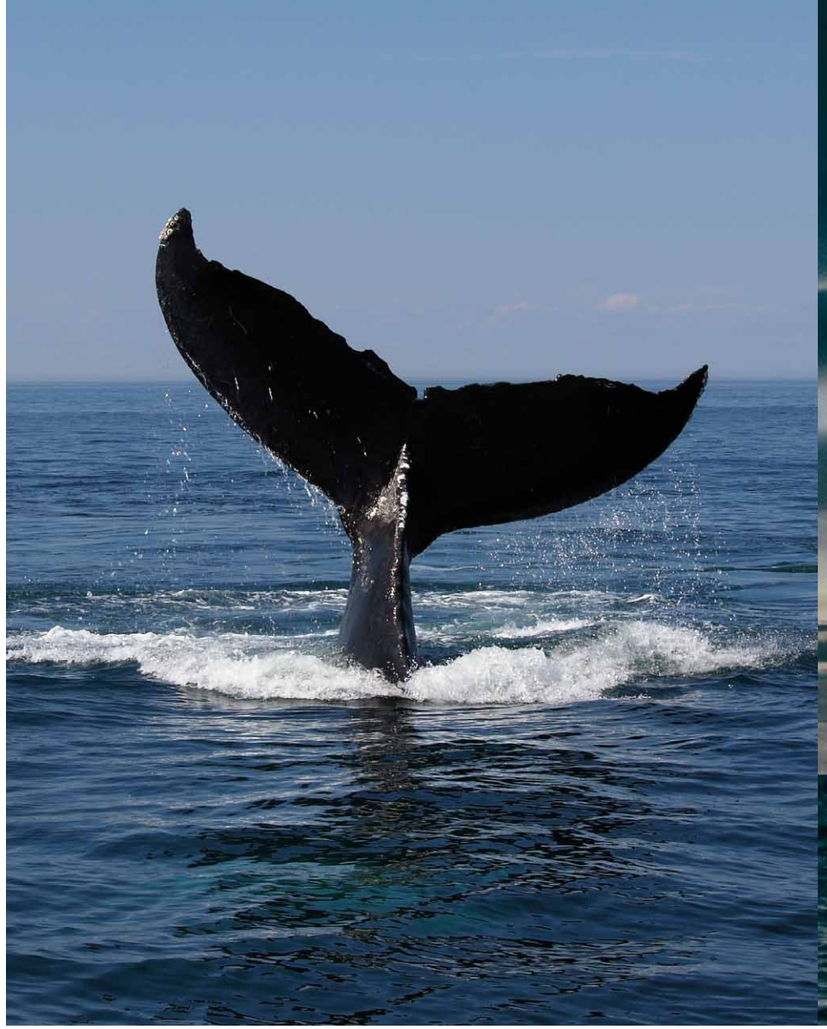
TracyLocke

C6BANK
apresenta

360º

Jantar submarino, cavalgadas inesquecíveis, resorts e hotéis-boutiques exclusivos e uma celebração fúnebre bem festiva: um giro por lugares especiais

POR MARCELLO BORGES



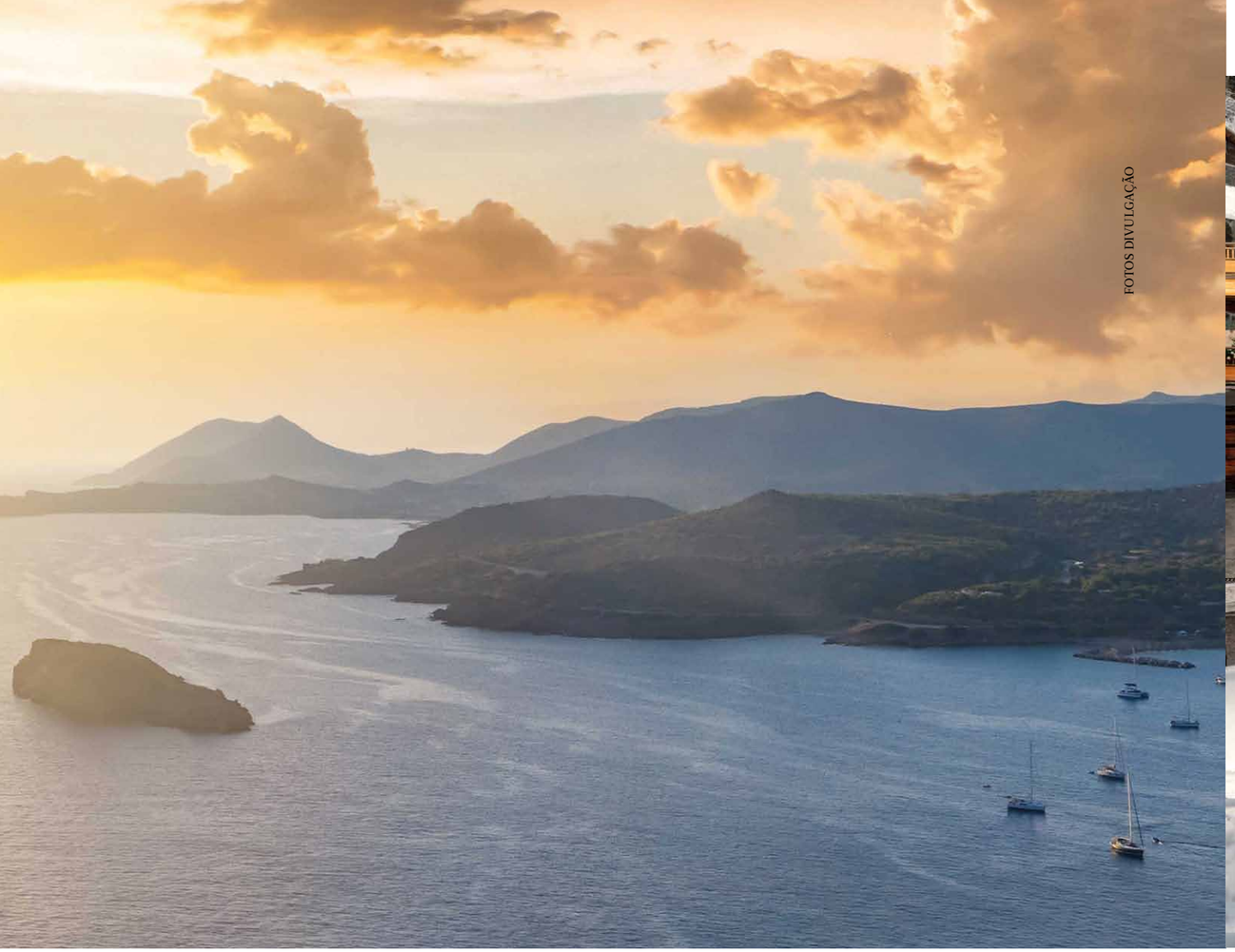


FOTOS GETTY E DIVULGAÇÃO



FOGO ISLAND INN

Autointitulada “um dos quatro cantos do mundo”, Fogo Island fica na costa da Terra Nova, no Canadá. Com cerca de 150 quilômetros quadrados e uma pequena população que vive da pesca, a comunidade sofreu com a crise da década de 1990. A solução veio com a construção do Fogo Island Inn, empreendimento 100% social cujos lucros são reinvestidos na ilha. O hotel de quatro andares lembra um navio e é projeto de Todd Saunders, arquiteto nascido ali. Conta com 29 quartos dotados de janelões e vista para o oceano, permitindo a observação de baleias com binóculos. A mobília do hotel foi construída pelos ilhéus e as colchas foram feitas à mão por artesãs locais, que assinam cada uma delas. As refeições são preparadas pelo *chef* Jonathan Gushue, com ingredientes sazonais locais, destacando-se os pescados frescos. Entre as amenidades, sauna, ginásio, biblioteca e cinema. Trilhas e caminhadas guiadas permitem conhecer a ilha que, num exagero típico dos moradores, tem sete estações...
fogoislandinn.ca



FOTOS DIVULGAÇÃO





ONE & ONLY AESTHESIS

Com inauguração prevista para 2022, o One&Only Aesthesis é um resort com 1.600 metros exclusivos de praia em Glyfáda, subúrbio de Atenas e uma das regiões mais elegantes da Grécia. O Aesthesis terá 127 acomodações para hóspedes, entre quartos, suítes e *villas* no litoral do mar Egeu, decoradas com inspiração no estilo *mid-century*. A culinária mediterrânea estará presente em dois restaurantes de estilos distintos, oferecendo frutos do mar, *mezes* (acepipes gregos), carnes e pratos veganos; clube de praia com direito a surfe, spa da marca suíça Chenot e centro de *fitness* fazem parte das amenidades. E, claro, a oportunidade de fazer caminhadas guiadas, desfrutar da Riviera de Atenas, do lago Vouliagmeni com água termal salgada, da milenar arquitetura e arte de Atenas e de sua Acrópole, parte do Patrimônio Mundial da Unesco.
oneandonlyresorts.com

LA SIVOLIÈRE

Parte dos Les Trois Vallées, maior área interligada de esqui do mundo, Courchevel, na França, tem atraído fãs desde meados do século 20. Na área mais elevada da cidade, a 1.850 metros, fica o hotel La Sivolière, *ski in/ski out* que passou por uma renovação eco-amigável. Seu restaurante, Le 1850, ostenta três garfos do *Guide Michelin* e é comandado pelo *chef* Nicolas Vambre, preocupado em utilizar produtos sazonais, locais e frescos, como peixes de lago e porcos criados soltos. No *menu du jour*, terça é dia de fondues e raclettes com queijos da região. Aos domingos, a experiência no Le 1850 é La Table de Madame, que evoca memórias afetivas dos almoços familiares. O hotel tem ainda o Odacité spa, com tratamentos à base de produtos orgânicos para relaxar após um dia de esqui. No dia da chegada, o Le 1850 oferece aos leitores um jantar cortesia, bebidas não incluídas. Veja o benefício no site da UNQUIET.
hotel-la-sivoliere.com







NAY PALAD HIDEAWAY

Fellow do The Long Run, o Nad Palay Hideaway fica na ilha Siargao, Filipinas, que abriga cerca de 90 mil hectares de mangues e uma riquíssima fauna: crocodilos, lagartos-monitores e cacatuas compartilham o ecossistema com três espécies ameaçadas de tartarugas e 106 espécies de peixes. O hotel tem capacidade para até 20 hóspedes, distribuídos por nove cabanas projetadas pelos designers Jean-Marie Massaud e Daniel Pouzet e construídas por artífices locais. O mobiliário foi idealizado pelo proprietário, Robert Deyseker. A pegada do hotel é, literalmente, o pé na areia. Mas, além das praias, você pode explorar as florestas da região com guias e ter aulas de surfe para aproveitar a Cloud 9, onda tubular descoberta no final da década de 1980 e mundialmente famosa entre surfistas e fotógrafos. O *chef* combina produtos regionais, verduras e ervas orgânicas num mix entre Oriente e Ocidente – e gosta de dar aulas de culinária, inclusive para os petizes.
naypaladhideaway.com



FOTOS DIVULGAÇÃO

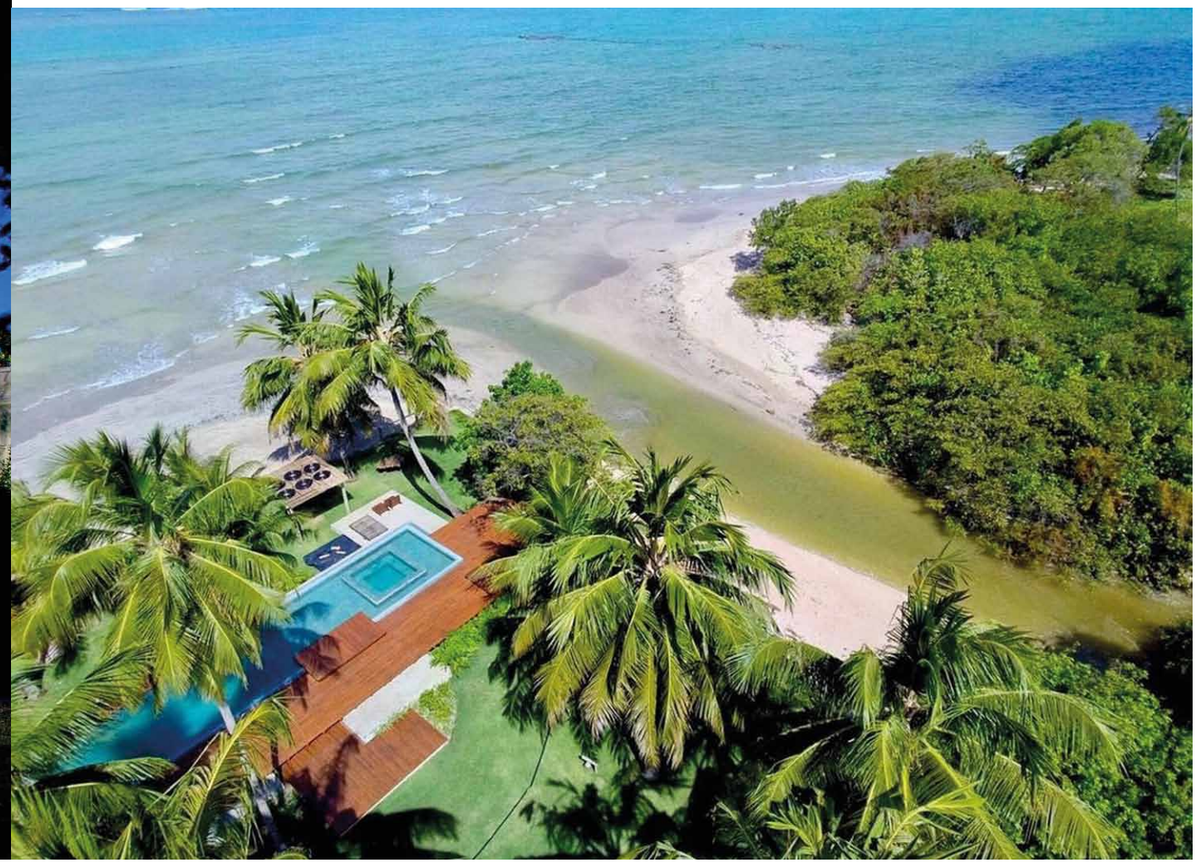


UNDER RESTAURANT

Uma experiência singular: saborear frutos do mar num restaurante localizado a cinco metros e meio sob a superfície do oceano em Lindesnes, ponto mais ao sul da Noruega. É o Under, dotado de janela panorâmica que permite a observação do leito do oceano e do ecossistema do mar do Norte. A proposta da casa – aberta apenas para o jantar – é o Immersion Menu, com 15 a 18 porções que, segundo o *chef* Nicolai Ellitsgaard, destacam a riqueza da vida marinha local: "Ingredientes frescos e sabores puros são muito importantes para nós". Os acompanhamentos incluem cogumelos e frutinhas vermelhas, também colhidos na região, e a experiência pode ser harmonizada com vinhos ou sucos. O Under faz reservas com seis meses de antecedência, e, para chegar lá, é possível ir de avião até Kjevik e depois tomar um táxi ou alugar um carro no aeroporto. Há ainda a opção do Lindesnes Havhotell, próximo do Under, caso você queira conhecer melhor a região.
under.no



FOTOS REPRODUÇÃO





HOUSE OF JASMINES

Membro da Relais & Châteaux como estância de charme, a House of Jasmines em Salta, Argentina, situa-se numa propriedade de 100 hectares aos pés da Cordilheira dos Andes. São apenas 14 quartos distribuídos por três casas, entre os quais três suítes de 40 metros quadrados com terraço particular e vista para as montanhas. Guias gaúchos conduzem os hóspedes montados em cavalos crioulos pelas trilhas da propriedade. O hotel disponibiliza binóculos e livros para quem quiser observar a rica fauna aviária da região, e os pequenos e seus familiares contam com jogos de tabuleiro para se distraírem dos celulares. Dependendo da época do ano, o jantar no La Table é acompanhado por jazz ou grupos de danças folclóricas. Não deixe de provar os *asados* com carnes fornecidas pela Don André Estancia, empresa da família Fenestraz, proprietária da House of Jasmines. Para aprender as receitas das empanadas saltenhas, oa leitores ganham uma aula de culinária com vinhos. Confira no site da UNQUIET.

houseofjasmines.com



PARU BOUTIQUE HOTEL

Na Rota dos Milagres, mais precisamente na praia do Marceneiro, em Passo de Camaragibe (AL), com areias brancas e águas mornas e transparentes, o Paru convida a conhecer o chamado "Caribe brasileiro". O projeto do escritório Angeli Leão procurou integrar a propriedade à natureza, e suas acomodações estão posicionadas para receber a ventilação ideal. A decoração das 12 suítes alia o contemporâneo ao artesanato alagoano. Redes nas varandas garantem o repouso com direito à vista para a praia, e a piscina de borda infinita convida a um mergulho. A cozinha do Paru Bistrô é comandada pelo *chef* Jonatas Moreira, aluno do Institut Paul Bocuse de Lyon, sempre uma excelente referência. Quarenta famílias da região garantem seu sustento no cruzeiro ecológico em barco a remo no rio Tatuamunha, santuário do peixe-boi. Brincalhão e curioso, o grande mamífero diverte os visitantes. Um passeio essencial.

paruhotel.com.br

FESTIVAIS



YI PENG LANTERN FESTIVAL

Em Chiang Mai, norte da Tailândia, na lua cheia do 12º mês lunar, geralmente em meados de novembro, acontece o Festival das Lanternas, quando centenas de milhares de pequenas luzes ganham o céu num espetáculo único. Os moradores decoram as casas com flâmulas coloridas e acendem as lanternas – na verdade, pequenos balões ou chinesinhos, como são conhecidos no Brasil – e soltam-nas no ar. Quando sobem, as pessoas se livrariam dos infortúnios do ano que se finda e fazem votos de boa sorte para o que chega. Segundo o budismo, os pedidos feitos dessa maneira vão se tornar realidade, desde que se pratiquem boas ações. Barracas com comidas e fogos de artifício dão tom ainda mais festivo ao evento. Para os adeptos de fotografia, o melhor lugar é a Universidade Mae Jo, por volta das 6 e meia da tarde: chegue bem mais cedo e traje-se respeitosamente.
chiangmai.bangkok.com



FOTOS ISTOCK E ALANY





DIA DE LOS MUERTOS

Finados é comemorado em várias igrejas cristãs, particularmente na católica, entre os dias 1º e 2 de novembro. Herdeira da tradição religiosa espanhola desde a colonização, a América Latina celebra os ancestrais mortos com certa dose de sincretismo. Na Guatemala, a tradição das pipas – *barriletes*, para eles – diferencia-a das celebrações em outros países, como no México e suas *calaveras*: em cidades como Santiago e Sumpango, ambas no estado de Sacatepéquez, os moradores passam meses construindo esses brinquedos perto dos cemitérios, alguns com até 20 metros de diâmetro. As pipas são levantadas no ar, mas não voam. Os *barriletes* simbolizam uma conexão com os falecidos e ajudam os espíritos a virem para casa. Ao cabo das festividades, as pipas são queimadas e os ancestrais podem voltar para o descanso. São preparadas comidas e oferendas especiais e os túmulos são adornados com cravos e velas. Música de marimba, danças, comes e bebes unem as famílias nessa celebração singular.


Aceita um tênis novo?
Da loja de calçados ao pet shop, pode usar Amex.
Mais aceito do que você imagina.
American Express é uma marca registrada da American Express.
Aceita um Amex?
Peça já o seu.
NÃO viva a vida SEM O SEU™
AMERICAN EXPRESS
amex.com.br | Siga o Insta: @amexbr

Pé na estrada

Novidades para quem ama aventuras e viagens mundo afora

POR **DANIEL JAPIASSU**



O SOL POR TESTEMUNHA
Quando a aventura é grande, o gerador de energia tem de ser... pequeno. O Goal Zero Yeti 150 é um equipamento portátil, que funciona com painéis solares, especialmente desenvolvido para manter os demais aparelhos da equipe com bateria *full*, como *notebooks*, *smartphones* e lanternas táticas – e também pode ser recarregado via saída de 12 volts. O Yeti 150 é feito de plástico de alta densidade (resistente a quedas), pesa cerca de 6 quilos, aguenta temperaturas de 0˚C até 40˚C, vem com duas saídas USB e tomada universal. Uma vez carregado, tem autonomia para até 15 recargas completas de telefone celular, por exemplo. A Goal Zero também fabrica um modelo ainda mais parrudo, o 500X, ideal para expedições a locais remotos.
goalzero.com





LEVE E BIODEGRADÁVEL
A Horizn Studios se autodenomina a grife de malas de luxo mais ecologicamente correta do mundo. E suas criações são, de fato, impressionantes. Estas da foto são modelos Circle One, feitos de fibra de linho, mais leve que o alumínio e mais durável que os policarbonatos tradicionais. Além disso, o linho é biodegradável e extremamente resistente, um *plus* na hora de embarcar e desembarcar. Quem viaja sabe o quanto uma bagagem eficiente é bem-vinda – e se, ainda por cima, você ajuda o planeta, qualquer escala se torna 100% agradável.
horizn-studios.com



SONO TRANQUILO
A Lewis N. Clark é uma das marcas de itens de aventura mais famosas do planeta. E este aí de cima é um mimo para os que adoram se locomover, mas são um tanto desconfiados. É o Travel Door Alarm, equipamento do tamanho de um chaveiro dotado de sensor que avisa se alguém está tentando abrir a porta do seu quarto. O ruído do aparelho é bem forte e costuma afugentar os bisbilhoteiros.
lewisnclark.com

TELEFONE OU MEGACAM?
Os dois. Esta a Sony fez para os que não gostam de levar nada além do celular para a viagem. Trata-se da DSC QX10B, câmera que pode ser acoplada ao *smartphone*, tem resolução de 18 megapixels com lente grande angular de 25 mm e zoom óptico de 10x. Para facilitar ainda mais a vida do turista, ela vem com conexão wi-fi e tecnologia NFC – que permite publicação das imagens nas redes sociais em tempo real. Ah, fotos e vídeos ficam armazenados na própria câmera, em um cartão microSD.
sony.com/en





PROTEJA SUA CABEÇA
Com ele não tem sol que te apoquente. O Ultra Adventure Hat, da Sunday Afternoons, repele os raios UVA e UVB (impede a passagem de 98% dos raios ultravioleta) e também é à prova d'água, caso alguma chuva pegue você pelo caminho. O chapéu vem com porta-óculos escuros e se adapta a qualquer tamanho de cabeça. As listras laterais brilham à noite, para facilitar sua localização. Ah, a empresa dá garantia vitalícia a todos os seus produtos.
sundayafternoons.com



DEIXA A VIDA TE LEVAR
A ideia de criar malas que já vêm amassadas é coisa de gênio. Mas o fato é que os produtos da Crash Baggage têm tecnologia de ponta da rodinha à alça de mão. Este da foto é o modelo de bordo Robust, de fibra de carbono de alta densidade e com sistema de rodízio 360°. O mote da grife? A melhor coisa que você pode fazer, ao viajar para qualquer lugar, é deixar o inesperado acontecer. Tudo a ver.
crashbaggage.com



DOBRÁVEL E PODEROSO
É um *laptop*, mas também é um *tablet*. Graças, claro, à tela *touchscreen*. O Dell XPS 15 9575 é o companheiro de viagem ideal, por sua capacidade de processamento (são 4 chips Intel Core i7), velocidade, armazenamento (1 terabyte de disco) e multiconectividade (wi-fi 5 e Bluetooth 4.2). O teclado é iluminado, para facilitar a digitação em qualquer ambiente. Ao mesmo tempo que é resistente, também é ultraportátil (pesa menos de 2 kg) e tem bateria para até 12 horas.
dell.com/pt-br



ÁGUA PURA – E ENGAJADA
Este salva vidas – literalmente. A Lifestraw é uma empresa especializada em equipamentos para aventuras extremas. E nada pode ser mais extremo do que ficar sem água durante uma expedição. O Water Filter pesa menos de 50 gramas e é capaz de filtrar até 4 mil litros antes de ser substituído. A marca garante que o aparelho remove até 99,9% de bactérias (incluindo *E. coli* e *salmonella*), parasitas e micropartículas. O programa social Give Back da empresa já beneficiou 4 milhões de crianças carentes com água potável durante um ano.
lifestraw.com

Tech and Soul

Viagens transformam
e dão asas para você ver o mundo.

Stay alive. Be UNQUIET



ESCOVAÇÃO PERFEITA
Para quem não consegue largar a tecnologia nem debaixo d'água, a Colgate criou o modelo Hum, uma escova de dentes elétrica conectada ao seu *smartphone*. Mas por que alguém iria querer uma coisa dessas? É que ela avisa você, pelo celular, que está na hora de renovar a escovada – e o aplicativo vem com uma série de informações a respeito de como fazer a higiene bucal perfeita para garantir um sorriso sempre em dia.
hum.colgate.com



EDIÇÃO LIMITADA
A grife tem nome difícil, mas você vai se apaixonar, fácil, fácil, pelos produtos da Fjällräven. É o caso da jaqueta Samlaren, de edição limitada. Ela é impermeável (com estrutura de poliéster e algodão), aguenta baixas temperaturas, vem com quatro bolsos com zíperes bidirecionais e abas protetoras, tem capuz embutido e é feita com sobras de tecidos da fábrica, que fica na pequena cidade de Örnsköldsvik, na Suécia.
fjallraven.com



FOTOS E VÍDEOS EM SEGURANÇA
A ideia do pessoal da SanDisk era criar um produto que fosse resistente a quedas e que tivesse muita capacidade de armazenamento – voltado, principalmente, para fotógrafos e *videomakers* aventureiros. O resultado é o modelo Extreme, de até 2 terabytes e tecnologia SSD (que proporciona acesso muito mais rápido aos arquivos). O aparelho é à prova d'água e emborrachado; ou seja, veio pronto para qualquer desafio.
kb.sandisk.com



RECICLADAS E ORGANIZADAS
Este aí em cima é o modelo Everyday, que faz parte da família de mochilas feitas com material reciclado da Peak Design – todas à prova d'água. Graças à tecnologia MagLatch, o acesso ao interior, por meio de dois zíperes deslizantes, é superfácil, característica muito bem-vinda para uma bagagem concebida para fotógrafos. Lá dentro, três divisórias configuráveis mantêm o equipamento organizado e protegido. Os bolsos laterais são expansíveis e podem abrigar garrafas ou tripés.
peakdesign.com

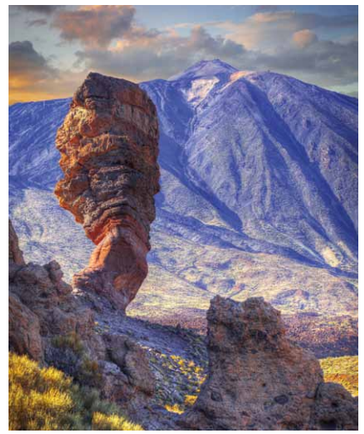


Naturalmente, Espanha

O país ibérico também tem esplêndidas atrações criadas apenas pela natureza. E com toda a infraestrutura para você visitá-las. Aqui estão seis delas







Lago de Sanabria, Caminito del Rey e Parque Nacional do Teide, com seu "dedo de Deus": cenas de uma Espanha talhada pela natureza

Claro que você quer conhecer – ou revisitar – o Museu do Prado em Madri, as obras de Antoni Gaudí em Barcelona, os arabescos de Alhambra em Granada e a catedral de Santiago de Compostela. São lugares históricos e lindos, sim. Todos eles criados pelas mãos do ser humano. Nem todo mundo sabe, mas a Espanha também tem atrações de alto quilate desenhadas somente pela natureza. O ser humano apenas facilitou o acesso a elas e instalou uma impecável estrutura para receber você. Venha, ainda que seja como uma esticada do destino principal.

Lanzarote – Foi aqui, nesta que é uma das sete ilhas principais do arquipélago das Canárias, que o escritor português José Saramago escreveu algumas de suas melhores histórias. O cenário inspirou. O solo vulcânico de Lanzarote reservou à ilha paisagens lunares (ou seriam de Marte?) – e estonteantes. Vulcões resplandecem no Parque Nacional de Timanfaya. E como descrever a cor da laguna conectada ao mar em Charco de los Clicos? Vai além da paleta das melhores aquarelas.

Bardenas Reales – Navarra, no norte da Espanha, fez fama pelas paisagens verdes e montanhosas. No entanto, talvez para servir de contraponto, o sudeste da região tem 42.500 hectares semidesérticos. Aqui, a erosão de milhões de anos desenhou formas sugestivas em morros e ravinas como se fosse a mais imaginativa ficção científica. Não à toa, boa fração de *Game of Thrones* foi filmada nesta área. Você pode percorrê-la a pé, de bicicleta, a cavalo ou com veículos a motor. Escolha.

Ciudad Encantada – Passeio obrigatório para aqueles que visitam Cuenca, cidade Patrimônio da Humanidade encravada no alto de profundos desfiladeiros e que tem como principais atrativos as Casas Colgadas (penduradas). Lá estão ruazinhas de pedra com edifícios centenários e um belo museu de arte abstrata. Localizada nos arredores da cidade, a "Cidade Enfeitiçada" se caracteriza por suas peculiares formações rochosas calcárias lapidadas durante séculos pela erosão e pelo tempo. Embora esculpidas pelo acaso, lembram um elefante, um crocodilo, um convento, um tobogã e assim por diante. O mais surpreendente: há 90 milhões de anos a área era um mar, o Mar de Thetis.

Caminito del Rey – A Andaluzia é conhecida, entre outros motivos, pelas temperaturas quentes. Caminhar por esta vereda, no entanto, pode provocar, de início, um frio na espinha. Explica-se: o Caminito del Rey, embora nobre de intenções e história, foi construído em um paredão vertical com 700 metros de profundidade. Trata-se do Desfiladeiro de Los Gaitanes, escavado pelo rio Guadalhorce. A vista é tão bela quanto vertiginosa. Em tempo: o trajeto pode ser feito com toda a segurança.

Lago de Sanabria – Samora, em Castela e Leão, tem o maior lago originado por uma geleira na Europa. Há 100 mil anos, este lugar era um portentoso bloco de gelo com mais de 20 quilômetros de extensão. Dá para imaginar? Hoje é um belíssimo lago onde, no verão, pratica-se canoagem, navega-se em barcos turísticos ou apenas toma-se banho nas prainhas. Muitas lendas também singram essas águas. Uma delas insinua que ainda se pode ouvir os sinos da igreja do povoado que ficou submerso em 1959.

Tenerife – Não, você não se cansará para chegar ao topo da Espanha. O cume do monte Teide, um vulcão de 3.718 metros de altitude – e a montanha mais alta do país –, pode ser visitado na comodidade de um teleférico. Reserve suas energias para percorrer o Parque Nacional que está instalado, em Tenerife, outra das sete ilhas Canárias. Há também insólitas praias de areias negras. E uma única de areias brancas: Las Teresitas. Por que a diferença? As areias de Las Teresitas foram trazidas do Saara.

spain.info



ALAMY

ROMANCE EM PARIS

Uma lista para se apaixonar pelas (e nas) livrarias da capital francesa

POR ZECA CAMARGO

Librarie Jousseaume, uma parada obrigatória na charmosa galeria Vivienne

Vou começar com uma livraria que não é das mais românticas, mas onde aconteceu uma história de amor.

Falar das livrarias de Paris é deixar a porta aberta para um romance, muitas vezes num (duplo) sentido literal, como quando entramos pela porta da Comme un Roman... ali na rue Bretagne, saindo do Marais. Mas essa primeira história que quero contar aconteceu na Fnac do Forum Les Halles, em janeiro de 1981.

Era minha primeira vez na cidade e eu tinha duas prioridades: museus e livrarias. A primeira era fácil de cumprir. Era um por dia: Louvre, Jeu de Paume (o d'Orsay ainda não havia sido inaugurado), L'Orangerie (Monet!), museu Rodin e a grande sensação da época, o relativamente novo Centre Georges Pompidou, apelidado de Beaubourg desde sua abertura em 1977.

Estudante, comendo crepes nas ruas e andando para economizar na Carte Orange, o passe de metrô que, naquela época, pelo menos para mim, parecia uma extravagância, fiz tudo com um daqueles passaportes culturais que permitem visitar museus e monumentos pagando uma tarifa única. As visitas eram sempre de manhã e, quando não se tratava de uma coleção densa e exaustiva como a do Louvre, a tarde estava sempre livre para mais passeios e... livrarias.

Não havia, claro, internet no início da década de 1980. Para descobrir então esses pequenos templos de estantes, o melhor mesmo era topar com eles no meio da rua. A grande Fnac de Les Halles, no entanto, era meu sonho. Quis visitá-la logo na primeira tarde livre e... me encantei de cara.

Não por sua atmosfera pouco intimista, uma vez que seus corredores eram tão grandes que muitas vezes você nem via o fim deles. Muito menos pela história dessa Fnac – uma estante da Shakespeare & Co., citada mais adiante, tem mais passado do que uma galeria inteira daquela *megastore*, um conceito ainda novo então.

Mas fui me apaixonar naquela (e por aquela) Fnac, em toda a sua abundância. Fazer o quê?

Era minha primeira experiência no congelante inverno francês e eu me sentia, antes de qualquer coisa, aquecido naquele lugar, onde passei a ir com frequência. Numa dessas tardes, como se não bastasse, enquanto fuçava fascinado a vasta seção de LPs brasileiros (os CDs ainda não eram populares), fui surpreendido por um sussurro clássico em francês me perguntando: "*Aimez-vous la musique brésilienne?*". Foi tudo o que bastou para que eu começasse, de fato, um romance na cidade mais linda do mundo.

Lembrar dessa história que aconteceu 40 anos atrás é mais que um exercício de nostalgia. Seria fácil eu me perder aqui nos passeios que fiz então pelas margens do Sena, pelos jardins das Tulherias ou mesmo por ruas ordinárias que, com uma paixão me conduzindo, se tornavam sempre cenários encantadores e memoráveis. Para não cair nessa armadilha, vou levar você por um roteiro de outras livrarias que descobri por lá nessas quatro décadas.

Roteiro esse, diga-se, que nunca vou considerar completo, sobretudo numa cidade como Paris, onde a gente descobre coisas novas (e velhas) a cada visita.

A própria Fnac ainda está lá, num Les







Halles totalmente repaginado que, embora ligeiramente melhor do que o projeto modernoso que deixou feia a vizinhança por anos, ainda está longe de ter o charme do antigo mercado que lá existia. Hoje porém ela tornou-se mais uma loja de produtos eletrônicos, além de um supereficiente balcão de tíquetes de shows de música e teatro.

Vou lá bem pouco atualmente – apenas quando quero matar as saudades daquela incrível história de amor, ainda que a tal seção de discos brasileiros seja só uma lembrança. Nesses anos todos, fui seduzido aos poucos por tantas outras livrarias parisienses, que é bom começar a contar sobre elas antes que a gente fique sem espaço.

A que mais frequento hoje é esta que já citei: Comme un Roman... (sim, as reticências fazem parte do nome). Ela fica no Marais, bem ao lado do mercado dos Enfants Rouges, e não é nem de longe tão grande quanto a Fnac. Mas nenhuma das lojas de livros realmente charmosas de Paris o são. Então, ajuste suas expectativas e vamos comigo passear por elas.

Como é de costume, as estantes da Comme un Roman... estão sempre abarrotadas. E é nelas que procuro o melhor da literatura contemporânea francesa, além de excelentes livros de arte e uma seção enxuta, ainda que bem completa, de gastronomia. Seus vendedores, timidamente escondidos atrás do caixa, pouco interferem nos longos minutos (às vezes horas) que os clientes passam por lá. E há sempre a possibilidade de você olhar pelas enormes vitrines e se distrair com o movimento frenético da rue Bretagne.

Ainda ali pelo Marais, há a ultratransada Ofr. Librairie, o sonho de qualquer *hipster* munido de uma lista de endereços descolados de Paris, de preferência de uma revista ou um site americano. Com a frase "*Beautiful books and ideias*" estampada em uma de suas vitrines, ela é um ímã para turistas antenados. Ah! E funciona também como uma galeria.

Não, não estou esnobando a "modernidade" da Ofr. – estou exaltando. Lá é possível, de fato, achar coisas preciosas e passar momentos ultra-agradáveis. Porém, fundada em 1996, o que ela não tem é tradição. Para isso, sugiro que você se encaminhe até a Galerie Vivienne, bem no centro histórico da cidade, não muito distante do Palais Royal, e se perca na Librairie Jousseaume.

A Vivienne é uma das galerias mais tradicionais da capital francesa, revitalizada nos anos 1980 quando Jean-Paul Gaultier instalou seu QG por ali. Em meio a antigas butiques, algumas lojinhas de suvenires e um templo dos amantes de vinho (Caves Legrand), você encontra um amontoado de livros que, na sua charmosa deselegância, quase destoa dos arcos impecavelmente desenhados do lugar. Não desanime: explore cada caixa com volumes variados espalhada pela Jousseaume. E, se possível, saia com um presentinho para alguém que ame livros.

Ofr., um paraíso *hipster*, La Belle Hortense, mistura de bar e livraria, e Comme un Roman..., especializada em literatura francesa

FOTOS ALAMY E REPRODUÇÃO

Se, além de sua paixão por eles, você também gostar de um bom copo, volte para o Marais, mas bem tarde da noite, para conhecer La Belle Hortense. Ali, na rue Vieille du Temple, bem na frente do clássico Au Petit Fer à Cheval, funciona uma das minhas lojas de livros favoritas. Se você achar que é só um bar, não tem problema.

La Belle Hortense é especialmente animada nas altas horas da madrugada – sobretudo no inverno. Atrás de seu balcão minúsculo, uma mulher com o ar ao mesmo tempo cansado e convidativo, que conheci como Brigitte, serve taças de vinho, champanhe, conhaque e (meu fraco) calvados. Os clientes bebem e conversam animadamente e só quando se apoiam nas estantes se dão conta de que estão em uma livraria. E eventualmente até compram um livro!

Ali ao lado ficava também outro endereço tradicional da boemia do Marais, a livraria Les Mots à la Bouche, especializada em cultura gay. Por mais de 40 anos ela foi referência obrigatória para a comunidade LGBT parisiense, bem como para os turistas que procuravam exatamente títulos de autores e temas ligados à homossexualidade. Livros de fotos incríveis, revistas e fanzines, além de vídeos (nos anos 1980) e DVDs (até recentemente) de filmes e documentários de arte dentro desse universo, povoavam suas prateleiras até o início de 2020.

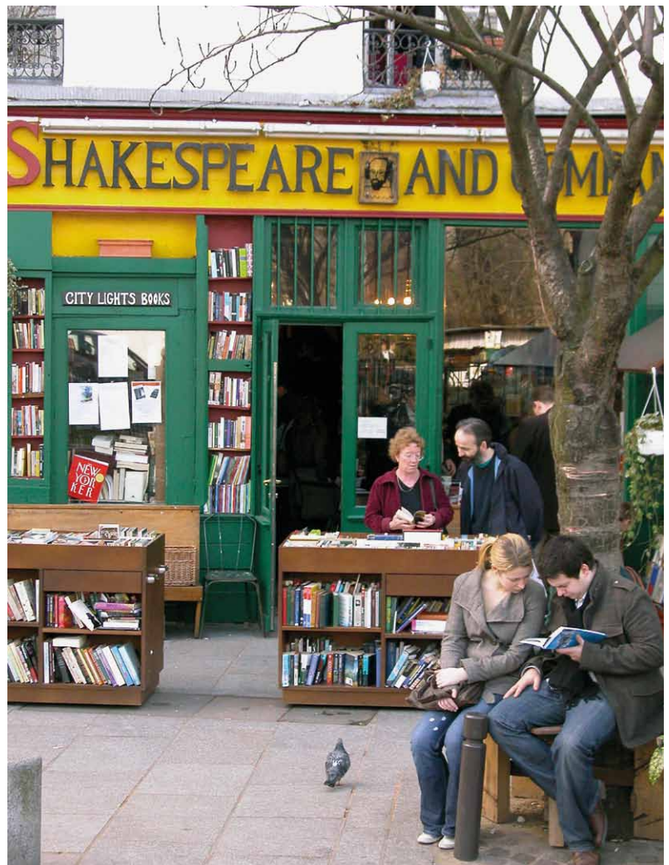
Com o Marais ficando cada vez mais gentrificado, porém, e as lojas antigas cedendo espaço para as Eatalys da vida moderna, o aluguel do espaço ficou caro demais para esse símbolo da contracultura e eles estão agora em um novo endereço, não muito distantes dali, na Bastilha. A atitude, a ousadia e a fina curadoria, no entanto – tudo continua como antes, se não melhor.

Também mudou de endereço uma outra favorita minha, esta especializada em livros de fotografia. A antiga La Chambre Claire, comandada pelo simpaticíssimo Jensen, sempre pronto a oferecer um volume autografado por um fotógrafo famoso, esteve por anos ali em Saint-Sulpice. Mas desde o último ve-











Paris para leitores: Librarie des Alpes, Les Mots a la Bouche, Sur le Fil de Paris, Shakespeare & Co. e, acima, Comptoir de l'Image

FOTOS ALAMY E REPRODUÇÃO

rão europeu sua simpatia e dedicação (ao lado da sócia Catherine Rambaud) estão no número 3 da rue d'Arras, bem perto da Sorbonne, renomeada La Nouvelle Chambre Claire.

Fica não muito longe também do Instituto do Mundo Árabe, que tem uma fascinante loja sobre artes, poesia, literatura e história do Islã, passagem obrigatória para quem visita a instituição. Aliás, se formos entrar nas livrarias de museus, aí que este roteiro não termina nunca!

Preciso citar, porém, pelo menos uma delas: a do Palais de Tokyo. Recentemente reformada, ela tem a seleção mais eclética, mais ambiciosa e a mais diversa de todas na sua categoria. Me perco na livraria do Louvre. Mas é na do Palais de Tokyo, mais voltada para a arte contemporânea, como o próprio acervo do museu, que deixo uma pequena fortuna toda vez que estou na cidade.

Quer algo bem específico e charmoso? Librairie des Alpes, em Saint-Germain, com títulos especializados em... montanhas! Para vivenciar um pouco da história literária de Paris, vá, claro, à Shakespeare & Co., também em Saint-Germain, mas esta você acha em tudo quanto é guia. Bem como a WH Smith, a mais completa livraria em inglês da França, na rua de Rivoli. Ou a estupenda Taschen, no mesmo bairro, com os livros de arte mais desejados do mundo.

Se eu puder, porém, dar ainda duas dicas bem pessoais, tente visitar a Sur le Fil de Paris, quase chegando no Sena pelo Quai des Célestins, na adoravelmente batizada rua de l'Ave Maria. Só livros antigos, mas não exatamente de literatura: moda, decoração, arquitetura, artes e espetáculos e até inesperados livros infantis dos anos 1920 até os 70.

Fecho esta lista com uma indicação que não é bem uma livraria, mas uma loja de edições antigas de revistas de arte, moda e comportamento, a Comptoir de l'Image. Um cafofo adorável e caótico como esse só tem uma contraindicação para quem ainda gosta de ter nas suas mãos páginas de papel: você pode não querer sair mais de lá...

E se precisar tomar um ar, para se reenergizar depois de tanto tempo mergulhado em livrarias, basta sair andando pelas margens do rio que cruza Paris. Ao fazer um *promenade* pelo Sena, você inevitavelmente vai esbarrar num *bouquiniste*, aquelas barracas incrustadas nos muros que separam as águas da cidade, cheias de revistas antigas também, livros que são mais "velhos" do que "antiguidades", fotos de outras eras e, com um pouco de sorte, alguma coisa que você queira realmente levar para casa para se lembrar de uma certa viagem.

Pode ser até uma paixão.

Para vivenciar um pouco da história literária de Paris vá, claro, à Shakespeare & Co.

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse *revistaunquiet.com.br*







Com hotéis e residências privativas, campo de golfe, 15 quadras de tênis e até uma piscina para praticar surfe, a Boa Vista Village traz a atmosfera dos Hamptons para o Brasil



Um conceito único

Novo empreendimento da JHSF, a Boa Vista Village conta com arquitetura de Sig Bergamin e Pablo Slemenson e paisagismo de Maria João d'Orey. Tem ainda amenities inéditos e apresenta uma nova maneira de viver

Com a Fazenda Boa Vista, Porto Feliz, a 102 km de São Paulo, já tem um sucesso imobiliário para chamar de seu. E agora terá outro. Estamos falando da Boa Vista Village, da JHSF, que vai trazer todo o estilo e a atmosfera dos Hamptons (no estado de Nova York), numa vila sustentável e cheia de estilo.

A área total é de 2,5 milhões de metros quadrados – maior até que o Parque do Ibirapuera. Este novo conceito está localizado em Porto Feliz, terá lugar para morar, hospedar-se, fazer compras, relaxar e praticar esportes. Tudo isso cercado de áreas verdes preservadas.

O empreendimento será entregue em oito fases e já soma R$ 388 milhões em vendas. Após totalmente concluído, o projeto deve gerar R$ 4,5 bilhões em vendas. "A Boa Vista Village foi concebida tendo como referência os conceitos de conforto, equilíbrio e convivência familiar pelos quais a Fazenda Boa Vista é reconhecida", explica Thiago Alonso de Oliveira, CEO da JHSF. "Reunimos infraestrutura, beleza e recursos naturais a serviços exclusivos de forma a oferecer a nossos clientes uma experiência exclusiva de lazer, bem-estar e convivência em comunidade, o que tem garantido um grande interesse pelo projeto."

UM LUGAR PARA VIVER

Em cada um dos seus projetos, a JHSF sempre teve os melhores entre os melhores, desde a prancheta. Para conceber o paisagismo da Boa Vista Village, a empresa conta com Maria João d'Orey, responsável também pelos projetos do Shopping Cidade Jardim e da Fazenda Boa Vista. "Tenho por princípio utilizar plantas que se dão bem na região. Então, pelo tamanho da área, tudo o que seu olho alcançar vai ser belo", definiu a paisagista sobre o que pensou para a Boa Vista Village.

Na arquitetura, as linhas foram traçadas por dois dos mais celebrados nomes do mercado nacional de alto padrão: Sig Bergamin e Pablo Slemenson. "Tudo é muito original, desde os acabamentos com tijolinho até a arquitetura dos prédios. Uma é diferente da outra, mas todas se falam. Têm harmonia", explicou Sig Bergamin. "As principais premissas foram privacidade, praticidade, conforto e segurança para os moradores", disse Pablo Slemenson.

O projeto terá um Town Center – ou um centrinho – bem ao estilo de pequenas *villages*. Lá os moradores e visitantes terão um pouco de tudo. Lojas e restaurantes de nível internacional estarão ao lado de galerias de arte, museu, cinema, teatro, carrossel e patinação no gelo.

A JHSF disponibiliza para venda unidades do Surf Lodge Residences, de 220 a 500 m^2. Esses edifícios residenciais ficarão próximos ao centro. Além disso, a área do Golf Residences terá mais unidades à venda, também com *residences* de 270 a 500m^2. Existe ainda a opção de lotes residenciais com área a partir de 2.500m^2. A Boa Vista Village é um lugar para morar e também trabalhar. Estão previstos ainda espaços para escritórios que ficarão próximos ao Town Center e das praças.

A sustentabilidade é outra marca do projeto. O empreendimento terá gestão inteligente dos recursos naturais e sistema de mobilidade com carrinhos elétricos e bicicletas compartilhadas. Para quem quiser colocar a mão na terra, o Centro Orgânico terá técnicos para auxiliar e orientar os moradores no cultivo de alimentos.

CENTRO ESPORTIVO

Você pode procurar, mas vai ser difícil encontrar um lugar com capacidade de abrigar tantas práticas esportivas quanto a Boa Vista Village. Para começar, o empreendimento terá a primeira piscina para prática de surfe da América Latina, criada pela American Wave Machines. Com tecnologia Perfect Swell, o mecanismo consegue criar ondas de até 2,75 metros de altura durante 22 segundos. Mesmo a mais de 200 quilômetros do litoral, vai ser possível fazer todas as manobras famosas da modalidade, como tubos e aéreos. Tudo num clube restrito aos membros.

Outro destaque é o campo de golfe de 18 buracos assinado por Rees Jones. Este arquiteto de campos já desenhou (ou redesenhou) 230 projetos de campos ao redor do mundo e é considerado pela revista *Golf Digest* um dos cinco melhores do mundo. Já o Centro de Tênis terá 15 quadras de saibro e piso duro, sendo cinco cobertas. Além disso, será construída uma arena que poderá receber torneios internacionais. A estrutura esportiva conta ainda com Centro Equestre com picadeiro coberto, campos de futebol, quadras poliesportivas, de *beach* tênis, *squash* e piscinas cobertas e descobertas – para adultos e crianças.

Com tudo isso, já podemos dizer que os Hamptons estarão logo ali, em Porto Feliz.

boavistavillage.com.br

SUSTENTABILIDADE

A ARTE DO DELTA

Na foz do rio Parnaíba, duas associações melhoram a vida da comunidade local



FOTOS PROJETO JÓIAS

Fundada pela ex-primeira dama Ruth Cardoso em 1998, a Artesol – Artesanato Solidário – é uma organização sem fins lucrativos que promove o artesanato de tradições culturais brasileiras, capacitando os artesãos e difundindo o comércio de seus produtos. No delta do rio Parnaíba, duas associações apoiadas pela Artesol se destacam.

A primeira é a Bordadeira da Pedra do Sal. Localizada no povoado do mesmo nome, em Parnaíba, a associação foi criada por Norma Sueli, que teve a ideia de reunir um grupo de 15 mulheres para complementar a renda familiar por meio do artesanato. Por tradição familiar, elas já praticavam alguma forma de trabalho manual – crochê, trançado de palha e bordado – e decidiram concentrar-se neste último, uma arte transmitida de mãe para filha há diversas gerações.

No início, o grupo bordava flores, desenho que não obteve muito sucesso comercial. Decidiram mudar e começaram a produzir bordados que focalizam a fauna e flora regionais, como cacto, peixe-boi, tartaruga, camurupim – peixe local que está em extinção – e o exuberante guará-vermelho, uma ave pernalta belíssima. Os desenhos são criados por Norma, inspirada no cenário natural do lugar. "Saio fotografando, vendo as paisagens e vou montando os desenhos", diz. Os trabalhos são feitos principalmente com linhas e tecidos de algodão e também sobre palha de carnaúba, resultando em vestidos, guardanapos, toalhas, colchas, bolsas e objetos de decoração.

Antes chamada Grupo Produtivo das Mulheres Bordadeiras da Praia da Pedra do Sal, a entidade foi criada oficialmente como Bordadeira da Pedra do Sal em 2016. Três anos depois, desenvolveram e lançaram uma coleção, Emoção na Mão, em parceria com Sérgio Matos, designer convidado pelo Sebrae do Piauí, integrando várias unidades produtivas da Rota das Emoções, complexo turístico que abrange o delta. Hoje o grupo reúne oito bordadeiras da comunidade e comercializa seus produtos em feiras nacionais de artesanato e nas lojas Brasil Original, do Sebrae.

Situada no extremo norte do estado, a ilha Grande é a maior e mais importante das cerca de 70 do delta do Parnaíba. Ali funciona a Associação dos Artesãos em Trançados de Santa Isabel. Na região viceja a carnaúba, palmeira longeva e de colheita sustentável, com folhas que renascem na safra seguinte. Seus frutos são ricos em nutrientes e usados principalmente na alimentação de animais de criação, mas é justamente nas folhas que está sua verdadeira riqueza: elas fornecem uma das ceras mais prestigiadas do mundo, usada para produzir papéis, vernizes e sabonetes, além de palha.





Ao lado, artesãos do Delta do Parnaíba usam a carnaúba como matéria-prima. Os produtos trazem as cores da fauna local





É em Santa Isabel que uma associação formada por cerca de 25 famílias – com artesãos com idades que vão dos 15 aos 65 anos – cria diversos objetos com a palha da carnaúba ou com os fios tirados de dentro do corte das folhas. O grupo – liderado por dona Serrate Gonçalves – dá continuidade ao chamado "trançado da ilha", técnica tradicional de origem indígena.

Manuseada ao natural ou tingida com anilina, a palha se transforma em cestos, balaios e tapetes. Tudo trabalhado apenas com ferramentas simples como faca, tesoura e agulha, em pontos abertos e fechados. Francisca Gonçalves, filha de dona Serrate, se orgulha da criação da associação. "Ela formalizou nosso trabalho, facilitou empréstimos e deu mais credibilidade ao grupo", conta. "E isso ajudou muito no relacionamento com nossos clientes."

artesol.org.br



FOTOS BVERGÉLY

Mônaco: experiências exclusivas para os viajantes

Comprometido com a segurança e saúde de seus visitantes com a certificação Monaco Safe, o destino está pronto para receber muitos turistas novamente e proporcionar momentos inesquecíveis

Mônaco é o destino certo para o viajante que quer redescobrir o prazer de viajar com segurança e tranquilidade. Situado entre o mar e a montanha em um território de 2,2 quilômetros quadrados no Mediterrâneo, o Principado de Mônaco oferece hotéis de categoria internacional, lojas exclusivas, uma variedade de museus, gastronomia suntuosa e spas que são verdadeiros retiros de bem-estar, além de ser um destino reconhecidamente seguro.

Com mais de 300 dias de sol e um clima mediterrâneo ameno em todas as estações do ano, Mônaco é o lugar certo para quem busca entretenimento, emoção e muitas surpresas. Que podem ter início no lendário cassino de Monte Carlo, no bairro de mesmo nome, que une tradição e inovação.

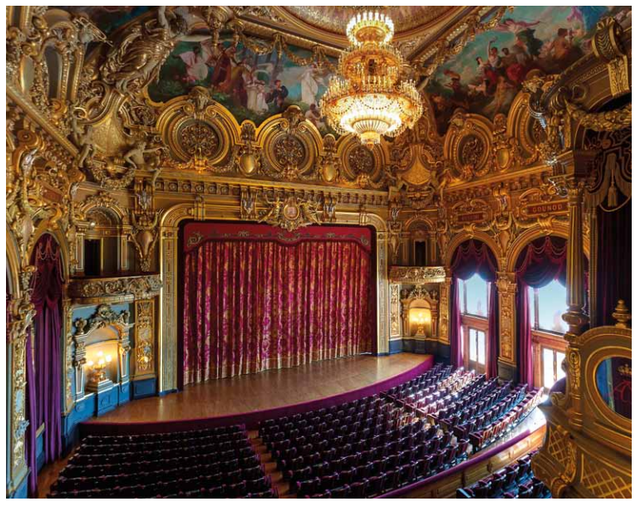
Todos podem se maravilhar com os aquários no famoso Museu Oceanográfico, com as exibições pré-históricas no Museu de Antropologia e com as exposições temporárias no Novo Museu Nacional de Mônaco. De janeiro a dezembro, o destino realiza eventos culturais de todos os tipos. Entre eles: exposições, óperas, concertos da Orquestra Filarmônica de Monte Carlo e apresentações do Les Ballets de Monte Carlo. De eventos internacionais de arte circense ao festival de pães em setembro, do imponente Teatro de Ópera de Monte Carlo ao Museu Napoleão, em Mônaco é possível se sentir em casa.

Famílias, casais e grupos de amigos podem passear pelos jardins tradicionais e exóticos do Principado, como o Roseiral dedicado à Princesa Grace e suas mais de 6 mil rosas, ou viajar no tempo, apreciando a coleção de carros antigos do Príncipe de Mônaco e a troca de guarda no histórico Palácio do Príncipe.

Para os fãs de atividades aquáticas, a empresa Whale Watching Monaco oferece um passeio em barcos de luxo para a observação de baleias e golfinhos. Além de encontrar os mamíferos marinhos, o visitante contribui para a preservação da vida marinha da região. Cerca de 5% do valor do passeio é revertido para a proteção do santuário de Pelagos, área protegida na costa da Riviera Francesa.







Na página ao lado: o Porto de Fontevieille. Ao lado, os palácios do Cassino e do Príncipe e a ópera Garnier: Mônaco é um luxo

Se a intenção é vivenciar uma autêntica experiência monegasca ao ar livre, a renovada praia de Larvotto conta agora com um complexo turístico marcado por uma faixa de areia mais larga para banhos de sol, um calçadão amplo para caminhadas e ginástica, pista para *bikes*, lojas e restaurantes à beira-mar, alguns com terraços que proporcionam vistas privilegiadas para o mar Mediterrâneo.

Outra experiência imperdível em Mônaco é o Grande Prêmio de Fórmula 1. Das varandas do hotel Fairmont Monte-Carlo, o viajante consegue observar a famosa curva Fairmont Hairpin, onde carros passam a 50 km/h – é o trecho mais lento da categoria. Em 2022, a corrida será no dia 29 de maio. Enquanto o evento não chega, uma boa alternativa é explorar o percurso e as curvas da corrida a bordo de bicicletas elétricas. São mais de 40 bikes elétricas espalhadas por todo o país e que podem ser alugadas facilmente.

O Principado reúne ainda mais de dez espaços dedicados ao relaxamento. À beira-mar, o Spa Cinq Mondes, no Monte Carlo Bay Hotel & Resort, esbanja rituais de beleza e tratamentos para o corpo e a mente. No Spa Métropole by Givenchy, dentro do Hôtel Métropole Monte Carlo e ao redor da praça do Cassino, o visitante pode vivenciar experiências sensoriais inesquecíveis. Outro refúgio de paz, também em Monte Carlo, é o Les Thermes Marins, com seus tratamentos de saúde e bem-estar personalizados.

A experiência de compra em Mônaco é outro destaque. Há desde lojas de *souvenirs* e produtos locais nos bairros de Monaco-Ville e Condamine, galerias comerciais na área do Porto Hercule a marcas renomadas em Monte Carlo. Já no coração do bairro, a alta costura, a perfumaria, as joalherias e as marcas de beleza se unem no One Monte Carlo, espaço de compras exclusivo.

Para uma escapada romântica ou em família, uma pausa na cidade ou uma experiência revitalizante, Mônaco é o destino certo.

visitmonaco.com/pt

TESOURO ESCONDIDO

Na divisa do Maranhão com o Piauí, o rio Parnaíba se lança com vigor ao Atlântico – e forma o único delta do Brasil, um lugar belíssimo com o dobro do tamanho da cidade de São Paulo

POR WALTERSON SARDENBERG Sº
FOTOS JOÃO FARKAS

No ano da graça de 1571, o navegador português Nicolau de Resende viu-se em maus lençóis quando sua caravela foi perseguida por piratas no litoral do Piauí. Tinha muito a temer. O barbudo levava a bordo uma valiosa carga de ouro. No afã de escapulir dos gatunos, entrou aos trancos e barrancos em um estuário turbulento — e não deu sorte. A caravela naufragou nas correntezas do rio Parnaíba.

Ao longo dos 16 anos seguintes, Resende viveu entre os índios tremembés, anfitriões camaradas. Na aldeia, dedicou-se a uma obsessão: recuperar o tesouro. Velejava todo dia nessa busca. Sempre em vão. Frustrado, tudo o que conseguiu foi passar à história como o descobridor do delta do Parnaíba, do qual louvou a beleza em carta ao mitológico rei Dom Sebastião 1º: "Um grande rio (...) forma um arquipélago verdejante ao desembocar no Atlântico".

Ainda hoje a região é um tesouro resguardado, que dignifica como poucos o nome delta. Essa palavra, derivada da letra grega homônima, designa uma configuração fluvial rara e grandiosa, caracterizada por um rio caudaloso que, antes da foz, se bifurca em diversos braços, formando um triângulo. Assim ocorre com os dois maiores deltas do planeta que desembocam em mar aberto — o do rio Nilo, no Egito, e o do rio Mekong, no Vietnã. O delta do Parnaíba ocupa o terceiro posto no pódio, apesar de um tanto esquecido — mesmo entre os brasileiros, embora seja o único do gênero nas Américas.

Ele é, de fato, monumental — além de temperamental, devido às potentes variações de marés, que, volúveis, encobrem e expõem, com rapidez, areias e atributos. Antes de atirar-se, enérgico, ao Atlântico em um *gran finale*, o Parnaíba ramifica-se em cinco braços principais e numa miríade de pequenos afluentes. No total, o emaranhado aquático abrange uma área de 2.700 quilômetros quadrados, ou quase duas vezes a cidade de São Paulo. Ao alargar-se com tamanha mania de grandeza, permite, antes do desenlace no mar, a formação de 83 ilhas fluviais ao longo do caminho, em um labirinto de ciclópicas dunas, cintilantes lagoas naturais, amplos manguezais e densa floresta tropical.

Muitas têm nomes curiosos, como ilha do Bagre Assado ou ilha do Feijão Bravo. Algumas, é bem verdade, são pouco maiores do que uma ilhota de cartum, onde mal se acomodam um balão ou uma legenda. Já outras ostentam vasto território.

A maior delas, a Grande de Santa Isabel, se estende por 134 quilômetros quadrados. Segue-se a ilha das Caiçaras, de metragem pouco menor e paisagem também exuberante — e, ainda, tépidas lagoas doces para o banho. A terceira em tamanho tem dimensões tão extensas quanto o sobrenome de sua proprietária, Ingrid von Sösten Meyer de Mendonça Clark.

BALÉ INSULAR

A ilha do Caju mede 100 quilômetros quadrados. Ou seja, quatro vezes a área do arquipélago de Fernando de Noronha. Trata-se da maior ilha particular do Brasil — e, para muitos, também a mais bela. "Ela é um resumo dos mais bonitos biomas brasileiros, algo espantoso", comenta o jornalista Ronaldo Ribeiro, ex-editor da revista *National Geographic*. "A ilha tem florestas de terra firme como na Amazônia, manguezais como na mata atlântica, áreas alagadas como no Pantanal, trechos de dunas e lagoas como nos Lençóis Maranhenses e, ainda, extenso litoral. Só de praias costeiras são 27 quilômetros."

Parque temático natural e aleatório, o lugar contava também com uma pousada refinada. Mas ela foi fechada. Reabrirá com todos os cuidados, em breve. "Nosso ecossistema é riquíssimo, mas muito frágil", ressalva Ingrid Clark. "Não comporta turismo de massa."

De qualquer maneira, a ilha do Caju funciona ao longo do dia como receptivo para visitantes, com ótima infraestrutura. Dá até para alugar cavalos ou quadriciclos. Autor das fotografias desta reportagem, João Farkas recomenda, eufórico: "Esteja ali no final da tarde. Você verá um espetáculo único: a reunião dos guarás, que marcam um encontro numa ilhota bem diante da ilha do Caju".

Trata-se, sem dúvida, de um suntuoso balé insular. A ilhota recebe, todos os dias e no mesmo horário, milhares de exemplares dessa ave também conhecida por íbis-escarlate, em virtude da cor — um vermelho vivo. No crepúsculo, chega a reunir 4 mil guarás. A ilhota lhes permite um sono tranquilo, livre



Pescador em Macapá, uma das praias do povoado de Luís Correia, no delta do Parnaíba

Vista aérea das dunas na praia de Luís Correia e de um pesqueiro em Bitupitá (CE), cidade que integra a Rota das Emoções

de predadores. Eis a razão da escolha do endereço.

O guará — nome científico: *Eudocimus ruber* — tem entre 50 e 60 centímetros de altura e não nasce com a coloração carmim. Vem ao mundo em um cinza pálido, inexpressivo. Vai ganhando a tonalidade vermelha e vigorosa ao longo da vida por um motivo insólito: a alimentação à base de caranguejo. O crustáceo, sendo uma rica fonte de betacaroteno, é o responsável pelo tingimento das plumas.

O caranguejo também é alimentação cara aos humanos numa região de robustos manguezais. Basta entrar em algum restaurante, a despeito dos preços e qualidade, e dar uma olhadela no cardápio. Lá estarão, entre os pratos principais, a casquinha de caranguejo, o caranguejo ensopado no leite de coco e, sobretudo, a torta de caranguejo, uma fritada que leva tomates, cebolas e azeitonas. Prove. Faz bem ao paladar.

Nas mesas externas dos restaurantes também se costuma presenciar nos finais de tarde um ritual tão praticado quanto aquele dos guarás, e, de quebra, no mesmo horário: com um martelinho nas mãos, os moradores dedicam-se à paciente quebra das cascas

Caranguejo na casquinha, ensopado, na fritada ou pacientemente quebrado com martelinho é a pedida, sempre

O encontro do Parnaíba com o mar e vista aérea das lagoas que se formam e desaparecem no delta do rio

de caranguejo, antes de degustá-lo. Demonstram hábil destreza nessa atividade lúdica — embora sem nenhuma pressa.

O hábito é arraigado tanto entre maranhenses quanto entre piauienses, que dividem não só as ilhas, o mangue e os caranguejos — mas o próprio delta do Parnaíba. Na realidade, compartilham o rio de maneira fraternal, embora com comportamentos opostos. "O piauiense, em geral, se mostra mais retraído do que o maranhense, que quase sempre é mais animado", repara o fotógrafo Felipe Goifman, autor do livro *Maranhão, um Litoral de Histórias e Encantos* (Geia Editora), ressalvando o risco das generalizações.

A exuberância do delta e a delicadeza do trabalho de rendeiras como dona Maria Lima: riqueza natural e humana se completam

DISCOS DA CASA EDISON

O rio Parnaíba, ou Velho Monge, nasce na serra da Tabatinga, entre Bahia, Tocantins e Maranhão. Antes de desembocar no Atlântico, cerca de 1.400 quilômetros depois — sempre navegáveis, embora por barcos de baixo calado —, funciona como divisa, separação geopolítica entre o Piauí e aquele último estado. Já próximo à foz, o trajeto do rio favorece o Maranhão, onde se concentram 65% do delta. Restam ao Piauí 35%. Parece pouco. Ainda assim, a porta de entrada está no Piauí, na cidade de Parnaíba, tradicionalíssima em seus centenários casarões e armazéns, e, ao mesmo tempo, jovial nos agitos de seus mais de 12 mil universitários.





A novidade no Porto das Barcas é o Museu do Mar, que traz um pouco da cultura marinheira do delta

Pescador em Barra dos Remédios, jangada em Camocim e os manguezais: a vida no delta segue o ritmo das marés



Segundo maior município do Piauí, com 154 mil moradores, a surpreendente Parnaíba oferece lugares históricos, confortável estrutura de hotéis, artesanato refinado — com destaque para os sutis trabalhos em palha de buriti trançada — e, ainda, portos de embarque para os passeios no delta. Sem esquecer a lagoa do Portinho, cercada de dunas alvas. "Tem também o imperdível sorvete de castanha-de-caju da sorveteria Araújo", acrescenta João Farkas. Enfim, a base ideal para uma viagem pela região. Sem concorrentes.

Parnaíba começou a ser um entreposto comercial importante ainda no período colonial, com a venda de charque. Já no século 19, o britânico James Frederick Clark, bisavô de Ingrid, fez estudos sobre a carnaúba, convicto de que renderiam frutos. Décadas depois, essas pesquisas deram mesmo samba, com selo da Casa Edison e outras gravadoras pioneiras: graças a elas, a cera de carnaúba passou a ser exportada como matéria-prima na fabricação de discos. Dessa época sobraram os tais casarões. Um deles foi transformado no melhor hotel da cidade, o requintado Casa de Santo Antônio.

A exportação de carnaúba e de outro produto nativo, o óleo de babaçu, acontecia no Porto das Barcas, área recém-reformada e pintada com cores vibrantes. Funciona ali, desde julho, o Museu do Mar "Seu" João Claudino. Montado por curadoria atenta, reúne embarcações variadas e invulgares utensílios de diversas profissões manuais. Vale a visita — e muito. Um museu que se ocupa da cultura popular.

Mas o local de onde zarpam os barcos para os passeios delta adentro está instalado a 12 quilômetros, no Porto dos Tatus. Prefira as lanchas. Além de mais rápidas e exclusivas, possibilitam navegar por passagens mais estreitas. Mas atenção: é preciso fretá-las com antecedência. Há poucas saídas regulares. Outra recomendação, ainda mais imperiosa: não esqueça o repelente. Mosquitos apreciam os manguezais tanto quanto os caranguejos.

ROTA DOS VENTOS

Para os visitantes, uma das melhores notícias da última década foi a melhoria das estradas nordestinas. Isso significa visitar o delta numa viagem de automóvel, sem perrengues. Há até um roteiro criado em conjunto pelos órgãos de turismo de três estados: Ceará, Piauí e Maranhão. A viagem começa em Jericoacoara, no Ceará — dotada de aeroporto novinho e acolhedor —, e termina nos Lençóis Maranhenses, atravessando 400 quilômetros de caminhos serenos. Registre-se: sempre com boa hospe-



dagem. O roteiro já recebeu até um nome pomposo dos burocratas do turismo: Rota das Emoções.

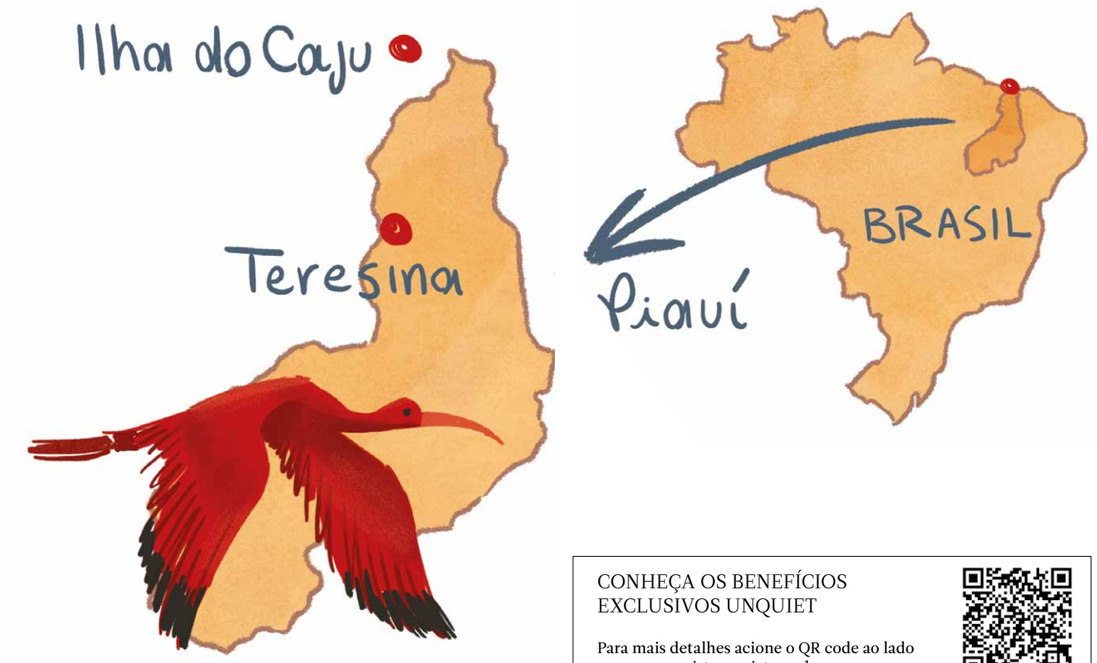
Sérgio Túlio Caldas, escritor especializado em meio ambiente, destaca que, de um ponto a outro, o roteiro tem em comum duas peculiaridades, além do óbvio fato de percorrer o Nordeste: a presença constante de ventos fortes e de dunas graúdas, numa relação de causa e efeito. "As dunas são espetaculares. As rajadas, responsáveis por elas, tornam o território um dos preferidos da turma do *kitesurf* no mundo todo", resume. Portanto, talvez Rota dos Ventos ou Rota das Dunas fosse batismo mais adequado para o trajeto.

A primeira parada costuma ser Camocim, ainda no Ceará. Fica a somente 34 quilômetros de Jeri, mas tem muito menos burburinho. É uma Jericoacoara de ontem, com todas as belezas do passado — e pouco dos estorvos de hoje. Passa-se sem maiores entraves ao estado vizinho. O Piauí tem somente 66 quilômetros de costa. Uma insignificância, se comparada à interminável orla do país. Seja como for, essa miúda faixa litorânea é ocupada por praias desenhadas à perfeição, com ênfase para Itaqui e Macapá. Três delas já são frequentadas por um público semelhante ao de Trancoso, na Bahia: Coqueiro, Barra Grande e Barrinha.

Por fim, quem vai ao delta tem a oportunidade de uma escapada tão saborosa quanto a torta de caranguejo. O Parque Nacional de Sete Cidades está encravado a pouco mais de duas horas de carro da cidade de Parnaíba. Uma fria (se é que há algo frio por aqui) descrição geográfica diria que seus 6.200 hectares são área de transição entre o cerrado e a caatinga, com vegetações típicas desses ecossistemas. Mas o parque é muito mais que isso.

O nome Sete Cidades veio de agrupamentos rochosos distantes uns do outro. Lembram, de fato, prédios urbanos. "Vários deles apresentam inscrições rupestres de 6 mil a 8 mil anos", contabiliza Waldemar Justo, chefe do parque nacional. Em uma dessas "cidades" resplandece o desenho milenar de um lagarto. Outra, uma mão com seis dedos — o que suscita fantasiosas teses da visita de extraterrestres a nossos ancestrais.

Uma última recomendação: venha ao delta entre os meses de maio e setembro. "Já parou de chover em demasia e ainda não está tão quente", instrui João Farkas. No mais, resta admitir que você não encontrará aquela carga de ouro perdida pelo infeliz navegador Nicolau de Resende. Até onde se sabe, ninguém descobriu nem sequer uma fração dela nos últimos 450 anos, apesar de inúmeras tentativas. De qualquer maneira, você topará com outro tesouro escondido: o próprio delta do Parnaíba.



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse *revistaunquiet.com.br*

Manguezais ocupados por guarás, que se tornam vermelhos devido à dieta baseada em caranguejos

CULTURA

KHMER O IMPÉRIO PERDIDO

No Camboja, o complexo arqueológico de Angkor Vat, construído entre os séculos 9 e 15, revela tudo o que se espera de uma jornada exótica

POR POR JULIANA A. SAAD, de Siem Reap

Angkor Vat é um vasto conjunto de palácios tombado pela Unesco como Patrimônio da Humanidade

O nascer e o pôr do sol são sublimes, transformando as torres pontiagudas e os contornos sinuosos e intrigantes de Angkor Vat, parte do conjunto arquitetônico de Angkor, em algo onírico, quase inacreditável. Mas é real e nasceu justamente pela vontade de um monarca, Suryavarman 2º, chamado rei-deus por sua incrível capacidade de irradiar templos e cidades pela região de Siem Reap, no Camboja, há mil anos. Se Angkor Vat é a suprema majestade, mais de 300 templos, edifícios e reservatórios de água também são oriundos da vontade de outros governantes cambojanos, no auge do reino khmer. O conjunto está na lista de Patrimônios Mundiais da Humanidade da Unesco.

Localizado no norte do país, a 325 quilômetros da capital, Phnom Penh, Angkor Vat e os demais monumentos se espalham em sete cidades por cerca de 1.000 km² da região. Essas primeiras cidades do reino khmer começaram a ser construídas no século 9 da era cristã e eram dedicadas a divindades hindus e budistas. Angkor Vat foi erigido em honra a Vishnu. Centenas de milhares de trabalhadores e cerca de 5 mil elefantes participaram de sua construção, começada em 1113 e que durou 37 anos. Hoje, algo que prende nossa atenção imediatamente ao chegar são as raízes e troncos de gigantescas árvores que circundam ou abraçam as magníficas e ousadas estruturas de pedra em meio à selva.

Angkor Vat começou a ganhar vida na primeira metade do século 12 para homenagear Vishnu, que Suryavarman 2º acreditava ser o protetor de seu reino. Nascia a maior construção hindu do mundo, terminada justamente no ano da morte do rei, em 1150. Na galeria sul do templo, um baixo-relevo de quase 100 metros de comprimento presta homenagem a ele, ao final revelado numa estátua e adornado como um deus.

Os baixos-relevos de Angkor Vat são excepcionais: ao redor de todo o recinto da galeria, eles se estendem por mais de 800 metros de comprimento, incluindo cenas mitológicas dos dois grandes épicos da Índia antiga, o *Ramayana* e o *Mahabharata*, o primeiro escrito pelo poeta Valmiki, com 24 mil versos, e o segundo pelo sábio Vyasa, considerado o poema mais longo do mundo, com 100 mil versos.

Os pátios emoldurados por galerias vão se abrindo aos nossos olhos e levam à torre central, chamada Bakan, com 65 metros de altura. Impactante. Esse santuário é acessado por meio de uma longa escada de madeira onde a estátua de Vishnu deu lugar à de Buda. Em seguida, uma segunda galeria exibe cinco torres simbolizando os cinco picos do mítico monte Meru, mencionados na literatura indiana como a morada dos deuses Shiva, Vishnu e Brahma. Em volta, a água cerca e protege Meru, que reproduziria o ideal celestial na terra.





Estátua dedicada ao deus hindu Vishnu *(ao lado)* e o templo Ta Prohm, que foi tomado por imponentes figueiras

FOTOS GETTY

Nos trajetos, assim como na passarela de entrada de Angkor Vat, vemos muitas esculturas de nagas, serpentes de sete cabeças esculpidas no formato de leque. A lenda local diz que o povo khmer nasceu dessa raça de répteis e o número ímpar representaria o infinito e a imortalidade. Em Angkor, cada passo e cada minuto nos colocam diante desse mistério.

"Foi uma experiência única e muito forte, achei muito mais impressionante do que eu imaginava", diz a jornalista Joyce Pascowitch. Ela conta que ela e seu grupo saíram do hotel em Siem Reap de madrugada, muito antes de o templo abrir, e chegaram lá amanhecendo. "Vimos o sol nascer, foi incrível." "Eu sabia que o Camboja era um país exótico, mas é muito mais do que isso, é realmente mágico", continua. "Eu ficaria tranquilamente dois meses em férias ali, vivendo a vida, indo ao mercado, andando de bicicleta, frequentando barzinhos. Só de lembrar fico mexida, emocionada."

Saindo de Angkor Vat, de preferência em um *tuk-tuk*, os célebres triciclos cambojanos a motor, chega-se a Angkor Thom, ou a "grande cidade", embora seja menor que Vat. Ela foi construída a mando do rei Jayavarman 7º alguns anos após um saque da região pelos *chams* (vietnamitas) em 1177. Ele decidiu que Angkor Thom teria de ser mais bonita que as outras cidades, transformou-a na residência real e dedicou-a ao Buda Avalokitesvara, chamado de Bodhisattva da Grande Compaixão. Para muitos historiadores, Angkor Thom foi mais imponente do que qualquer cidade da Europa na época.







FOTOS GETTY

O templo Bayon tem 216 imagens de Buda e os macacos dividem o cenário com monges e turistas. Ao lado, cultivo de arroz nas cercanias de Angkor

Com um muro de 8 metros de altura, perímetro de 12 quilômetros e cercada por um fosso, Angkor Thom tem quatro grandes portais, tendo abrigado, além da realeza, os principais funcionários do reino. Bem na confluência de suas estradas internas está o templo principal, Bayon, outra fantástica construção com 54 colunas e 216 imagens de Buda. Repare que os algarismos somam nove – número sagrado do budismo. Sua característica principal são os enormes rostos esculpidos em pedra, com suaves sorrisos, que os guias locais gostam de dizer que seriam a personificação de Jayavarman 7º. Grupos de macacos espreitam ou pulam de um lado a outro entre as árvores e as construções.

Na parte central de Angkor Thom, perto do Palácio Real, fica o Terraço dos Elefantes, projetado para que o governante pudesse assistir de forma grandiosa aos espetáculos e desfiles de soldados e elefantes, sobretudo depois da volta de seu exército vitorioso da guerra contra os *chams*. Decorado com esculturas e baixos-relevos dos enormes paquidermes e de soldados com armas, mostra também estátuas de leões, os chamados guardiões, e de Garuda, um ser da mitologia hindu. No fundo do terraço, um cavalo de cinco cabeças é seguido por guerreiros e dançarinos khmer.

Ainda em Angkor Thom, o Terraço do Rei Leproso é uma estrutura com esculturas e baixos-relevos mostrando criaturas e demônios mitológicos, com 25 metros de lado e 6 metros de altura. No interior, está a estátua do rei leproso (réplica, a original está no Museu Nacional de Phnom Penh). Uma versão propagada no Camboja diz que, ao ser encontrada, já bem gasta, a peça tinha a aparência da lepra.

Perto, o complexo monástico budista de Preah Khan, de 1191, também foi mandado construir por Jayavarman, em homenagem ao pai. Cinco quilômetros ao sul o monarca mandou levantar o templo de Ta Prohm, em homenagem à mãe. Trata-se do mais enigmático e um dos mais visitados tesouros de Angkor.

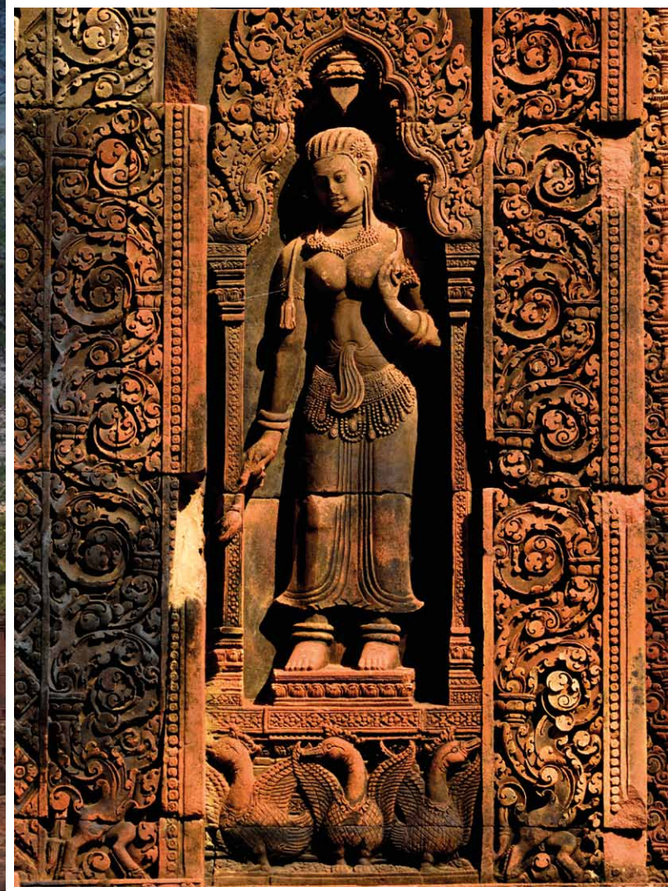
A construção foi propositalmente deixada pelos arqueólogos intocada, para demonstrar a ação da natureza ao longo do tempo. O que se vê são as enormes árvores, principalmente figueiras e suas raízes aéreas, que penetram nas paredes e no topo do templo, até nos menores espaços.

O conjunto religioso de Angkor Vat, com centenas de esculturas espalhadas em vários templos, é um dos maiores do mundo

FOTOS CORINNA SAGESSER E GETTY

FOTOS GETTY





Banteay Srei é conhecido como a Cidadela das Mulheres. Acima, detalhe de uma das esculturas femininas deste templo, construído no século 10

Próximo a Ta Prohm e também tomada pela vegetação, Banteay Kdei, ou "Cidadela das Câmaras", era um templo budista e suas ruínas são um labirinto de quartos que abrigaram um monastério em vários períodos, desde sua construção no século 12 até a década de 1960. Banteay Kdei e Ta Prohm guardam uma semelhança: o salão decorado com baixos-relevos de dançarinas e um Buda sentado no corredor.

Perto de Banteay Kdei, Srah Srang é um reservatório milenar, também conhecido como "piscina real". Mas é bem mais do que isso: com 750 metros de comprimento e 300 de largura, foi construído no século 10 e testemunha a incrível determinação dos monarcas khmer para garantir à população o fornecimento contínuo de água.

Cerca de três quilômetros a leste, Pre Rup é outro templo cujas ruínas continuam a extasiar em Angkor. Construído no século 10 pelo rei Rajendravarman 2º, ostenta três torres semelhantes a pirâmides. Novamente ali os baixos-relevos ornamentados adornam as paredes e as torres; leões guardiões esculpidos estão nos terraços. Vale a pena subir até eles, a vista é magnífica. Cuidado, porém: as escadas são íngremes e estreitas.

Passando por campos de arroz ao norte, chegamos a Banteay Srei, outra joia da arte khmer,

Pre Rup, com seus leões esculpidos na pedra, é outro monumento de tirar o fôlego em Angkor

menor que as demais, mas capaz de proporcionar uma excelente perspectiva daquela civilização e suas crenças.

Chamado de Templo das Mulheres, ele foi construído no século 10 também por Rajendravarman 2º, sendo mais uma edificação dedicada ao deus hindu Shiva, e fica em uma ilhota quadrada, ao fim de uma pequena estrada. Suas inúmeras torres de calcáreo rosa se destacam com a floresta ao fundo. Por causa da cor e da presença decorativa de muitas divindades femininas, o templo passou a ser conhecido como "Cidadela das Mulheres" ou "Cidadela da Beleza".







Mercedes-Benz anos 60: conforto *vintage* no traslado do aeroporto até o hotel Amansara, do grupo Aman

FOTOS GETTY E DIVULGAÇÃO

PAZ CELESTIAL

Na saída do aeroporto de Siem Reap, motoristas com luvas brancas abrem a porta das Mercedes-Benz *vintage* dos anos 1960 que pertenciam ao rei Sihanouk. O hotel Amansara, antiga casa de hóspedes real, mescla o chique minimalista da década de 1960 com o inconfundível serviço Aman. O restaurante com pratos khmer conquistou Joyce Pascowitch, graças aos "irresistíveis rolinhos de massa de arroz recheados com verduras e perfume asiático". Jardins bem cuidados, um spa-delícia, a piscina curvilínea e as copas das árvores sombreando os deques compõem a tranquilidade tangível que inspirou o nome do hotel, cujo significado é "paz celestial".

O Amansara fica a apenas dez minutos da entrada de Angkor Vat, o que dá aos hóspedes acesso privilegiado às riquezas do maior complexo de templos do mundo. Você poderá explorar o local a pé, de bicicleta ou fazer um cruzeiro entre as aldeias flutuantes do lago Tonlé Sap – ou ainda descobrir a rica cultura budista de Siem Reap diretamente com os monges que a moldaram.

A sustentabilidade do grupo Aman atua sobre quatro pilares – patrimônio e cultura locais, proteção do meio ambiente e responsabilidade social, conforme recomendação do Global Sustainable Tourism Council (GSTC). Durante a pandemia, o hotel vem entregando cestas básicas e produtos de higiene pessoal aos mais vulneráveis e aos monges de templos budistas.

BELMOND LA RÉSIDENCE D'ANGKOR

O verde e a água dão o tom neste hotel da rede Belmond, bem no centro de Siem Reap. O lugar é recortado por uma grande piscina de água salgada, cercado por varandas que se abrem para jardins, lagos de lótus e muitas árvores à sua volta. Fica bem perto dos mercados de artesanato da cidade e do vibrante bairro de cafés e bares. Ao fim das caminhadas e visitas aos templos, o Kong Kea Spa é a dica para massagens tranquilizadoras e tratamentos especiais. A sustentabilidade se revela nos detalhes, como a seda dos lençóis tecida à mão, e nos objetos decorativos, obra de artesãos locais.



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse *revistaunquiet.com.br*







Da esquerda para a direita, Espace Krajcberg, La Fab de Agnés b. e Le Silo

ENDER EÇOS SECRET OŞ

ARTE

Em Paris, três instituições excepcionais exibem o que há de melhor no circuito das obras contemporâneas

POR BEATRIZ YUNES GUARITA E MARC POTTIER

Paris continua a brilhar simplesmente porque carrega a modernidade no seu DNA. É uma questão de história, desde que o barão Haussmann sacudiu tudo no século 19 com as avenidas largas e os bulevares, libertando a cidade do passado. O fato é que, de Bercy, passando pela pirâmide do Louvre, até a La Défense, próxima da caravela inventada por Frank Gehry para a Fundação Vuitton, a cidade pulsa, viva como nunca, com seu coração batendo sem parar a cada novidade.

E hoje isso é mais verdade do que nunca! A La Samaritaine, o museu Carnavalet, o museu Cernuschi, o museu da Chasse et de la Nature, o Hotel de la Marine, na place de la Concorde, todos foram recentemente renovados, e o Pompidou seguirá em 2023. Depois da abertura da Fundação Giacometti, foi a vez de inaugurar o prédio da Bourse de Commerce reformado por Tadao Ando para abrigar a prestigiosa coleção Pinault. A Pernod Ricard também adquiriu um novo prédio para sua Fundação perto da Gare Saint-Lazare. Galerias de arte estão abrindo a toda no 8º arrondissement, e no Marais continuam a mil as galerias Perrotin, Nathalie Obadia e também prestigiosas galerias internacionais como a White Cube e a Zwirner, além da Skarstedt e Mariane Ibrahim...

Isso sem falar do novo bairro para o mundo das artes que surgiu entre Pantin e Romainville (fora do centro de Paris), onde já se encontram várias galerias, uma FRAC, a Fundação Fiminco e residências artísticas, como o projeto Poush.

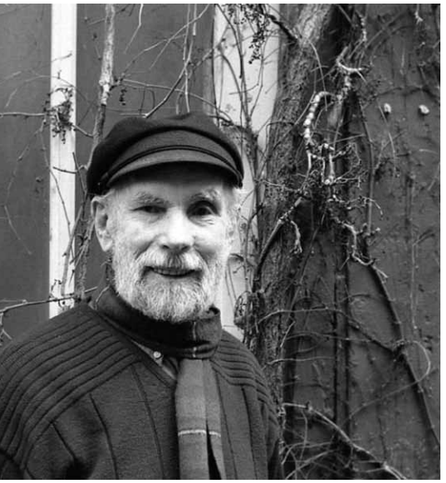
A convite da revista UNQUIET, dois amigos, a mais parisiense das brasileiras, Beatriz Yunes Guarita, e o mais brasileiro dos parisienses, Marc Pottier, incondicionais defensores do mundo da arte, falam a seguir de seus lugares favoritos na capital francesa. São eles o Espace Krajcberg, um pequeno pedaço do Brasil em Paris; a Fab, o novo espaço da estilista Agnès b., que ela dedica à criação contemporânea; e, finalmente, o Silo, que abriga a incrível coleção minimalista do casal Françoise e Jean-Philippe Billarant.



GETTY

Paris: a cidade dos bulevares do barão Haussmann pulsa arte por toda a sua área

Espace Krajcberg, um lugar para um “Grito pelo planeta”



As obras de Frans Krajcberg (1921–2017) podem ser vistas em seu charmoso estúdio na Villa Marie Vassilieff, em Montparnasse

“Minha obra é um manifesto contra a barbárie”, confidenciou há alguns anos esse grande artista polonês (nascido em 1921) naturalizado brasileiro, mas que sempre manteve um pé em Paris. De tempos em tempos, deixava a sua famosa casa na árvore em Nova Viçosa, na Bahia, para recarregar as baterias e encontrar seus amigos artistas de Montparnasse (entre eles Fernand Léger e Marc Chagall), em seu estúdio na Villa Marie Vassilieff. Essa antiga estalagem dos correios, do século 19, teve construídas, com materiais recuperados da Exposição Universal de 1900, cerca de 30 oficinas para artistas e artesãos. Os que se dispuserem a visitar essa joia escondida descobrirão um charmoso corredor de paralelepípedos, com casinhas cobertas de vinhas e cheias de árvores, que começa no número 21 da avenida du Maine, em pleno 15º arrondissement.

O ano de 2021 comemora o centenário desse perseverante defensor da Natureza que infelizmente nos deixou em 2017. Após uma substancial doação de obras do artista à cidade de Paris, o Centre d’Art Contemporain Art et Nature Frans Krajcberg foi inaugurado em 2003 e pretendia ser um lugar de reflexão sobre o papel da arte na luta pela sobrevivência ecológica. Krajcberg, que havia descido em 1978 o rio Negro, no Amazonas, com o famoso crítico de arte francês Pierre Restany, havia coassinado o polêmico *Manifesto do Naturalismo Integral* já afirmando na época que a Amazônia era o último refúgio da natureza integral em nosso planeta.

Para Frans Krajcberg, o homem deve se reconciliar com a natureza se quiser viver em harmonia consigo mesmo. Ele deve olhar sua beleza de frente e medir sua fragilidade. Em um momento em que o nosso planeta está em grande perigo, seu “Grito de revolta”, lançado na década de 1970, ressoa mais forte do que nunca.

Krajcberg nasceu em família judia, que perdeu tudo durante a guerra. Por isso, após um período em Paris, emigrou para o Brasil, onde fascinado pela riqueza natural da flora e da fauna se estabeleceu até sua morte. Mas, paralelamente, criou o Espace Krajcberg para ser um lugar ativo, onde arte e natureza se encontram em projetos engajados na defesa do meio ambiente. O espaço propõe, também, uma programação cultural diversificada: conferências, shows de música brasileira, projeções de filmes e exposições temporárias; além de contar com um grande acervo de livros e catálogos para consulta. O visitante tem acesso a três ambientes distintos. O primeiro, dedicado à exposição permanente de esculturas e pinturas de Frans Krajcberg. O segundo, uma sala audiovisual que transmite documentários dedicados ao artista. Por fim, uma sala de exposições temporárias dedicada a artistas contemporâneos engajados.

Milagrosamente preservada, remanescente do apogeu dos artistas de Montparnasse, essa “pequena rua privada” guarda ainda um pouco do espírito boêmio do século passado.





DIVULGAÇÃO

La Fab, uma ‘factory’ à la Andy Warhol em Paris



Mecenas, produtora e colecionadora, Agnès b. (B tirado do sobrenome do editor Christian Bourgeois, um de seus maridos) está em constante interação com o cenário artístico internacional, e tem apoiado a criação em todas as suas formas, a solidariedade e o meio ambiente há várias décadas. Quase esquecemos que esta mulher de olhos risonhos e sorriso doce de eterna juventude é uma das estilistas francesas mais talentosas. Criadora de uma moda que é ao mesmo tempo clássica, minimalista e atemporal, descrita como seu “toque francês neoburguês” único, ela é celebrada pelos quatro cantos o mundo.

Ao longo dos anos, ela construiu uma coleção de arte de 5 mil obras, que combinam todas as mídias, reflexo de diferentes encontros artísticos que chamaram sua atenção ao longo de todas as suas viagens. Um pouco antes da primeira onda da pandemia, em 1º de fevereiro de 2020, ela inaugurou a La Fab, em um prédio no 13º arrondissement, um espaço sóbrio e despojado, que reflete bem o seu estilo e onde reúne sua coleção, uma galeria e uma livraria. Um lugar que mostra todos os seus compromissos em torno de três eixos: humanitário, social e partilha.

Agnès b. optou por instalar este local de 1.400 metros quadrados no 13º arrondissement, na praça Jean-Michel Basquiat, uma área em plena efervescência cultural e arquitetônica. Uma Paris jovem e promissora. É um prédio novo que tem também apartamentos de habitação social e foi projetado por um escritório de jovens e arrojados arquitetos, o SOA. Tal como François Pinault na Bourse de Commerce, Agnès b. está profundamente envolvida e é também curadora de várias das exposições apresentadas, nas quais é por vezes auxiliada pela sua antiga equipe da Galerie du Jour Agnès b., que ela abriu originariamente perto de Saint Eustache em 1983. Ela organiza exposições temáticas a partir de sua coleção. La Fab também hospeda a nova Galerie du Jour Agnès b., sua famosa livraria, além de permitir ao público conhecer as ações solidárias e ambientais desenvolvidas por ela.

Para Agnès b. trata-se de compartilhar e oferecer tantas possibilidades quanto possível para celebrar a criatividade para o maior número possível de pessoas, seja quem forem. Na livraria, as editoras são convidadas a contribuir com a seleção e a forma como são apresentadas as obras. Um programa de assinaturas, conferências e encontros entre artistas dá o ritmo. O periódico híbrido gratuito *Le point d’ironie* é distribuído lá e oferece aos artistas a oportunidade de se apropriarem totalmente desse meio para torná-lo um objeto de arte único. O primeiro número foi lançado para o Festival de Cannes, como um verdadeiro manifesto do cinema independente, porque, claro, Agnès b. também se interessa por cinema.

Os sortudos que poderão estar em Paris em meados de setembro verão a exposição *Notre histoire, le graffiti dans la collection et la galerie du Jour Agnès b.* Sempre na vanguarda, ela foi uma das primeiras, em 1983, a apresentar os artistas que se expressam em espaços públicos. Começou mostrando a entusiasta do Harlem e do hip hop Martine Barrat, e depois o coletivo de artistas, os irmãos Ripoulin...

Para ela, todos esses artistas são pintores, razão pela qual essa futura exposição no interior questiona as práticas exteriores ao apresentar instalações, paliçadas, estênceis... Criação sem limites, nos seus diferentes modos de expressão. O acervo conta com cerca de 600 obras, das quais apenas 150 podem ser exibidas. Mas está tudo planejado para romper o confinamento do espaço: o prédio é sobre palafitas e as colunas serão customizadas, assim como a fachada e os 130 metros da janela, também o chão da praça, os bancos... E, claro, vários muros espalhados por Paris irão completar essa homenagem à arte de rua. A cereja do bolo para os fãs é que o escritório de sua sede, na 17 rue Dieu, no 10º arrondissement, receberá a retrospectiva do artista americano Futura.





DIVULGAÇÃO

O La Fab, da estilista Agnés b., trará uma mostra monumental sobre a arte dos graffiti

Le Silo, templo de arte minimalista, conceitual e geométrica

O conselho administrativo do museu Pompidou, em Paris, é formado por colecionadores e demais pessoas do mundo da arte. Em 2019, Beatriz foi convidada a se tornar a primeira brasileira nesse conselho, o que para ela significou não apenas uma honra, mas a oportunidade de realizar um projeto para conectar o Brasil e a França ainda mais. Um dos colecionadores nesse conselho é Jean-Philippe Billarant. Desde 1975, ele e a sua mulher, Françoise, tinham uma profunda admiração pelo construtivismo e suprematismo, pela Bauhaus e pelo movimento Stijl. Isso naturalmente os orientou para a arte abstrata geométrica, minimalismo e arte conceitual. Todos esses são para eles movimentos que põem em questão a arte, a revisitam, mas não ilustram nenhum propósito sociológico ou político. Nesta coleção, da qual eles mesmos não sabem o número de obras, encontramos artistas como Daniel Buren, Donald Judd, François Morellet, Claude Rutault, Richard Serra, Niele Toroni, Felice Varini, Michel Verjux, Cécile Bart, Krijn de Koning... entre outros. "Nosso objetivo não era colecionar obras, mas viver no nosso tempo e conhecer os artistas", explica o colecionador.

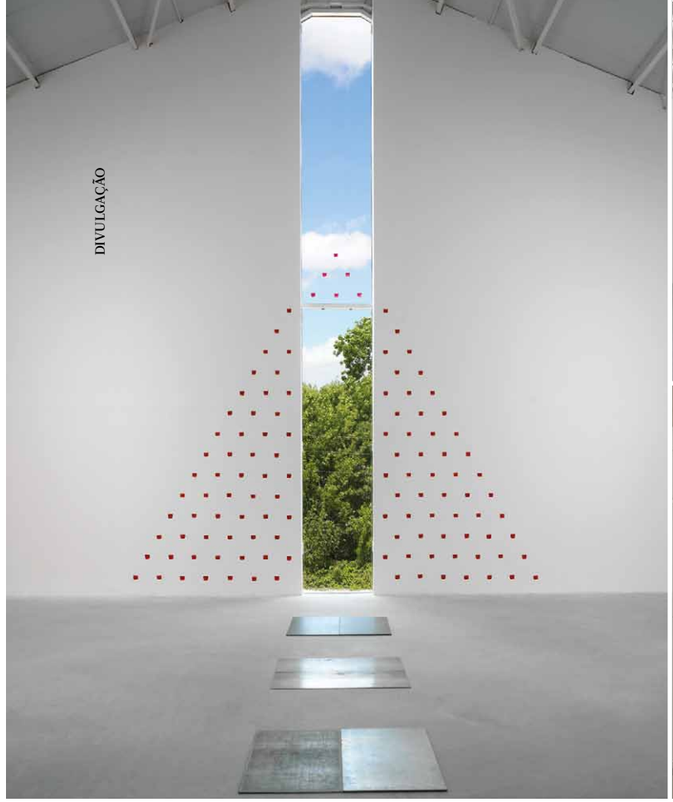
"Nosso objetivo não era colecionar, mas conhecer os artistas", diz Jean-Philippe Billarant, do Le Silo



No início dos anos 1980, essa arte não era tão valorizada como hoje. Os *vernissages* aconteciam em pequenos grupos, o que lhes permitiu aproximar-se e fazer amizade com os grandes artistas americanos e europeus desses movimentos. Para confirmar a sua admiração, eles começaram a adquirir então as obras, o que na época era financeiramente viável. Os Billarant se focaram em menos de 50 artistas, tentando acompanhá-los pelo maior tempo possível e construir conjuntos.

A certa altura, ficou claro para eles que, para realmente defender esses artistas, seria necessário mostrá-los. Assim nasceu a ideia de buscar um local para expor sua coleção. Eles encontraram fora do centro de Paris, mas a menos de meia hora da *périphérique* (o anel viário que circunda Paris), um silo de grãos, de concreto, da década de 1960, que adquiriram em 2007 e o transformaram sob a supervisão de Dominique Perrault (o arquiteto da Grande Biblioteca François Mitterrand).

A primeira exposição foi inaugurada em 2011. Hoje já estão na quinta apresentação dos trabalhos da sua coleção, para a qual cuidam da cenografia. As visitas acontecem sempre com eles e gratuitamente, mediante agendamento, para todos aqueles interessados em arte contemporânea. "A arte nos deu tanto que nos parece certo compartilhar nossa paixão e falar aos visitantes sobre esses magníficos artistas que se tornaram nossos amigos", eles completam.



DIVULGAÇÃO





Mas esses generosos colecionadores têm mais que uma carta na manga! Eles chegaram, no final dos anos 1980, também à música contemporânea, sempre com a mesma preocupação de conhecer os criadores, nesse caso os compositores. Isso se deveu também a uma reação deles a um primeiro movimento especulativo que tomou conta do mundo das artes visuais, e do qual se sentiram reféns. Na música, não havia especulação! Assim, tornaram-se mecenas de obras musicais, dando total liberdade para os compositores. Eles elegem determinados artistas a cada ano e encomendam obras em conexão com o IRCAM (o intercontemporâneo Ensemble fundado por Pierre Boulez) ou grandes festivais de música contemporânea. Não dizemos que na França tudo termina com uma canção?

A excelência cultural francesa não é um mito, Paris é a ponta do iceberg de uma França repleta de festivais e museus. Nessa aventura, o Brasil sempre teve seu lugar. Assim como Krajcberg, que tem seu Espaço, Tunga com sua espetacular escultura *À Luz de Dois Mundos*, sob a pirâmide do Louvre, também marcou todos os que tiveram a chance de vê-la em 2005. Recentemente, a videoinstalação *Blood See* e os desenhos de Janaina Tschäpe interagiram de forma muito inteligente com os *Nenúfares* do Musée de l'Orangerie...



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse *revistaunquiet.com.br*



AUGUSTO CAMARGO

ESPORTE

VIAJAR A CAVALO

Esta é a melhor maneira de vivenciar a paisagem, a cultura e os costumes da vida rural gauchesca em Coxilha Grande, na região catarinense de Lages

POR CARLOS MARCONDES

Coxilha é uma extensão de terra ondulada, com pequenas e grandes colinas. É muito comum no Sul do país. Poucos brasileiros ouviram falar, entretanto, de Coxilha Rica, na Serra Catarinense. Uma região singular, gelada – fica ao lado de cidades como Bom Jardim da Serra, Urubici e Urupema, as mais frias do Brasil. Mas principalmente um celeiro da intensa cultura gauchesca. Trata-se de um mundo do gado, de vida rural raiz, de imensas pastagens de capim-mimoso espalhadas por 100 quilômetros quadrados, com cerca de 400 fazendas que preservam uma riqueza histórica, relacionada à vida dos tropeiros. Aqui se anda a cavalo.

Há cerca de dez anos, algumas dessas fazendas começaram um namoro com um conceito novo para a coxilha: o turismo equestre. As cavalgadas são uma maneira de ganhar um pouco de dinheiro extra e fazer intercâmbio com visitantes: os estrangeiros se encantam com o tamanho das pastagens vazias, algo impensável para padrões europeus. Embora a maior cidade próxima seja Lages, algumas das propriedades estão a quase três horas, por estrada de terra, da civilização.

Nossa imersão nesse universo durou seis noites. Percorremos 200 quilômetros. A experiência é coordenada pela agência viajaracavalo, da alagoana Jacira Omena. Nos anos 1990, ela deixou a profissão de médica e a partir de 2014, depois de escrever o livro *Viajar a Cavalo: um Guia Passo a Passo*, criou também o site viajaracavalo.com.br – e em 2016 começou como operadora de programações de turismo equestre.

Foi Jacira quem recebeu pessoalmente nosso grupo no aeroporto internacional de Florianópolis para um *transfer* de quase quatro horas, passando pelo Vale Europeu, até entrar na Serra Catarinense, rumo à fazenda da Chapada. A chegada para o almoço de domingo encontrou uma costela assando e uma calorosa recepção do simpático Daniel Klein. A acolhida carinhosa foi o prelúdio do tom que teria a jornada.

CRIOULOS À ESPERA

A fazenda da Chapada é a base de partida e de chegada da tropeada, onde se pousa na primeira noite e na última. As hospedagens são simples e aconchegantes, uma mescla de pousada rústica com casa de fazendeiro. Daniel, conhecido como Catatau, é uma espécie de embaixador do turismo na região. "Adoro receber gente de tudo quanto é canto e mostrar um pouco da nossa coxilha", revela o anfitrião que abraçou a missão de unir proprietários, organizando as fazendas que receberão os visitantes.

Também é ele quem disponibiliza os cavalos, o carro de apoio que leva as bagagens e suprimentos – e ainda coordena a dupla de cozinheiros Léo e Maria, mãos mágicas em ação a cada parada, oferecendo o que há de melhor da culinária serrana.

A outra dupla do time de Catatau é formada pelos vaqueiros Juruna e Batatinha, profissionais especiais. São gaúchos de corpo e alma, no mais puro sentido cultural. Além de serem personagens divertidíssimos, funcionam como guias. Mas são essencialmente homens da lida rural, da rotina fazendeira da coxilha. Conhecem cada araucária da região.



Pausa para a foto: do alto do paredão, o peão faz pose na cascata

Por falar nela, a araucária ou pinheiro-do-paraná, soberba e símbolo da Serra Catarinense, hoje é protegida. Todo o território, no entanto, foi dramaticamente devastado, principalmente durante a décadas de 1950-1960, quando a extração ocorria sem restrições, com a madeira utilizada, entre outras obras monumentais, na construção de Brasília.

Na manhã do dia seguinte conhecemos os protagonistas: os cavalos crioulos. Raça forte, de baixa estatura e adaptada ao relevo local. Completamente diferentes dos mangas-largas marchadores, que mantêm três patas no chão ao trotar, proporcionando conforto, os crioulos deixam apenas duas e seu andamento é um pouco mais duro. São, no entanto, mais resistentes e hábeis ao encarar os planaltos.

Sou apresentado a Moura, uma menina faceira escolhida por Batatinha para ficar ao meu lado, de acordo com minha experiência (quase zero). Aliás, esse roteiro de quase uma semana exige experiência mediana de cavalgada. Isso ficou bem claro ao fim do primeiro dia, o mais puxado, quando andamos 40 quilômetros.

Zero arrependimento. Que dia! Partimos às 9h30 e chegamos quase às 19h, no cair da noite, com um céu que daria inveja a qualquer planetário. Foi uma experiência que quase ninguém do grupo havia tido: cavalgar na escuridão, sem referência, longe de tudo, no coração da coxilha, apenas com a certeza de que nossos vaqueiros nos levariam para uma aconchegante fazenda em segurança. Não é exagero dizer que, ao longo do percurso inteiro, cruzando 11 porteiras e seis fazendas, passamos apenas por menos de uma dezena de pessoas. É inacreditável o isolamento nesse canto catarinense.

DESACELERANDO

Alongar foi preciso. Depois do descanso na fazenda Lua Cheia tivemos a confirmação de que o mais puxado já passara. Os dias seguintes seriam de distâncias mais curtas e menos horas montadas. A maioria de nosso pequeno grupo era de gente que tinha longa relação com o ambiente equestre, e amiga da proprietária da agência.

A dinâmica do passeio impulsiona tipos distintos de relação. Há momentos em que são só você e seu compa-





FOTOS CARLOS MARCONDES

nheiro. Uma reflexão inspirada em paisagens que exaltam a paz. Pensa-se na vida, conecta-se com o cavalo.

A cavalgada segue em parcerias móveis. Há oportunidade de conhecer um pouquinho da história de cada um do grupo. Há tempo de sobra. Fascinantes são as conversas com Juruna e Batatinha, sempre atenciosos e fontes inesgotáveis da cultura regional. Duas pessoas da terra, nascidas na coxilha e PhDs na lida do campo.

Juruna, por exemplo, tem na bagagem mais de 200 cavalos domados. Tanto ele como Batatinha costumavam tropear o gado de fazenda em fazenda, em viagens que às vezes levavam semanas, dormindo ao relento, em esquema de revezamento. São capazes de guiar na coxilha até de madrugada.

Nos papos de cavalgada, o sempre divertido e "gauchamente paramentado" Juruna revela uma história de superação, ao se livrar do alcoolismo e do tabagismo, de um dia para o outro, após ouvir um pedido emocionado de uma desconhecida. Ele é tão gaúcho que, nas raras vezes em que esteve no litoral, mantinha a bombacha e o lenço em plena praia. "Pra me tirar aqui da minha coxilha é quase impossível."

Entre conversas e galopes chegamos à fazenda Rodeio Bonito, da anfitriã Luciana de Ávila Leite. Ela é uma das que abraçaram o turismo rural como um dos negócios da propriedade. Na sede, porta-retratos da família se espalham por todos os quartos. Luciana é bisneta do falecido e lendário Tito Bianchini, um imigrante italiano que chegou em Lages sem nada no bolso e se transformou em um dos mais bem-sucedidos fazendeiros de Coxilha Grande.

O multitalentoso Batatinha conhece bem as histórias locais e ajuda a passar as horas de trote, dando aulas de cultura regional. Vez por outra, também cantarola músicas gaúchas ou recita folclóricos poemas. "Quem vive no mato conhece madeira, quem faz a farinha conhece o monjolo, quem sabe das voltas das lidas campeiras, conhece o valor do cavalo crioulo." Na fazenda Santa Fé, onde passamos a noite seguinte, assistimos à apartação e ao desmame dos garrotes das vacas.

ÚLTIMAS LÉGUAS

Antes de montar para vencer outros 30 quilômetros, sou apresentado ao Nescau, meu novo parceiro. Moura cumpriu seu papel, mas ligada no "automático" ela era muito ligeira para minhas habilidades. Eu precisava de um acompanhante mais calmo, que pegaria leve na reta final da expedição. Batatinha e Juruna levam com a tropa um cavalo extra para cada um, no caso de possíveis adaptações e revezamentos. Cavalgar com os animais soltos pelos planaltos torna a experiência ainda mais gaúcha, pois ajudamos a conduzi-los no rumo certo, coisa de verdadeiro peão.

Entre todas as fazendas em que paramos para almoçar, a Cascata e a Tijolinho exalam autenticidade. Ambas centenárias, pertencem à família do simpático Edson Amorim. Ao visitá-las, fica a clara sensação de que, em alguns lugares da coxilha, a vida parece mesmo ter parado no tempo.

Na Cascata provamos do célebre entrevero, um dos símbolos da cozinha local. Nada mais é que um mescladão de diversos legumes, como pimentão, cenoura, cebolas. Leva ainda frango, porco e carne de boi, tudo frito separadamente e misturado em uma panela de ferro. O prato compete com a também famosa paçoca de pinhão, com bacon e carne moída.

"O pinhão é a base de muitos pratos durante o inverno, inclusive com pizzas de entrevero e de paçoca. E, claro, aqui é a terra da carne. Assada ou cozida está na mesa todos os dias", explica o cozinheiro Léo. A culinária se completa com a polenta, herança dos imigrantes italianos, o queijo serrano de

A paisagem bucólica dá a sensação de que em alguns lugares a coxilha parou mesmo no tempo

Na página anterior, os cavaleiros posam em frente a uma queda-d'água. Acima, os cavalos pastam à beira de um açude numa das fazendas onde os viajantes dormem



A Coxilha Rica em quatro tempos: o dia que se finda; o famoso entrevero no prato; peão vestido à moda gaúcha e cavaleiros com araucárias no horizonte







leite de vaca e as sobremesas como pudim de leite. Tudo muito simples e com ingredientes locais. Ah, e nem precisa mencionar que o chimarrão é acessório compulsório por aqui: o gaúcho pode esquecer o celular, mas jamais a cuia.

O destino agora é a fazenda Amigos da Boa Vista. O nome reflete seu principal predicado, a paisagem do topo de um vale que remete ao verdadeiro sentido de isolamento que a Coxilha Rica provoca. É a penúltima noite antes do retorno à fazenda Chapada e a música marca a despedida. O jantar conta com a ilustre apresentação de Ricardo Bergha, ícone das canções nativistas, acompanhado do instrumentista Marlus Pereira na sanfona (que aqui eles chamam de "gaita").

Logo cedo montamos para a parte final. Iríamos completar 200 quilômetros de Coxilha Rica. A jornada leva o pensamento longe, convida a refletir sobre a relação homem-cavalo, algo extremamente íntimo, até espiritual. É um exercício de busca por uma simbiose de entendimento mútuo, daquilo que cada um necessita nessa conexão. Talvez a coxilha seja rica não pelo pasto de capim-mimoso, mas por ser um imenso palco para uma experiência como esta.

viajaracavalo.com.br

FOTOS CARLOS MARCONDES, ISTOCK E GETTY



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse *revistaunquiet.com.br*

BEM-ESTAR

IBIZA

O espírito livre da mais festiva ilha do Mediterrâneo dá aos hóspedes do novíssimo Six Senses a sensação de estar no lugar certo, e na hora certa

POR ERIK SADAO

P

aira sobre Ibiza uma inegável aura de espírito livre. A ilha adotada por artistas, músicos, criativos e místicos – na época chamados de *hippies* – desde os anos 1950 tornou-se ao longo do tempo sinônimo de festa (boa!), com um dos calendários de eventos mais badalados da Europa. Nos anos 1990 a comunidade gay aportou aqui, garantindo uma atmosfera de diversidade até hoje em sintonia com os fundamentos plantados pelos *hippies* da primeira invasão. Em comum, imigrantes, locais e visitantes da ilha mais ilustre do arquipélago, conhecido como Ilhas Baleares, reverenciam o mar azul-turquesa, a luz contínua, a vegetação exuberante e o ritmo das estações, típicos do clima mediterrâneo da costa espanhola.

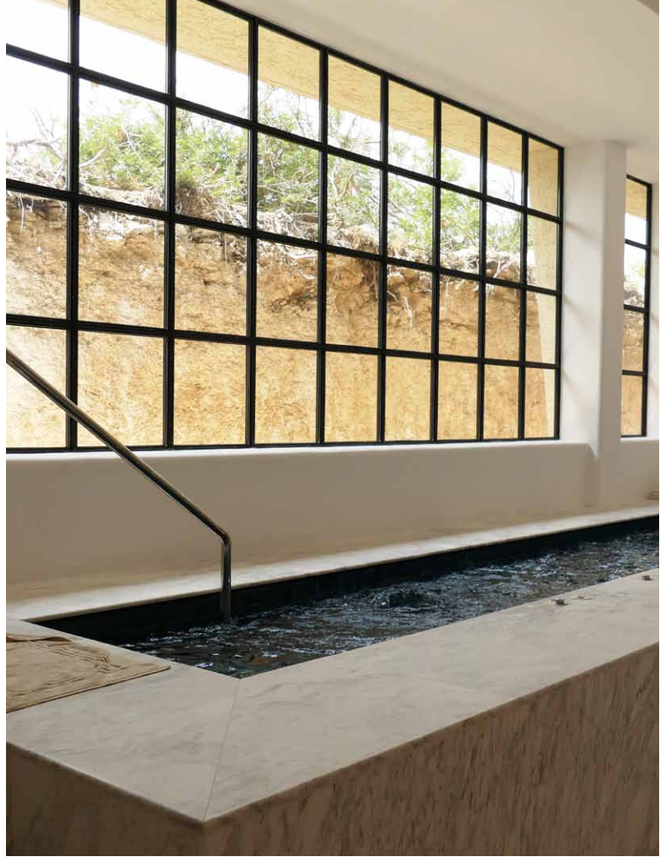
Ao chegar ao novíssimo Six Senses Ibiza, vizinho do charmoso *pueblo* de Portinatx, no extremo norte da ilha, descobre-se a existência de duas frequências distintas convivendo em equilíbrio: se o sul, com sua vocação hedonista, é endereço de festeiros de todas as partes do planeta, o norte é onde comunidades prosperam com espírito comunitário e a filosofia *"live and let live"*, herdada dos filhos da contracultura. E é essa a fonte de inspiração do hotel que, já na entrada, se anuncia como parte de "uma comunidade sustentável no Mediterrâneo".

Talvez a melhor definição de comunidade sustentável do Six Senses Ibiza seja traduzida a partir dos programas de bem-estar e da gastronomia orgânica de cultivo local. Graças à compra de uma propriedade agrícola de mais de 400 anos, há uma abundância de produtos pouco vista em resorts europeus. Os tomates da costa da Espanha, base para os melhores gaspachos, crescem tão fartos que são incorporados à decoração. Eles são as estrelas dos pratos do restaurante HaSalon, capitaneado pelo *chef* israelense Eyal Shani, já queridinho dos hóspedes. A *focaccia* servida como entrada, acompanhada de burrata e ragu de tomates apimentados, é candidata à memória alimentar afetiva.

O projeto arquitetônico, assinado por Jonathan Leitersdorf, utiliza os tons rosados das pedras da região para garantir que o hotel não interfira na paisagem. E basta um fim de tarde para perceber que tudo ali foi pensado para transformar o pôr do sol no espetáculo que é. Longe de querer criar bairrismos, mas poucos lugares na parte sul de Ibiza dão vista para o poente. Aliás, um dos programas mais legais da extensa lista de atividades de bem-estar traduz para o ocidente os preceitos de uma cerimônia *aarti* hinduísta: uma *silent disco*, aquela em que todos usam fones de ouvido, é montada ao ar livre enquanto Murray Hidary, um guru-DJ, realiza uma meditação guiada com agradecimento ao astro-rei pelo dia. É só fechar os olhos para sentir um pouco da paz e energia dos Himalaias.

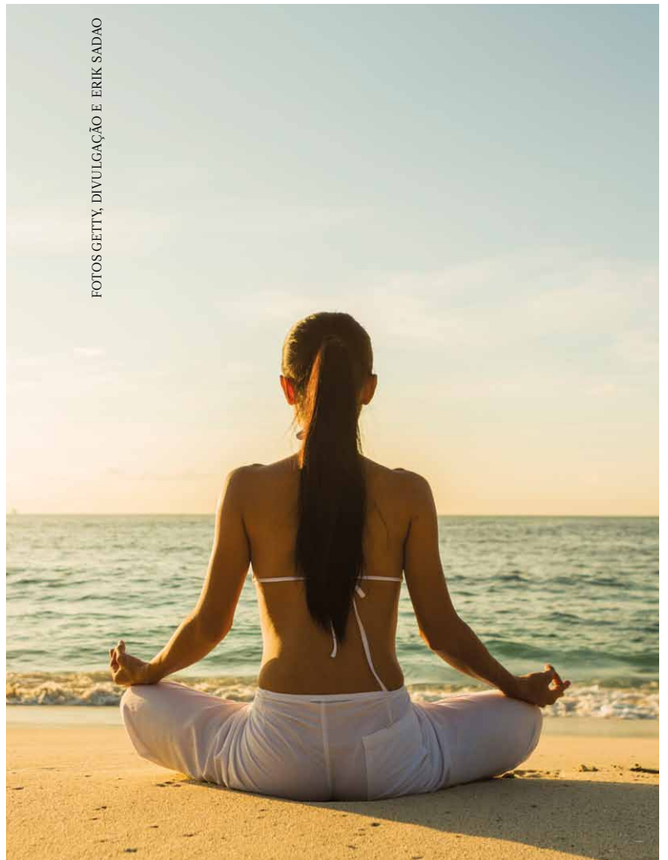
Apesar das belas praias da região como a pequena Enamorados, segredo bem-guardado de Portinatx, é difícil sair do Six Senses Ibiza por muito tempo. Em um dia no hotel é possível participar de práticas de ioga para todos os níveis, treinos de circuito e *crossfit*, *workshops* sobre moda sustentável com base no Conscious Movement de consumo ou aprender a produzir sua própria pasta de dente natural. Além da meditação, há outros tipos de práticas, incluin-

Os ambientes e cenários do novo Six Senses Ibiza induzem a uma atmosfera de relaxamento e autocuidado. Aqui as baladas são conduzidas por um guru-DJ...





FOTOS GETTY, DIVULGAÇÃO E ERIK SADAO









FOTOS GETTY E DIVULGAÇÃO

do a Vinsyasa Yoga ao pôr do sol e o relaxamento para cura com os lenientes sons das *singing bowls* asiáticas.

Para completar as atividades de bem-estar ou esportivas, em uma charmosa biblioteca – repleta de livros contemporâneos sobre *mindfulness* e clássicos da biblioteca ayurveda – estão o Alchemy bar, dedicado à produção de temperos frescos e misturas de ervas aromáticas para cozinha ou terapias; e a central de atividades do hotel, responsável por organizar práticas como *snorkeling*, caiaque, *stand-up paddle* e até meditação subaquática guiada. O salto de um penhasco direto no mar, acompanhado de um guia, é a atividade perfeita para os aficionados por adrenalina. Quem preferir se aventurar na cultura local pode remar até as cabanas dos pescadores de Cala Xuclar, em um passeio seguido de compras no mercado de artesanato local em San Juan, ou ir de barco até a ilha, considerada mística, de Es Vedra.

Talvez a vocação festeira de Ibiza não a coloque imediatamente no radar de quem busca relaxar profundamente. Mas o spa de 1,2 mil metros quadrados com tratamentos assinados e criados sob medida por mestres internacionais da ioga deve colocar o novo Six Senses no melhor do circuito *wellness* mundial. Retiros imersivos de vários dias são planejados com práticas de conscientização do corpo e mente, combinados com terapias antienvelhecimento, holísticas e com orientação nutricional e métodos de cura modernos, em salas equipadas com alta tecnologia. Além delas, há cavernas ao ar livre com acesso direto aos jardins orgânicos, onde as ervas para os produtos e óleos são cultivados, incluindo as utilizadas no Alchemy bar do hotel.

No outono e no inverno, na baixíssima estação das Ilhas Baleares, quando alguns hotéis fecham completamente, o Six Senses Ibiza permanecerá em funcionamento, com mestres, artistas e *chefs* de cozinha de outras partes do mundo criando programações especiais com foco em música, arte, moda sustentável, gastronomia orgânica, bem-estar e espiritualidade.

A aguardada programação de outono-inverno do hotel vai mirar nas imersões para desintoxicação e estruturação do corpo a partir do autoconhecimento da genealogia, técnica também usada para desbloquear os potenciais humanos. Programas com foco na criatividade também foram anunciados, com a presença de gurus-executivos da indústria musical, a partir de ritmos musicais naturais e hipnóticos aliados à tecnologia. Está prevista uma série de eventos musicais ao ar livre com representações de culturas de todo o mundo.

Fique de olho. O Six Senses Ibiza pode estar criando os pilares para uma comunidade global sustentável com base no Mediterrâneo. Nômade, ela residirá em todos que visitarem o lugar.

O spa do Six Senses, com tratamentos sob medida, deve colocá-lo no melhor do circuito *wellness* mundial

A piscina de borda infinita do Six Senses tem uma vista de tirar o fôlego. Ou de ganhá-lo para se aventurar até Formentera, a menor ilha do arquipélago mais charmoso do Mediterrâneo

ETERNO RETORNO

Depois de mais de um ano e meio sem viajar por causa da pandemia, me vi embarcando no começo do verão para Ibiza a convite da UNQUIET para cobrir a abertura do novíssimo Six Senses. No caminho, lembrava do código aprendido no meu passado festeiro na ilha: "Eivissa", a pronúncia em catalão de Ibiza, com a língua nos dentes da frente, é palavra-chave para ganhar o sorriso de locais, moradores e de outros visitantes.

Já no *check-in* do Six Senses, testei a técnica aprendida em meio a brindes com aperol spritz, em algum *beach club* badalado, numa época notívaga remota em que não notava o pôr do sol. Ao dizer "estou feliz por estar novamente em Eivissaah", considere que forcei um pouco o acento aqui, ganhei os sorrisos que sempre me fizeram sentir em casa na ilha. Só que foi tudo diferente dessa vez.

Para começar, me senti bem ao estar cercado de crianças na piscina, convivendo naturalmente com garotas fazendo *topless* e casais de todas as idades. Em todas as áreas, os hóspedes estavam conversando entre si, não fechados em seus grupos. Do livro que estava lendo à tatuagem que tenho na perna, tudo era assunto para o início de papos animados. Me vi elaborando sobre a evolução da origem *hippie* da história da região, e me senti vivenciando a filosofia *"live and let live"* da contracultura que dá identidade ao norte de





uma das minhas ilhas preferidas, a verdadeira inspiração do Six Senses Ibiza.

Tentei provar todos os restaurantes, mas uma pitada hedonista que resiste – afinal, estava em Ibiza – acabou me fazendo repetir o saboroso israelense por duas noites. O cenário, com oliveiras originais mantidas, ao lado do interessante Pharmacy Bar, com um barista todo dia a postos me perguntando meu estado de espírito para depois me sugerir um drinque, feito exclusivamente para mim, virou uma memória afetiva.

A lojinha Agora, somente com marcas sustentáveis, é um deleite para apaixonados por marcas com pegada versátil. Destaque para as roupas de tecidos reciclados e inteligentes, para utilizar em diversas ocasiões. Com baixa emissão de carbono e cadeias de desenvolvimento sustentável, educam o fashionista-consumista que resiste em todos nós a olhar para o futuro. E, note, trata-se de um hotel com zero consumo de plástico!

Como já conhecia os spas Six Senses e sabia exatamente o que esperar dos excelentes tratamentos que oferecem, o destaque, para mim, foram as aulas e práticas de ioga e meditação, sempre em cenários ao ar livre. Me emocionei ao ver os hóspedes embarcando na viagem proposta pelo guru-DJ na cerimônia diária do pôr do sol, quase uma contemporização das *aarti* realizadas diariamente em frente ao Ganges, na Índia.

Logo na primeira noite, observei um jovem casal, com os fones de ouvido durante a meditação. Não diziam nada, só se abraçavam. Ela, ao se virar de costas, olhou para mim e sorriu com aquele olhar de quem saúda o deus que existe em nós. Quando nos encontramos mais tarde no restaurante, brindamos à distância. E me vi feliz por trazer na bagagem uma nova memória de Ibiza, completamente diferente das recordações festeiras que tinha, mas que, também, acendeu a vontade de retornar assim que possível.

A comida no HaSalon é servida ao ar livre e cada quarto possui uma varanda exclusiva. O Six Senses é a face zen da ilha das baladas sem fim



FOTOS GETTY E DIVULGAÇÃO



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse *revistaunquiet.com.br*

C6BANK
apresenta



PROUDLY

A NÚMERO UM

Ela foi a primeira dos Estados Unidos e vai completar 45 anos. Conheça a Aspen Gay Ski Week, no Colorado

POR ANDRÉ FISCHER

FOTOS UNSPLASH E MATTPOWER



Já pensou em esquiar ao lado de *drag queens* montadas descendo a montanha e depois fazer um *après-ski* em uma *jacuzzi* no meio da neve cheia de homens só de sunga? Assim é o dia numa Gay Ski Week, série de eventos esportivos e festas para o público LGBTQIA+ que cresce a cada ano. A mais icônica dessas semanas é a de Aspen, no Colorado, Estados Unidos. Uma das mais célebres estações de esqui do mundo, ela é o segundo lar de ricos e famosos, com algumas das casas mais caras do país. Aspen tem uma imensa concentração de galerias de arte e bons restaurantes – e é conhecida historicamente como uma comunidade tolerante. Ela sediou a primeira Gay Ski Week do mundo e segue sendo a principal referência nesse circuito que hoje reúne eventos de esqui para o público LGBTQIA+ em vários estados dos EUA, Canadá, França, Noruega, Áustria, Suíça, Austrália e Nova Zelândia.

Aspen era um vilarejo que viveu o *boom* na corrida do ouro em meados do século 19. Com o fim das atividades nas minas ficou praticamente deserta por décadas, até que nos anos 1950 foram abertos os primeiros resorts de esqui. Tornou-se então rapidamente conhecida entre esquiadores por ter uma neve fina e farta por uma longa temporada, que vai de novembro a abril. Em 1977 um grupo de amigos gays que morava na cidade se uniu a outros homens gays, membros de *ski clubs* da Califórnia, e montaram uma pequena programação de festas. O sucesso fez com que marcassem novo encontro no ano seguinte na mesma época, em janeiro.

A partir daí o evento cresceu e se profissionalizou, oferecendo um movimentado circuito de festas durante uma semana inteira. Em 1979 Aspen se tornou a primeira cidade do Colorado a garantir direitos e proteção a residentes e turistas LGBTQIA+, conquista que se estendeu a outras cidades.

Participantes da Gay Ski Week em Aspen, que desde 1977 ocupa a Snowmass *(acima)* e outras três pistas

FOTOS CHRIS COUNCIL AND EMILY CHAPLIN, DIVULGAÇÃO





O Colorado, que era um estado conservador, atualmente é dos mais liberais dos Estados Unidos

A Suprema Corte Estadual chegou a revogar essas leis, o que levou a um boicote às estações de esqui do Colorado, com efeito devastador na indústria do turismo. A economia falou mais alto e rapidamente a decisão foi revertida. O Colorado, que era um estado conservador, atualmente é um dos mais liberais. Foi dos primeiros a aprovar o uso recreativo de *Cannabis* – só na região de Aspen há meia dúzia de bem montadas *head shops* – e aprovou o casamento entre pessoas do mesmo sexo em 2014, um ano antes de se tornar lei federal.

Foi em Aspen que aprendi a esquiar – melhor dizendo, a praticar *snowboard*, já que tecnicamente nunca desci uma montanha de esquis propriamente ditos. Essa, por sinal, é uma decisão fundamental. É consenso que o esqui é mais fácil de aprender e que o *snowboard* é um pouco mais difícil no começo, embora seja mais rápido para dominar a técnica. Não só por isso a escolha é crucial; ela vai determinar sua identidade na montanha: o *snowboard* é jovem e radical; o esqui, clássico e elegante. Sobretudo em uma Gay Ski Week serve como ponto de partida para encontrar seu par, seja pela semelhança ou pela distinção.

Como Aspen Mountain, que fica no centro de Aspen, não tem pistas verdes, iniciantes devem começar por Snowmass. Maior e mais popular que Aspen, costuma atrair mais famílias. Mas durante a semana dedicada aos turistas LGBTQIA+, hotéis, pousadas e pistas ganham as cores do arco-íris e a frequência muda.

Além de Aspen Mountain e Snowmass, há outras duas montanhas com bem montados centros de esqui: Highlands e Buttermilk. Durante a Gay Ski Week cada uma das quatro é a montanha "*du jour*", onde a cada dia centenas de esquiadores gays de todas as partes do mundo se encontram para esquiar e para os *après-ski*, tradicionais *happy hours* que começam às 3 da tarde, quando as



FOTOS LUKAS VOLK E DIVULGAÇÃO

pistas fecham. Na versão gay são coquetéis com bingos apresentados por *drag queens* ou *hot tub parties* particulares ou em spas. As festas fervem à noite em bares e clubes de Aspen, especialmente no Limelight Hotel. Ainda que estejam presentes em menor número, as esquiadoras lésbicas também têm programas especiais.

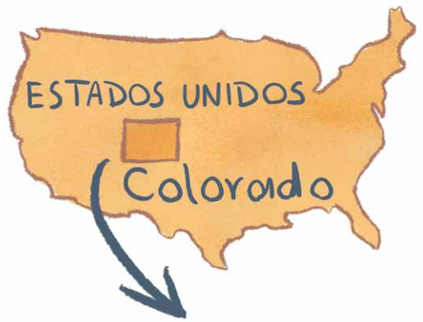
Todos e todas se reúnem na festa mais célebre e aguardada da temporada, a White Party, com todos vestidos de branco. Há também outras festas temáticas, como a divertidíssima Downhill Costume Competition, que mistura concurso de fantasias com competição esportiva coreografada ao som de divas pop. Por isso planeje bem seu guarda-roupa, levando na mala muitas opções ou deixando para comprar em uma das inúmeras lojas locais, mas com preços bem mais elevados. A programação inclui também *brunches*, aulas de ioga, *vernissages*, *pool parties* e jantares especiais – lembrando que almoços em estações de esqui se resumem a lanches rápidos, já que o dia na montanha é curto.

Por conta da pandemia em 2021 os encontros tiveram limitação no número de pessoas, atividades ao ar livre foram mantidas com distanciamento, várias festas e jantares foram cancelados e até o *drag queen* bingo aconteceu apenas online. Em 2022 tudo deve ser diferente. Nas comemorações da 45ª edição da Aspen Gay Ski Week, que acontecerá de 16 a 23 de janeiro, a previsão é que a programação volte ao normal pré-pandemia, com festas em todas as noites. Está prevista uma grande *pool party* com shows no encerramento. Ao que tudo indica vai ser um sucesso; os passes mais básicos com acesso a todas as festas já estão esgotados. Passes Black Diamond, os seguintes mais acessíveis, seguem disponíveis por 425 dólares no site oficial do evento.

Muitos turistas não LGBTQIA+ também aproveitam para desfrutar do clima animado que essa semana proporciona. Então, se está pensando em esquiar de um jeito diferente, melhor planejar logo. A Gay Ski Week de Aspen é das poucas em janeiro, já que geralmente as outras acontecem mais para o fim da temporada.

gayskiweek.com







Os hotéis de Snowmass concentram boa parte das festas animadíssimas da Gay Ski Week de Aspen

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse *revistaunquiet.com.br*



Mascarado na festa do Divino Espírito Santo, em Pirenópolis (GO).
Ao lado, Marlene Silva, a dona Madá, caixeira do Divino em Alcântara (MA)

ENSAIO

CORES DIVINAS

O ensaio "Será o Benedito?", que dos museus chega às páginas da UNQUIET, mostra a religiosidade brasileira em uma profusão de cores e crenças

POR ANDRÉA DAMATO



No Festival de Parintins (AM), a festa do bumba meu boi divide a cidade em dois blocos: o Garantido e o Caprichoso







No alto, apresentação do Grupo Folclórico Parafusos, em Lagarto (SE). Acima, participante de congada em São Sebastião do Paraíso (MG). Ao lado, caboclinhos da festa de Nossa Senhora do Rosário, em Serro (MG)



Acima, caboclos de lança do Maracatu Cambinda Brasileira, em Nazaré da Mata (PE).
Ao lado, mascarado da folia de São Benedito, em Poconé (MT)

Andréa Damato se lembra que tinha 18 anos e cursava produção editorial nas faculdades Anhembi-Morumbi em São Paulo quando o pai deu a ela de presente uma viagem ao Pantanal Matogrossense. "Foi minha primeira viagem de avião, levei uma câmera Olympus Pen e voltei enlouquecida", conta. Tão enlouquecida que ao voltar aceitou o convite de um amigo para ser estagiária num estúdio de moda. Naqueles tempos analógicos, ela aprendeu a revelar filmes em laboratório e depois se tornou assistente de Araquém Alcântara. Finalmente, se aperfeiçoou no Curso Abril. Retratar o Brasil e a religiosidade dos brasileiros passou a ser seu objetivo.

Para isso Andréa, hoje com 48 anos, já contava com a ajuda de Conceição Rosa, sua avó. Católica, devota de são João e festeira, a casa de dona Conceição vivia lotada durante o mês de junho, entre novenas e trezenas. Ecumênica, sem preconceitos, foi ela quem levou a neta para conhecer um terreiro de umbanda. O gosto pelas fotos de Pierre Verger, Mario Cravo e José Medeiros ainda levariam Andréa a um mestrado em antropologia visual junto à comunidade afrodescendente Omo Ilê Agboulá, da ilha de Itaparica, Bahia.

Seguidora dos preceitos do candomblé, Andréa levou mais de uma década para reunir as fotos deste ensaio. Que, batizado de "Será o Benedito?", tornou-se um clássico instantâneo assim que foi exposto na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Nele pulsam as manifestações folclórico-religiosas de todo um continente chamado Brasil. Do maracatu de baque solto nordestino à festa do Divino, das cavalhadas na goiana Pirenópolis à congada da festa do Rosário, essas imagens revelam reis e rainhas, guerreiros e demônios, músicos e vaqueiros – numa prova incontestável de que o Deus brasileiro tem diversas cores.



FOTOS ALAMY E DIVULGAÇÃO

COMIDA, DIVERSÃO E ARTE

Multicultural e cosmopolita desde sempre, Nova Orleans proporciona experiências extraordinárias à mesa, celebradas publicamente como em raros lugares no mundo

POR LUCIANA LANCELLOTTI

Saborear um *bouillabaisse*, prato da culinária francesa à base de peixe no French Quarter, ao som do jazz: essa é NOLA



O French Quarter é o epicentro do Mardi Gras, o carnaval de Nova Orleans

GETTY

Poucas cidades podem se orgulhar de abrigar aeroportos com nomes de músicos locais. Varsóvia com Frédéric Chopin, Rio de Janeiro com Tom Jobim e Liverpool com John Lennon são algumas. Mas talvez somente uma, Nova Orleans, possa se gabar além desse feito: é um lugar que celebra suas influências musicais 24 horas por dia, durante todo o ano. Por isso, desembarcar no aeroporto Louis Armstrong não é simplesmente chegar a Nova Orleans. É virar a chave do seu estado de espírito em um lugar cheio de vida, embalado pelas notas que ecoam da tríade trompete-corneta-saxofone.

Embora muita gente chegue para curtir os passeios e as festas ao longo dos 13 quarteirões da sempre animada e etílica Bourbon Street – entre elas a celebração anual do carnaval local, o Mardi Gras –, a gastronomia, por si só, merece uma viagem, porque a lista de bons restaurantes é interminável.

É bom saber que em geral não se trata de uma comida bonita, instagramável. Mas não duvide estar diante de uma culinária mágica. As receitas são ricamente preparadas e carregadas de tradição. Veja, por exemplo, a *jambalaya*, uma das especialidades mais representativas de Nova Orleans. É quase uma versão do Novo Mundo para a *paella* e dificilmente vem arrumadinha no prato: mistura arroz, carnes de frango e de porco, frutos do mar e salsicha *andouille*, variedade picante de porco defumado.

CAJUN OU CREOLE?

Assim como Nova York, Nova Orleans, às margens do Mississipi, próxima ao Golfo do México, é um lugar único. Tente encontrar uma cidade americana parecida e falhe miseravelmente. A cultura diversificada foi construída com várias nacionalidades e ritmada com o movimento do porto. Marinheiros e forasteiros chegavam em busca de bebidas e prostituição e se acumulavam em um amontoado de pensões e bares baratos, salões de dança barulhentos e bordéis com violentas reputações que duraram até o início do século 20, quando as casas à beira do rio foram demolidas para abrir caminho aos novos edifícios.

Hoje tudo por aqui depende de uma cultura tão genuína quanto seus habitantes de fala cantada, que amam receber e percebem, no primeiro olhar, que você é um visitante. Um conselho: embora ninguém além dos locais tenha a obrigação de pronunciar corretamente nomes de ruas como Tchoupitoulas e Calliope, tente ao menos não destruir o nome da cidade. Nenhum morador diz "New Orlíns", como pronun-









cia a maioria dos *outsiders*. Correto é dizer "Nu Órlenz", enfatizando ligeiramente o "ó". Melhor ainda: NOLA, como dizem os moradores.

Outro equívoco recorrente é a confusão com os termos "crioulo" e "cajun". Os povos, as culturas e especialmente as culinárias dessas duas origens dialogam muito bem e se misturam em certos momentos. Mas devem ser apreciados pelas diferenças. Grosso modo, o jeito mais simples de separar os dois é associar o crioulo aos costumes da cidade e o cajun aos do campo. Já historicamente, o termo crioulo se refere aos colonizadores franceses – foram eles que fundaram a cidade e a denominaram La Nouvelle-Orléans, em 1718. Depois o controle da cidade passou para os espanhóis – e vem daí a origem da *jambalaya* –, para ser retomada pela França após algumas décadas e ser finalmente vendida aos Estados Unidos em 1800. À medida que os escravos do oeste africano começaram a chegar, a definição de crioulo se expandiu para também incluir os negros.

Na época da colonização, esse grupo teve acesso a ingredientes caribenhos, europeus e africanos, e também à comida típica das tribos nativas americanas. Entre os produtos trazidos de portos de todo o mundo, quiabo, baunilha, uísque e limão foram alguns dos que rapidamente se incorporaram à culinária crioula, que por isso se tornou mais cosmopolita do que a cajun. Esta última, por sua vez, é derivada dos refugiados franco-canadenses que migraram no fim do século 17 para a região pantanosa da Louisiana conhecida como Bayou Country, 56 quilômetros ao sul de Nova Orleans. Nesse hábitat de várias espécies de camarão, mariscos, crocodilos, tartarugas, lagostins, entre vários outros, a comunidade cajun aprendeu a viver da terra, com o que extraía da agricultura e da caça. A cenoura, que com aipo e cebola forma o clássico tempero do dia a dia francês, foi substituída pelo pimentão verde, compondo a chamada Santíssima Trindade cajun. Já as batatas foram trocadas pelo arroz, que prosperou no clima quente e úmido da Louisiana.

Hoje, os pratos cajun estão fortemente enraizados em frutos do mar e preservam a tradição de usar o que a terra oferece. Entre os mais populares estão o *gumbo* – basicamente uma sopa ou um ensopado feito com uma variedade de carnes e peixe, quiabo e sassafrás.

Nova Orleans tem ingredientes caribenhos, europeus e africanos, sempre embalados pelo autêntico jazz

O Mardi Gras é o clímax da festa na cidade. Boa ocasião para uma truta à *creole* ou uma *jambalaya*, a *paella* americana

FOTOS GETTY E CREATIVE COMMONS

ACORDES VISUAIS

No berço do jazz, o ritmo também é definido pelas notas arquitetônicas, com belos exemplares de muitos estilos, do barroco ao contemporâneo. O crioulo, muitas vezes considerado colonial francês, na verdade foi desenvolvido em Nova Orleans e representa uma fusão das influências francesa, espanhola e caribenha em conjunto com as demandas do clima local, quente e úmido. A paisagem é marcada por casas coloridas e geminadas, de dois ou três andares, e varandas de ferro forjado, chalés com telhados inclinados e casas de campo elevadas com hall central. Um passeio a pé pela Royal Street, no French Quarter, é um bom começo para apreciar a arquitetura local. Dica: os quarteirões entre as ruas St. Louis e St. Ann se transformam em calçadões para pedestres das 11 às 16 horas.

Durante a caminhada, faça uma pausa em um dos lugares mais adoráveis não só da rua, como da cidade. É o Cafe Amelie, no nº 912, em uma casa centenária com pátio romântico agradabilíssimo. Relaxe ao sabor de um Sazerac, coquetel símbolo da cidade criado no século 19 e preparado com uísque de



Beignets do Cafe du Monde, Bananas Foster no Brennan's e camarões ao curry do Commander's Palace: um possível roteiro gastronômico no French Quarter

centeio Sazerac, Peychaud's Bitters e licor de anis Herbsaint. Gostou do lugar? Venha então para o *brunch*, que une ótima comida em um belo cenário, de quinta a domingo a partir das 11 horas.

O bastião gastronômico da Royal Street é o Brennan's, fundado em 1946, com uma excelente carta de vinhos que levou o Wine Spectator's Grand Award 2021. O cardápio reúne clássicos como sopa de tartaruga e ovos *sardou* – com alcachofra e espinafre ao creme de parmesão –, além de pratos crioulos modernos. O restaurante também é famoso por ter criado uma sobremesa que rompeu fronteiras, as Bananas Foster, preparadas com açúcar mascavo, manteiga, canela, rum e licor de banana, flambadas à mesa e servidas sobre sorvete de baunilha. É um lugar formal, como se presume, e pede *dress code*, mas estar pronto faz parte da experiência.

Tente, aliás, incluir em sua viagem ao menos uma visita a um restaurante fino de clássicos crioulos. Se não for o Brennan's, pode ser o Commander's Palace, no elegante Garden District, que pertence à mesma família e serve martínis a 25 cents durante o almoço. Ou então, também no French Quarter, o Arnaud's, maior restaurante de NOLA, que abriga a maior cozinha entre todos da cidade, e ainda o Cafe Sbisa, deliciosamente clássico, do *chef* Alfred Singleton.

Ainda nos limites do bairro francês, bem perto da Jackson Square, fica a unidade mais concorrida do Cafe du Monde, onde são servidos os melhores *beignets* da cidade (pronuncia-se "benhês"). Os bolinhos de massa frita e aerada com nome francês podem ser descritos como *donuts* em formato quadrado e sem orifício central. São servidos quentinhos e dourados, cobertos com uma nuvem carregada de açúcar de confeiteiro. Vive lotado? Sim. É turístico? Também. Mas a boa notícia e o melhor indicativo de qualidade é que este é o lugar onde os locais vêm buscar suas porções de *beignets*. E, com o perdão do clichê, se você vier a Nova Orleans e não experimentá-los, simplesmente não esteve aqui.

ALÉM DO QUARTEIRÃO FRANCÊS

O Tremé é a região que exerce maior influência cultural em Nova Orleans, com muitos museus, restaurantes e entretenimento. É também o lar da melhor comida crioula tradicional da cidade. Prepare-se para um intensivão sobre o tema em um dos muitos restaurantes do bairro, seja experimentando a receita secreta do frango frito no Willie Mae's, servida há mais de 30 anos, seja durante o *brunch* de domingo no Lil Dizzy's, com direito a *jambalaya*, *gumbo* de frutos do mar e outros pratos tradicionais. A joia da coroa é o Dooky Chase's, fundado na dé-







FOTOS GETTY, UNSPLASH E REPRODUÇÃO









Sanduíche *po'Boys* do Parkway, *wine bar* N7 no elegante Bywater, ostras assadas do Arnaud's: Nova Orleans tem todos os sabores

cada de 1940, que já recebeu vários presidentes – o último deles, Barack Obama, pediu o famoso *creole gumbo*, para muitos o melhor da cidade, cozido com caranguejo, camarão, frango, dois tipos de linguiça, presunto e vitela.

A 20 minutos de caminhada, outra instituição culinária é o Parkway, com seus respeitáveis *po'Boys*, sanduíches na baguete ricamente recheados com molho gotejante, entre os maiores símbolos de Nova Orleans. Pergunte a qualquer habitante local e todos indicarão diferentes lugares favoritos para apreciar *po'Boys* – o Parkway está sempre entre os melhores. Ambientado em uma casa de madeira de esquina, o lugar fez história ao servir gratuitamente *po'Boys* em 1929, durante a crise da Bolsa, a operários e meninos pobres – daí o nome, derivado da expressão "*poor boys*". Hoje, independentemente do nome e da origem, são consumidos por todas as classes, preparados em diferentes sabores. Até as ostras, outra especialidade muito popular entre os New Orlenians, entram no recheio. Os sanduíches mais vendidos: camarão frito recheado e carne assada com molho caseiro.

Os *po'Boys*, sanduíches na baguete com recheio generoso, estão entre os maiores símbolos de Nova Orleans

Outro bairro interessante fora da concentração de turistas é Bywater, o mais elegante de NOLA, com vários restaurantes e cafés da moda. O pequeno *wine bar* N7 é um deles, em ambiente rústico delicioso e quase cenográfico, com ótima comida de bistrô e toques japoneses, de *steak au poivre* a mexilhões no vapor em caldo de saquê. Por muito tempo, o local não teve site nem telefone, como um segredo bem guardado. Se estiver lotado, corra para o incrível Bacchanal Fine Wine and Spirits, a 10 minutos de carro. Compre uma garrafa de vinho, sente-se em uma mesa dobrável em seu charmoso quintal iluminado por cordões de lâmpadas e peça algumas porções de tapas ou queijos. Converse com todos, curta o jazz ao vivo e siga o lema cajun: "*Laissez les bon temps rouler*", que traduz a alegria de viver típica de NOLA. "Deixe os bons tempos rolarem."

FOTOS GETTY E REPRODUÇÃO



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse *revistaunquiet.com.br*

AVENTURA

MADAGASCAR

Ecossistemas ricos, paisagens jurássicas, águas cristalinas e praias tropicais. Os mistérios e o deslumbre da ilha mais inexplorada do oceano Índico esperam por você

POR NAIARA WAGNER

O clima enigmático e a sensação de rumar ao inesperado já se evidenciam no avião: são quase unânimes os olhares curiosos direcionados à janela quando o piloto avisa que estamos próximos ao pouso em Madagascar. A maioria de meus companheiros de voo certamente também são marinheiros de primeira viagem. Tentam encaixar os contornos vistos pelo vidro ao imaginário construído da ilha verdejante. Não que a repetição fosse capaz de tirar a peculiaridade da experiência, já que Madagascar talvez seja um dos poucos lugares do mundo onde a confluência entre a exuberância e o intocado é real.

Localizada na costa oriental da África, quarta maior ilha do planeta, a cerca de mil quilômetros da costa de Moçambique, Madagascar é lar de uma infinidade de plantas e animais tropicais. A ilha se soltou do continente indiano há 88 milhões de anos. Isso fez com que mais de 90% de toda a sua fauna e flora existam apenas lá. É o caso dos lêmures, ágeis primatas de olhos grandes e saltados, que ali somam mais de 100 espécies – ameaçadas pelo desflorestamento, pela mudança climática e pelos tenrecos, espécie de raposa que vive nas árvores. A melhor maneira de conhecê-los de perto é fazer um safári nos parques nacionais de Andasibe-Mantadia e Ranomafana. Programa obrigatório.

Descoberta pelos portugueses em 1500, colônia francesa até 1960, a ilha do tamanho de Minas Gerais teve sua independência conquistada a duras rebeliões.

Diferente de outros paraísos africanos onde a infraestrutura turística já se instalou, Madagascar preserva sua alma e rusticidade. Dá ao visitante o nobre posto de verdadeiro espectador da vida lo-

Alameda dos Baobás em Morondava: as árvores, algumas com mil anos de idade, são consideradas sagradas para os malgaxes





cal. Se viajar para a África ainda é exótico, ir para Madagascar tem uma dose extra de singularidade: apesar de a população malgaxe estar na casa dos 26 milhões, menos de 300 mil pessoas visitam a ilha anualmente.

Mais da metade da população mundial de camaleões vive lá e você possivelmente os verá nos banheiros dos aeroportos, nas calçadas e nos ombros dos locais. O camaleão está para o malgaxe assim como o pernilongo está para o brasileiro.

A chegada a Antananarivo, capital, tem o típico clima de caos poético dos aeroportos africanos: dialetos por toda a parte, costumes e hábitos curiosos, e a doçura e boa vontade únicas de quem ama receber estrangeiros em sua terra. Não parece em nada o aeroporto de uma capital. Há pouquíssimos computadores e televisores, para não falar da inexistência de sinalização. Em uma sala fechada um homem acende um cigarro ao lado da esteira para retirar as bagagens. Me sinto num filme dos anos 1970 ao perceber que é permitido fumar em quase todos os lugares.

Madagascar não é um país perigoso. Visitar Antananarivo, porém, requer alguma cautela e planejamento. A maioria dos que chegam usa a capital

Madagascar tem 26 milhões de moradores, mas recebe por ano só 300 mil visitantes

Acima, camarões e mamões no mercado de Hell-Ville; à direita, ponte pênsil atravessa uma ravina de pedras

apenas como ponto de partida para visitar a famosa Alameda dos Baobás. É o coração pulsante do turismo malgaxe e uma das paisagens mais marcantes na vida, até para quem já vivenciou todo tipo de jornada.

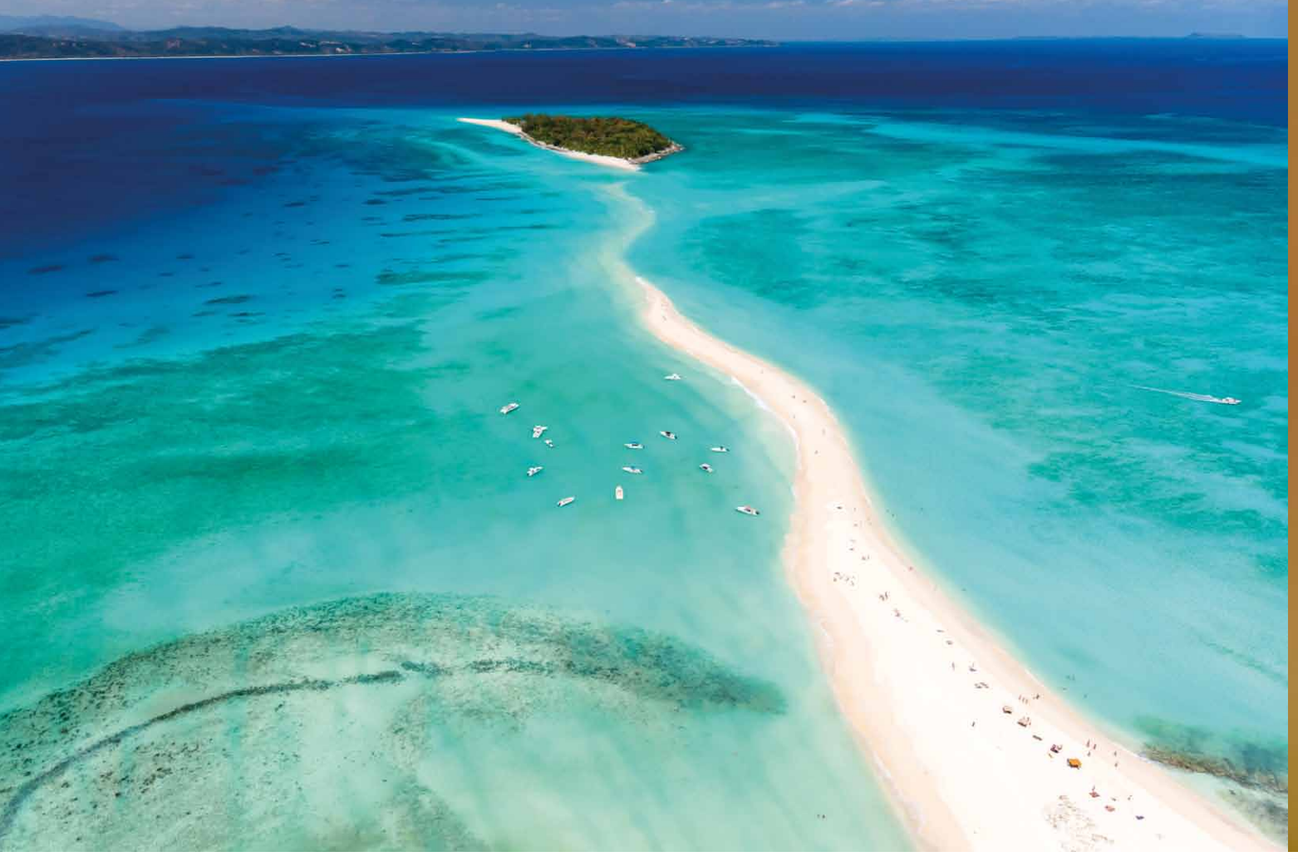
Eternizados pelo escritor francês Antoine de Saint-Exupéry no clássico *O Pequeno Príncipe*, os baobás são vistos no livro como pragas e uma metáfora para os aspectos negativos do caráter humano. "A árvore grande como uma igreja pode atravancar todo o planeta e perfurá-lo com suas raízes", conta a história. Mas no universo de Madagascar elas representam o contrário. A majestosa planta, símbolo da diversidade biológica e da riqueza natural do país, é sagrada para os moradores.

Existem nove espécies de baobás no mundo. Seis vivem em Madagascar. A espécie *Adansonia grandidieri* – assim chamada para homenagear o botânico francês Alfred Grandidier – é a mais imponente. Os malgaxes a batizaram de Reniala, a Mãe da Floresta. Sua onipotência é quase tangível quando se vê um de perto pela primeira vez. Os espécimes mais antigos podem ter mil anos de idade, os mais jovens entre 200 e 300 anos. Seu tronco cilíndrico eleva-se até 30 metros de altura, onde os galhos – sem folhas durante metade do ano – assemelham-se a raízes que crescem em direção ao céu. Por isso, o baobá é chamado de "árvore de cabeça para baixo".

A famosa alameda situa-se em uma região bem particular do sudoeste de Madagascar, nas proximidades de Morondava. Abrange uma faixa próxima ao litoral, de 250 quilômetros de extensão por 20 a 30 quilômetros de largura.

A viagem de Antananarivo a Morondava tem aproximadamente 700 quilômetros. A aventura já começa nas estradas, rurais em muitos trechos. O percurso leva em torno de dois dias. É obviamente cansativo, mas os entusiastas de experiências fora da curva tiram de letra. De toda forma, o que está por vir compensará o esforço e o corpo cansado.

A Alameda dos Baobás parece o cenário de um filme de ficção científica. Ao passo que você se aproxima das árvores, sente-se caminhando rumo a um tempo indefinido, a séculos passados. O desgaste da viagem vai se diluindo. O olhar maravilhado dos que chegam zanzam da base ao topo das árvores. Me sinto num daqueles momentos sublimes dos apaixonados por viajar, quando presenciamos o quanto as conformações da natureza podem vitalizar nossa alma.







Chega a hora do pôr do sol e o azul vibrante do céu vai ganhando nuances laranja, depois vermelha e finalmente violeta, como pinceladas fortes de aquarela. Observo o cenário enquanto ainda há luz, imersa no silêncio. Siderados com o momento, ninguém diz nada. Vem chegando o crepúsculo. Me preparo para no dia seguinte encarar a viagem de volta. Tenho certeza: o que vi recheou para sempre de encantamento a minha memória.

Madagascar é uma ilha distante e de difícil acesso. A companhia local, Air Madagascar, é apelidada de *Air Mad*, por cancelar seus voos sem aviso prévio. Uma vez lá, entretanto, é obrigatório acrescentar ao roteiro o arquipélago de Nosy Be. Destino *hype* de franceses descolados que buscam experiências mais inusitadas que a Côte D'Azur, Nosy Be é famosa pelo azul-celeste de seu mar e pela areia branca de suas praias, combinados à beleza da floresta tropical.

É a meca do mergulho na ilha, graças aos recifes de corais que servem de refúgio à fauna e à flora subaquáticas. Luxuosos hotéis se instalaram por lá com a prontidão e a gentileza clássicas do serviço africano – viajantes assíduos do continente sabem que dificilmente alguém não atenderá você sorrindo. "*Anything you wish*", diz o *butler* da casa que alugamos quando pergunto se é possível alugar quadriciclos para conhecer as florestas.

A principal ilha do arquipélago, também chamada de Nosy Be, tem origem vulcânica. É formada por colinas, montanhas e crateras (originárias dos vulcões), muitas vezes com lagos dentro – considerados sagrados pela população local. É também a mais populosa e bem equipada para o turismo. Nas florestas você verá um pantone verde dentre árvores como pau-rosa, cânfora, palmeira, sumaúma, tamarindo e casuarina.

À parte as praias inesquecíveis, visitar o mercado de Hell-Ville é uma aventura indispensável para quem busca vivenciar profundamente o estilo de vida dos locais. Espécie de "mercadão", Hell-Ville é um mergulho em uma explosão de cores e sabores, onde comerciantes vendem de alimentos a objetos de artesanato em barracas. Lugar perfeito para deixar o olhar e o olfato se perderem entre o arco-íris colorido das frutas e o aroma dos temperos e das especiarias.

Os grandes frequentadores do mercado são os próprios malgaxes. Isso transforma o passeio numa oportunidade única de apreciar e compreender sua rotina e a maneira como se relacionam entre si. Basta aproveitar a sombra de uma barraca e apreciar o espetáculo. Na saída de Hell-Ville, *tuk tuks*,



Na página ao lado, istmo e ilha no Índico. Aqui, exemplos da fauna: lêmure, camaleão, raposa tenreco e tartaruga

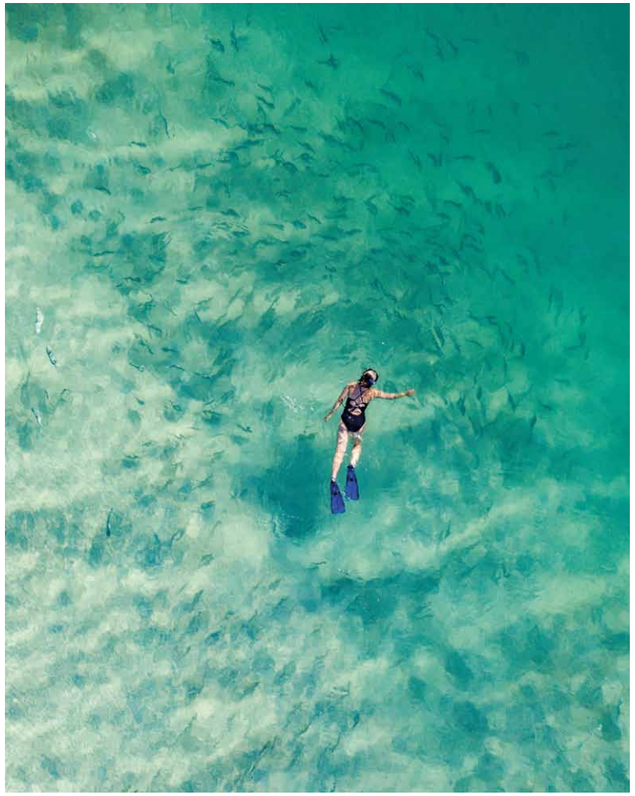


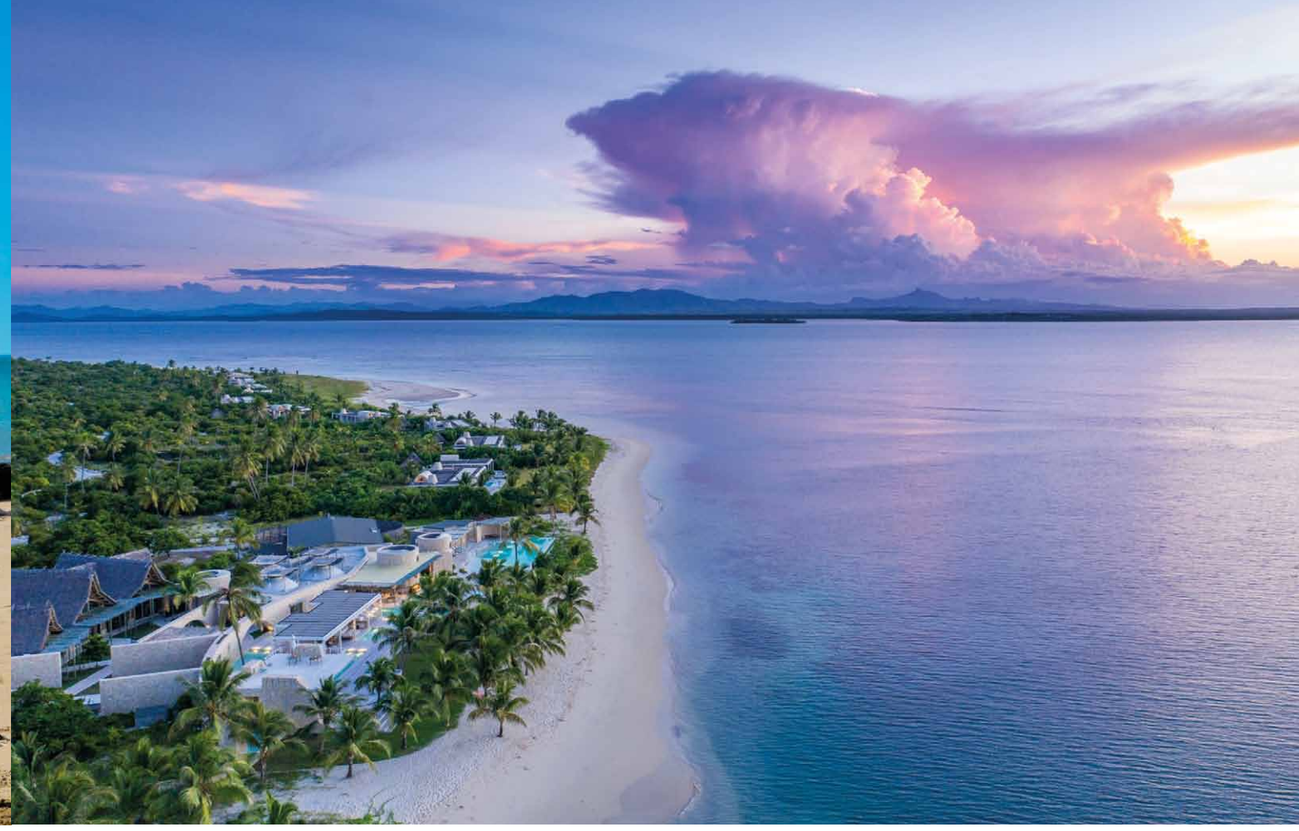


Cavalgada em Nosy Be, mergulho e hotel Time+Tide Miavana, em Nosy Ankao: encantos de uma ilha tão grande quanto pouco conhecida

animais e transeuntes dividem a rua em uma caótica harmonia. Sinto que estou perdida. E agradeço por falar francês para poder perguntar e me localizar. Aliás, um lembrete: com a exceção de hotéis e poucos restaurantes, dificilmente você encontrará No entorno da povoada Nosy Be existem outras ilhas espetaculares e menos conhecidas: Nosy Iranja, Nosy Komba, Nosy Mitsio, Nosy Sakatia e Nosy Tanikely. Algumas são possíveis de serem visitadas em uma *day trip*, como Nosy Iranja. Assim como a Alameda dos Baobás, Nosy Iranja também confunde a mente entre os limites do real e do imaginário. O lugar é formado por duas ilhotas, Nosy Iranja Be e Nosy Iranja Kely, conectadas por uma estreita faixa de areia de 2 quilômetros.

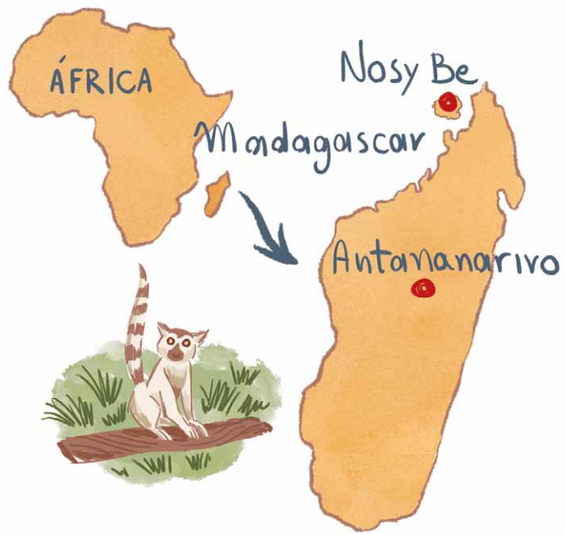
O espetáculo se dá no pôr do sol: à medida que a maré sobe, a pequena faixa de areia vai, aos poucos, desaparecendo. Ondas de ambos os lados se confrontam, como se o oceano brigasse entre si sobre qual lado prevalecerá. O reflexo do sol transforma o azul do mar em um laranja cintilante enquanto as águas se unem, como se finalmente fizessem as pazes. Olho para o lado e percebo: até os barqueiros, que veem a cena todo dia, estão emocionados.





Deixando de lado as viagens “bate e volta”, quem busca o auge de uma experiência excepcional e privativa deve conhecer o Time + Tide Miavana. Possivelmente um dos hotéis mais fascinantes do mundo, o resort fica na pequena e exuberante Nosy Ankao. A equipe local organizará um helicóptero saindo de Nosy Be para levá-lo. Uma vez lá, suas únicas preocupações serão não se atrasar para as atividades que escolher fazer – tarefa difícil já que sua rotina na ilha fará esquecer do relógio.

As 14 vilas são verdadeiras obras-primas no que tange a luxo e design. Todas ficam à beira-mar e contam com piscina particular, além de bicicletas e buggy elétrico para explorar as redondezas. Idealizado pela renomada dupla de arquitetos sul-africanos Silvio Rech & Lesley Carstens, o design do hotel une o conceito de *barefoot beach luxury* a uma modernidade minimalista – um alento frente ao estilo balinês, já saturado em resorts praianos. Assim como nos demais hotéis da rede (destaque para o North Island Resort em Seychelles), o conceito de sustentabilidade é primordial: a propriedade funciona à base de energia solar e foi construída apenas com materiais *eco-friendly*. Uma parte dos lucros também é destinada a melhorias na vida da comunidade local.



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse *revistaunquiet.com.br*

ENTREVISTA

Petit Miribel

Esta francesa que se encantou pela América do Sul transformou o seu hotel Sol y Luna em um dos símbolos do Vale Sagrado, no Peru, com ações sociais na comunidade local

POR **ERIK SADAO**



A

história da hoteleira e ativista social Petit Miribel se confunde com a da fundação Sol y Luna, no Vale Sagrado, no caminho para Cuzco e Machu Picchu, no Peru. A francesa de 53 anos, nascida na região alpina de Bourg-en-Bresse, largou a segurança de uma vida europeia confortável para seguir um chamado que a traria à América do Sul, onde fincou raízes na Cordilheira dos Andes. Ao lado do marido, Franz, ela criou a fundação para melhorar a educação e fortalecer a cultura das crianças da etnia quéchua em uma região que servia somente de acesso para Machu Picchu, estrela do turismo no país. Para manter e melhorar a estrutura da fundação, construiu o Sol y Luna, hotel completamente sustentável, com identidade tão marcante que hoje, assim como Petit, se tornou um símbolo do Vale Sagrado.

UNQUIET_ **Como uma francesa foi parar no Peru?**
Petit Miribel – Acredito que um chamado me trouxe ao Peru. Acredito que há diferentes estágios de vida. Tenho memórias vivas dos meus 12 ou 13 anos já com a necessidade de ser útil aos outros. Sempre me achei uma privilegiada por ter nascido em uma família que me deu acesso a educação, a comida, a férias, a roupas... Ou seja, a tudo o que precisamos para viver. Não me lembro ao certo de quando me dei conta de que a maior parte do mundo não tem acesso a essas coisas. Essa percepção fez com que me perguntasse: por que eu? Há um limite muito claro do que preciso materialmente como pessoa. Se eu posso caminhar, quero caminhar pelas pessoas que não podem. Somos parte da humanidade, somos todos humanos.
Quando você foi para o Peru?
Vim ao Peru há 30 anos, eu tinha 23. Morava em Londres e trabalhava para uma empresa de mineração. Tinha uma vida ótima na cidade. Ganhava bem para uma pessoa da minha idade na época. Um dia me dei conta de que aquela vida não era para mim. Era como se enxergasse meu futuro: casar, viver uma vida típica londrina, com uma bela casa de campo para os fins de semana. Nada errado com isso, mas sentia que não estava realmente vivendo. Nós todos temos vidas diferentes, temos o direito a escolha. Para mim, a escolha era sair daquele círculo que conhecia tão bem. Até hoje não sou realmente casada. De vez em quando converso com meu marido sobre o assunto. Nós nunca nos casamos porque nenhum de nós precisa de um papel para oficializar algo que já sabemos, ou da aprovação de um juiz ou de um líder religioso. Nunca sonhei em me casar. Isso nunca foi importante para mim.
Foi uma mudança muito grande. Como sua família reagiu?
Na época, não havia email ou o sistema telefônico que utilizamos hoje. Me lembro de ter enviado meu currículo para algumas empresas na América do Sul, na Bolívia e no Chile, por fax. Um dia após o envio do currículo para o Peru, recebi uma ligação da maior mineradora da região me convidando para uma entrevista. Voei para Lucerna, na Suíça, e fui entrevistada. Mal pude acreditar, mas ao sair do escritório estava contratada. Ainda me lembro da sensação de felicidade daquele dia. Em menos de um mês estava de malas prontas partindo em direção a meu novo lar.
Agora fica claro quando você diz que recebeu um chamado...
São coisas que acontecem de repente. Você deseja. De repente um emprego aparece. Quando cheguei, viajei bastante pela América do Sul, mas passei anos sem conhecer Cuzco ou Machu Picchu. As pessoas me perguntavam sobre esses lugares e eu dizia que não sabia, nunca havia estado lá. Eu dizia: "Não vou agora porque um dia vou viver lá. Vou deixar esse lugar para depois"*[Risos]*.
E como era a vida em Lima?
Trabalhava muito, ganhava bem. Comecei a me perguntar o sentido daquilo, ainda mais morando em um país tão desigual. Um dia disse ao meu marido: "Vou embora daqui, quero morar nas montanhas". Ele não acreditou. É preciso pensar que, àquela altura, o país não é o que é hoje. Eu queria estar com as pessoas locais. Franz decidiu vir comigo. Fui muito sortuda. Ele era um trabalhador independente e estava em Lima antes de mim. Tinha uma empresa de *paragliding*. Gente de toda a Europa vinha voar pelo Peru com ele. Ele manteve o negócio, trabalhando a partir do Vale Sagrado.
Como era o Vale Sagrado quando vocês se mudaram?
Não havia turismo. Era literalmente o meio do nada, um lugar que se cruzava para chegar a Machu Picchu. Nós éramos jovens, não tínhamos uma grande poupança. Saíamos todos os dias para visitar comunidades locais e ver de perto seus desafios.
E como surgiu a Associação Sol y Luna?
A associação foi aberta antes do hotel de uma maneira muito simples. Éramos somente Franz e eu, visitando comunidades e tentando ajudar como podíamos. Nos demos conta de que havia muito a ser feito e que nós podíamos fazer muito pouco. Isso nos levou à conclusão de que precisávamos fazer melhor para poder ajudar mais gente.
E assim nasceu o hotel?
Sim. Precisávamos de dinheiro para manter a associação. Franz é antes de tudo um arquiteto. Não sabíamos nada sobre hotelaria. Eu disse a ele: "Não sei



"Não havia turismo no Vale Sagrado. Era literalmente o meio do nada, um lugar que se cruzava para chegar a Machu Picchu"

Varanda que dá para a nova piscina do hotel Sol y Luna, no Vale Sagrado, Peru







“Investimos para ganhar o suficiente para manter a fundação. Esse é o propósito do Sol y Luna”

A hospedagem em locais charmosos como a Casita Premium é que sustenta as atividades da Associação, como a escola e os cursos

nada sobre turismo, mas um dia as pessoas virão para cá. Por que não construímos um hotel?”. Ficou claro que, para manter o trabalho com as comunidades, precisávamos ganhar dinheiro. Não imaginava o que viria com o hotel.

O Sol y Luna acabou se tornando a tradução mais autêntica do destino...

Acredito que o motivo tenha sido nossa necessidade de criá-lo aos poucos. Quando o negócio é seu, você sabe exatamente o que quer colocar em cada cantinho. Você sabe como quer que seja a comida, as atividades. Recentemente, recebemos propostas de arquitetos se oferecendo para decorar nossos novos quartos. Como já somos um hotel estabelecido, nos perguntamos: “Por que alguém de fora precisa decorar nossos quartos?”. É o nosso hotel. É o nosso lar. Nós vamos continuar a decorar e a cuidar de todos os detalhes. Nós adoramos estar envolvidos em relação a tudo no Sol y Luna.

Isso é a essência da hospitalidade...

Eu concordo. A maior diferença é que, quando abrimos o hotel, não foi para ganhar dinheiro, como faz um grupo hoteleiro ao chegar em um lugar com potencial turístico. Nós tomamos a decisão de nos mudar para o lugar. Muitos proprietários não vivem no hotel. Nunca vimos o Vale Sagrado como um destino da moda. Investimos para ganhar o suficiente para manter a fundação. Esse é o propósito do Sol y Luna.

E qual sua região preferida no Peru?

A Cordilheira Branca, novamente, por causa das montanhas. A sensação de poder escapar em um *trekking*, respirar ar puro e viver momentos sem ninguém por perto. Sou atraída por essas sensações.

Você acredita nos aspectos místicos da região?

Acredito que somos energia. Acredito que nosso corpo seja somente a representação física de quem somos. O que nós somos vai muito além do corpo. Não sei se sou uma pessoa mística ou esotérica, mas não costumo ir a médicos convencionais. Quase nunca fico doente, mas, quando sinto algo, tento entender o que está acontecendo com a minha energia.

Antes de chegar ao Peru, você tinha essa percepção da própria energia?

Acho que sim. Lembro que no escritório em Lima uma pessoa que trabalhava comigo vivia me recomendando uma dessas pessoas que preveem o futuro. Eu acho que era muito racional, sempre ignorava, dizia que não acreditava e que não queria ver meu futuro. Até que um dia ela me disse que tinha marcado uma consulta para mim. Para não ser antipática acabei indo. Tinha acabado de chegar ao Peru e a vidente me disse: “Vejo você nas montanhas”. Pensei: “Ela está louca! Acabei de chegar na cidade, não sei nem dirigir, como é que vou para as montanhas?”.

Você voltou a se consultar com algum místico?

Não sinto que precise de alguém me contando sobre o futuro, só preciso viver. Não acredito que nosso futuro esteja escrito. Acredito que um dos maiores desafios da nossa sociedade é sermos regidos e preocupados com tantas coisas. Atacados por ofertas do mundo material. Ao consumir, criamos a ilusão de que não somos responsáveis por nossas vidas. Nos tornamos uma sociedade muito estranha. As redes sociais e a obsessão com a imagem. Sinto que perdemos algumas coisas que são muito importantes para nós, como a capacidade de contato. Quando transformamos tudo em produto, perdemos um pouco a humanidade. Me preocupa que não estejamos educando a próxima geração de maneira humanizada. É o que tentamos fazer na associação.

O Vale Sagrado é por vocação um destino para se desconectar?

Sim. Mas ainda assim precisamos garantir que haja boa internet porque isso se tornou tão importante quanto a água. Não temos TV. Temos jardim, temos salão de jogos, temos atividades e tudo o que propomos é focado na conexão. As pessoas estão viciadas. Mesmo ao percorrer as trilhas incas, um lugar que obriga você a literalmente se conectar à própria respiração, ficam ansiosas nos pontos sem conexão. Imagine nossos hóspedes, que vêm de outros continentes para este lugar remoto que construímos no interior do Peru e, mesmo assim, não conseguem se desconectar de imediato.

Como você enxerga o Vale Sagrado no futuro?

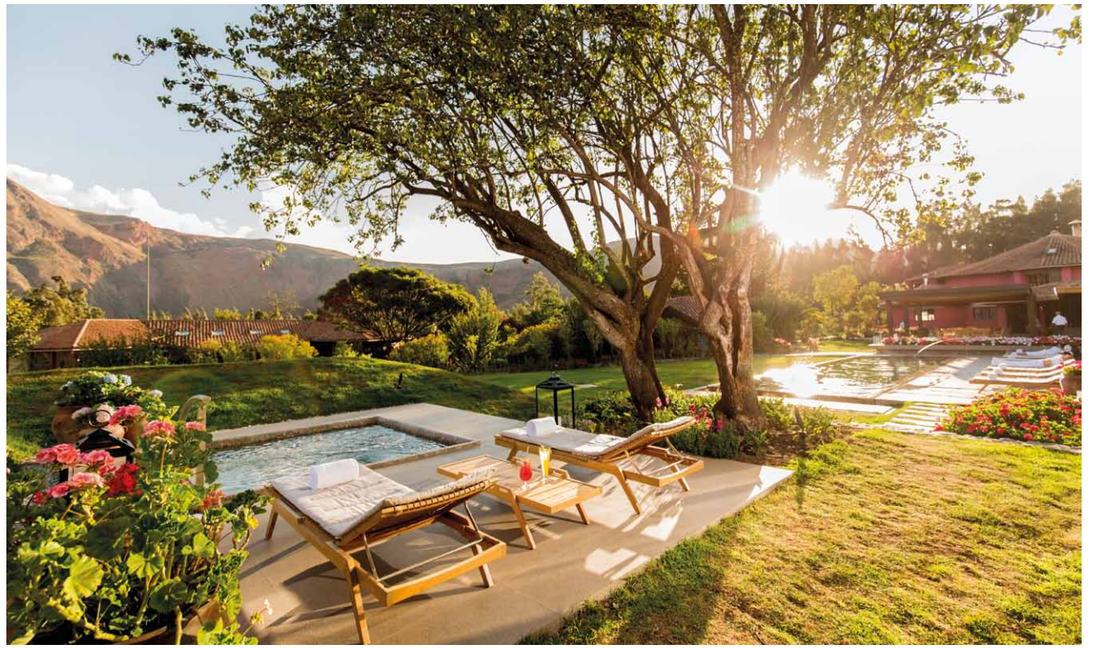
Eu só espero que haja um Vale Sagrado. Nós precisamos que o turismo retorne. Mas precisamos nos manter autênticos com o que somos, com nosso povo. O turismo é a única indústria do Vale Sagrado. Nossa região se tornou um lugar da moda para o peruano de Lima. Muitos compram casas de verão aqui. A invasão ajuda no desenvolvimento, mas, ao mesmo tempo, afasta as pessoas locais dos



Miribel se orgulha do trabalho da Associação Sol y Luna, que levou a jovem Nery a entrar na melhor universidade do país







vilarejos por causa da supervalorização dos imóveis. Durante a pandemia, mantivemos o hotel com 2% da ocupação. Sabemos por quanto tempo conseguimos manter a estrutura. É triste ver o quanto alguns negócios da região foram atingidos.

E o futuro da Associação Sol y Luna?

Queremos as crianças da associação cada vez mais em contato com nossos hóspedes. As apresentações de dança e música já fazem parte da nossa programação. Elas mostram o resultado do trabalho com educação e senso de pertencimento da própria cultura que realizamos.

Pode comentar um pouco sobre os impactos gerados nas comunidades?

Havia uma garotinha chamada Nery, que hoje tem 19 anos. Ela é de uma comunidade quéchua local. Me lembro de um *English Day* da associação em que ela começou a cantar em inglês. Não segurei as lágrimas. Fiquei extremamente feliz e emocionada. Ela se formou conosco e recentemente entrou no curso de direito da Universidade Federal de Lima. Sinto as mudanças e o impacto do que fizemos em tudo ao meu redor. Hoje essa menina é uma jovem mulher, estudando na melhor universidade do país, com um futuro brilhante. Esse tipo de coisa me faz acreditar que realmente somos feitos de energia e que precisamos nos manter humanos.

Aposto que há muitos jovens como a Nery sonhando com novos horizontes...

Definitivamente! O que proporcionamos é uma oportunidade para eles. Mas, sendo sincera, o que eles nos dão em troca, todos os dias, é muito maior. Eles me dão vida. Fazem com que me sinta humana. E enxergo isso acontecer com nossos hóspedes quando visitam a associação.

O contato com a comunidade local é o grande diferencial do Sol y Luna?

Sim. Vivemos em um mundo que nos convence a comprar algo que supostamente nos fará mais feliz. Pode ser uma casa, um carro ou um tênis novo... Não importa, a satisfação dura somente um minuto. Ou nem isso. Quando visitamos a associação, entramos em contato com uma cultura diferente da nossa e isso gera uma alegria que dura muito mais. Todos que chegam ao Peru sabem o que vão encontrar em Machu Picchu. Sabem algo sobre os museus e lugares que vão visitar. Sabem até mesmo o que esperar do Sol y Luna. Recentemente, uma família americana, depois de visitar todo o país, chegou ao nosso hotel e foi conhecer a associação, algo que não estava no roteiro. Na partida, me disseram que era a melhor memória que levariam do Peru e que a melhor recordação da viagem foi o contato com as crianças. Para mim isso é a essência do que fazemos.

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse *revistaunquiet.com.br*

CRÔNICA

Istambul

As aventuras de conhecer a Europa e a Ásia numa viagem só – e comprovar que os turcos são ótimos vendedores

POR WASHINGTON OLIVETTO ILUSTRAÇÃO CLÁUDIA PROUSHAN

Estive em Istambul, pela primeira vez na vida, em 2013. Eram três dias de um *summit* do McCann Worldgroup e eu, como sócio da WMcCann no Brasil, não podia faltar.

Gostei do hotel, o Ritz Carlton, da magnífica comida turca que eu já conhecia um pouco, mas não tive tempo de conhecer a cidade. Foram três dias de trabalho intenso, com direito a uma pequena parada, para uma visita a uma mesquita. Saí de Istambul curioso.

Em 2019, fui convidado para assistir à final da Champions League que aconteceria em Istambul, em maio de 2020. Imediatamente comprei as passagens de Londres para Istambul e reservei o hotel para aquele espetacular fim de semana – uma final da Champions League sem passagens e hotel comprados com um mínimo de seis meses de antecedência é praticamente impossível. O plano era irmos eu, minha mulher, Patricia, e meus filhos gêmeos, Antônia e Theo.

No início de 2020, a covid-19 se acelerou e a final da Champions League em Istambul, com estádio lotado, foi transferida para a cidade do Porto, com estádio vazio.

Sobraram no meu colo as mais caras passagens de avião e o mais caro fim de semana em um dos maiores e mais luxuosos hotéis daquela cidade: o Raffles. Normal que isso aconteça. Nas finais da Champions os preços se multiplicam por cinco ou seis vezes. O número de voos é ampliado e os hotéis ficam superlotados. Seis meses antes, só tinha disponibilidade no Raffles.

Em setembro de 2020, com as perspectivas de melhoras da covid-19, resolvemos aproveitar as passagens e o hotel já pagos para visitar Istambul por três dias. Acrescentamos a essa viagem os magníficos serviços da experiente guia Gonka Kaya.

Graças a ela, em três dias viramos Istambul de cabeça pra baixo. Passeamos de barco pelo Bósforo, aprendendo sobre o lado europeu e o lado asiático, visitamos o palácio Dolmabahçe e almoçamos no Bazar das Especiarias. Jantamos no restaurante Spago, que, por sinal, é melhor do que o Spago de Los Angeles, visitamos a Mesquita Azul, o palácio de Topkapi e estivemos no Grande Bazar. Jantamos no Sunset Grill & Bar, com boa comida, gente bonita e música de alta qualidade.

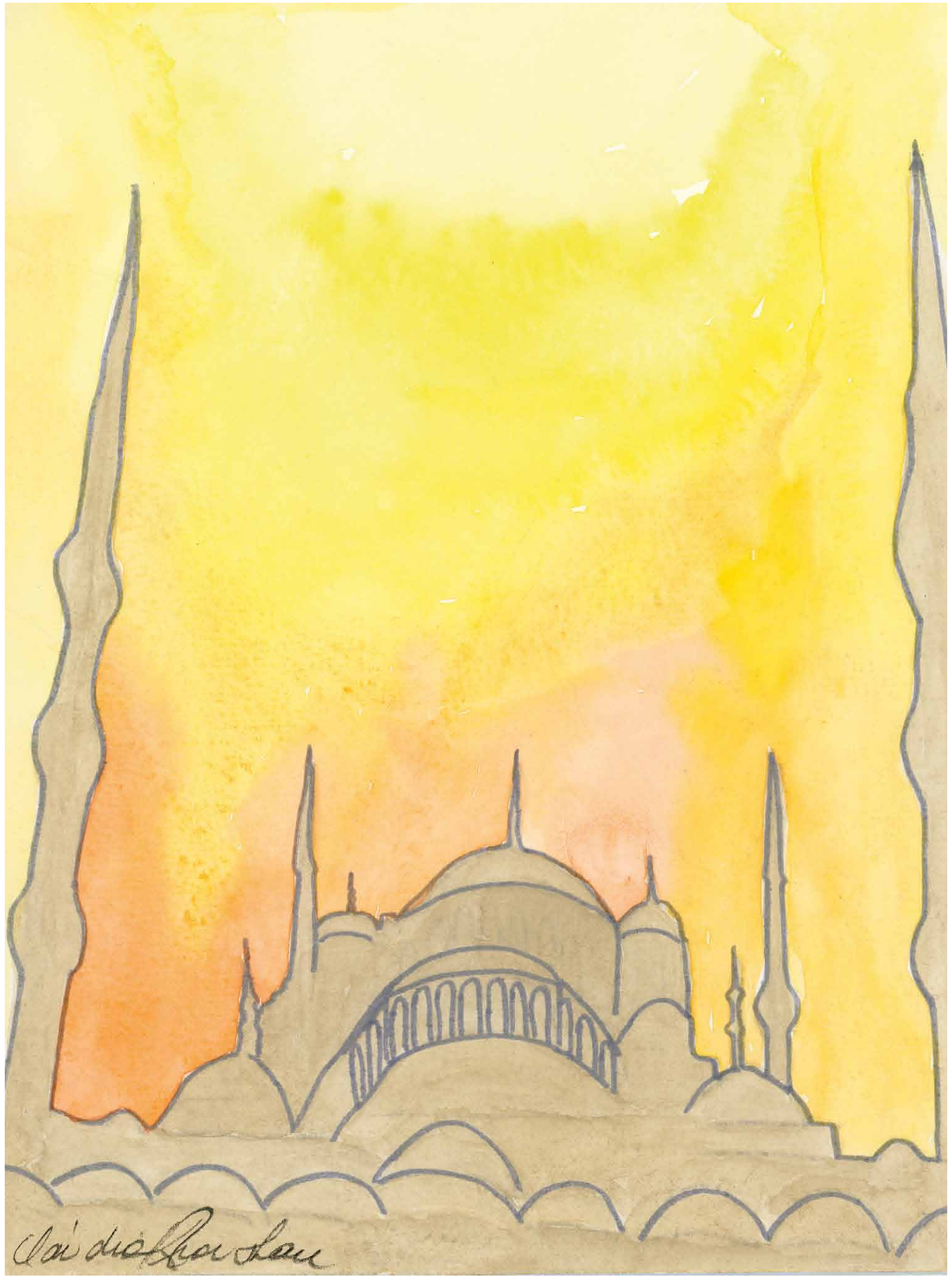
Consumimos produtos típicos como o chá preto, a bebida nacional da Turquia; *manti*, uma espécie de ravióli recheado com carne, molho de iogurte e especiarias; e saboreamos o *lokum*, uma das sobremesas turcas mais icônicas, feita com pistache, nozes e frutas.

Ficamos só de sexta a domingo em Istambul porque tínhamos compromissos de trabalho e escola já na segunda-feira, mas se não fosse isso ficaríamos por lá, tranquilamente, uns dez dias.

A cidade é uma mistura de várias capitais do mundo, incluindo pedaços que lembram o centrão de São Paulo, o Rio de Janeiro à beira-mar, o Pelourinho em Salvador e Nova York com sua diversidade.

Detalhe surpreendente: quando voltamos pra Londres, fomos comunicados pela Turkish Airlines e pelo hotel Raffles que íamos receber um dinheiro de volta porque havíamos pago o valor de um fim de semana da Champions League e usado em um fim de semana de baixa temporada. E recebemos mesmo.

O que só reforça a fama que os turcos têm de serem ótimos vendedores.



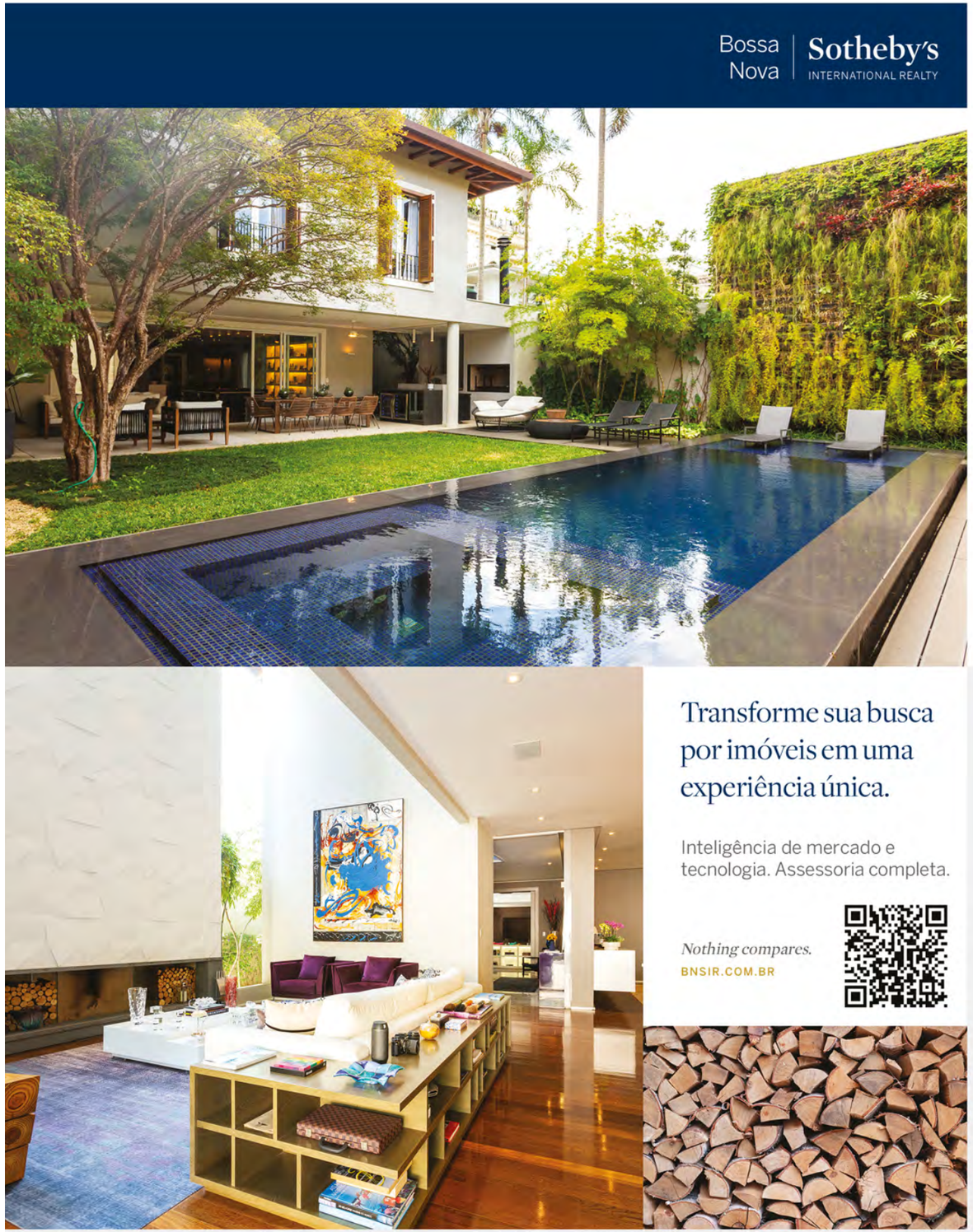
Inspiradores



ALAMY

SIR WILFRED THESIGER (1910–2003)

Ele viu a Arábia bem antes do *boom* do petróleo e uma África quase sem automóveis. Thesiger encarou sua primeira expedição aos 23 anos. Passou uns tempos com a tribo etíope danakil, uma das mais temidas do continente (tinham o hábito de castrar prisioneiros), para mapear a região. Depois de servir no norte da África e na Síria durante a Segunda Guerra (1939–1945), viajou até a península árabe, onde recolheu informações para um projeto de controle de gafanhotos. Lá encontrou os beduínos, os nômades do deserto, que o acompanhariam em sua histórica epopeia pelo chamado Empty Quarter, a imensa área desértica entre o Golfo Pérsico e o Mar Vermelho. Durante a jornada, a pé e no lombo de dromedários, Thesiger viveu como um nativo: passou fome, sede e quase morreu. Mas tornou-se o primeiro ocidental a cruzar, duas vezes, e pela rota mais perigosa, a inóspita região entre 1945 e 1950. As memórias desse mundo desconhecido – no qual a maior dádiva se resumia a encontrar água não contaminada pela urina de dromedários – estão em *Arabian Sands* (1959), um de seus nove livros, que *Sir* Wilfred costumava reler nas horas vagas. "É minha passagem de volta a um tempo, lugar e espírito extintos pela desgraça da civilização moderna", costumava dizer esse inglês nascido na Etiópia.



JARDIM PAULISTA, SÃO PAULO

High
é ter um **time de especialistas** à disposição

High
é usar uma **estrutura** exclusiva para **conveniência**

High
é receber **soluções** financeiras **customizadas**

High
é contar com **planejamento e gestão** de patrimônio



Aqui você é High.

Safra High Net.
Conheça essa nova experiência de relacionamento.

Safra | High Net

Eleve suas expectativas.

Central de Atendimento Safra High Net: 55 (11) 3003-9096 (capital e Grande São Paulo) e 0800-772-9096 (demais localidades) – de 2ª a 6ª feira, das 8h às 21h30, exceto feriados. Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC)/Proteção de Dados: 0800-772-5755; atendimento a portadores de necessidades especiais auditivas e de fala: 0800-772-4136 – 24 horas por dia. Ouvidoria (caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito): 0800-770-1236; atendimento a portadores de necessidades especiais auditivas e de fala: 0800-727-7555 – de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados; ou acesse www.safra.com.br/atendimento/ouvidoria.htm. www.safra.com.br